

Daniel dos Santos Fernandes



Foto da capa: fundoindex, disponível em <http://www.verde.vagomundo.com.br/> 26 ago 06

Benedictu Placere: Uma Campanha na Amazônia Paraense

Belém-Pará

Set/2008

**Universidade Federal do Pará
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Doutorado em Ciências Sociais
Área de Concentração: Antropologia**

Benedictu Placere: Uma Campanha na Amazônia Paraense

Belém-Pará

Set/2008

**Universidade Federal do Pará
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Doutorado em Ciências Sociais
Área de Concentração: Antropologia**

Benedictu Placere: Uma Campanha na Amazônia Paraense

Daniel dos Santos Fernandes

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

Orientadora: Maria Angelica Motta-Maués

Belém-Pará

Set/2008

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca de Pós-Graduação do IFCH/UFPA, Belém-PA)

Fernandes, Daniel dos Santos

Benedictu Placere: uma campanha na Amazônia Paraense / Daniel dos Santos Fernandes, Maria Angelica Motta-Maués. - Belém, 2008

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2008.

1. Antropologia. 2. Antropologia na literatura. 3. Monteiro, Benedicto, 1924- - Crítica e interpretação. 4. Literatura brasileira - Pará. I. Título.

CDD - 22. ed. 301

Universidade Federal do Pará
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Doutorado em Ciências Sociais
Área de Concentração: Antropologia

Benedictu Placere: Uma Campanha na Amazônia Paraense

Daniel dos Santos Fernandes

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

DATA DE APROVAÇÃO: 10 de Setembro de 2008
BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Angelica Motta-Maués – Orientadora
Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Raymundo Heraldo Maués - Membro
Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira – Membro
Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Sílvio Augusto de Oliveira Holanda - Membro
Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. José Guilherme de Oliveira Castro – Membro
Universidade da Amazônia

SUMÁRIO

Lista de Siglas 7

Resumo 8

Abstract 9

Agradecimentos 10

Nota sobre a linguagem cabocla presente na Tetralogia 11

INTRODUÇÃO 12

CAPÍTULO I O campo e seus “sumano”

NA CONSUMIÇÃO PELO SABER 23

“ENTRE O VERDE-DISTANCIA E O VAGO-ESPAÇO” 29

A VERDE-CONSTRUÇÃO DE UM AMAZÔNIDA 35

DO CORRER TERRA A NARRADOR DA TERRA 49

PARESQUE UM CAMPO 59

CAPÍTULO II Descendo o rio

“BEIRADIAR” 71

O CAMINHO É “MERMOMASSIM” 77

“ESPIA SÓ A MAROMBA” 84

CAPÍTULO III Subindo o rio

“ARRIBAR” 94

“A CUMO” 107

“DIZENDO ELE” 120

CAPÍTULO IV Entre as margens

“BÊRA” 125

“TERCEIRADIAR” 134

“VORTÔ” 146

Arribô e vortô 152

Bibliografia 156

Anexos 161

LISTA DE SIGLAS

CAPES – Coordenação de Apoio de Pessoal de Ensino Superior

FUNARTE - Fundação Nacional de Arte

IPM – Inquérito Policial Militar

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PDA – Plano de Desenvolvimento da Amazônia

PDT – Partido Democrático Trabalhista

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PND – Plano Nacional de Desenvolvimento

PPGCS– Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

PSD – Partido Social Democrático

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

UDN – União Democrática Nacional

UFPA- Universidade Federal do Pará

RESUMO

Este trabalho é uma análise antropológica a partir da relação autor/obra da literatura dita ficcional, levando em consideração o percurso do autor e da obra no campo social, o que poderia ser confundido com um estudo de crítica literária, de tez mais sociológica. Esta última, pode levar-nos a, por exemplo, um estudo de gêneros literários, análise do uso da linguagem literária, e suas utilizações dentro de um determinado momento sócio-histórico. No entanto, todos esses matizes não chegam a romper com a visão da literatura que parte da individualidade criadora, levando-nos a uma apreensão ingênua do texto literário. Na tentativa de irmos além destas questões, utilizamos o texto literário como mais um instrumento do qual o homem faz uso para tentar entender a sua época. Situando o texto literário a partir das características que ratificam sua escrita, em seu tempo-espaço. Assim, analisamos o percurso do autor, Benedicto Monteiro, um dos representantes da intelectualidade na Amazônia, a partir de seus textos literários “*Verdevagomundo*”, “*O minossauro*”, “*A terceira margem*” e “*Aquele Um*”, denominados Tetralogia Amazônica. Fazendo contrapontos com seu texto autobiográfico *Transtempo*, e suas falas através de entrevistas entre o autor/agente-objeto de pesquisa/autor, a procura de mediações, também construídas em outros espaços sociais, que podem tornar o autor e seus textos literários, uma maneira a mais de lermos a década de 70 do século XX, momento de intensa incursão do governo militar na Amazônia, que, no texto desse escritor, é pontuado na Amazônia Paraense, Baixo-Amazonas.

Palavras-chave: Literatura, Amazônia, Campo Social, Governo Militar, Antropologia.

ABSTRACT

This work is an anthropological analysis starting from the relationship author/text of the literature said fictional, taking in consideration the author's course and of the work in the social field, what could be confused with a study of literary critic, of more sociological complexion. This last one could take us to, for instance, a study of literary genders, analysis of the use of the literary language, and their uses inside of a certain social-historical moment. However, all those shades don't get to break with the vision of the literature that leaves of the creative individuality, taking us to a naive apprehension of the literary text. We will use the literary text as one more instrument of which the man makes use to try to understand their time. Placing the literary text starting from the characteristics that ratify the bookkeeping of a literary text in its time-space. Then, we will analyze the author's course, Benedicto Monteiro, one of intellectuals in Amazon, starting from his literary texts "*Verdevagomundo*", "*O minossauro*", "*A terceira margem*" e "*Aquele um*", called Amazonian tetralogy making an against-point with his autobiographical text *Transtempo* and his speeches in reports author/agent-subject of research/author, seeking the probable mediations, also built in other social spaces, that can turn this author a more way of reading the decade of 70 in the Century XX, moment disturbed in Brazil and of the military government's intense incursion in the Amazon, that in Benedicto Monteiro's text is punctuated in the *Amazônia Paraense*, *Baixo-Amazonas*.

Keywords: Literature, Amazon, Social Field, Military Government, Anthropology.

Agradecimentos

Agradeço a todos que tornaram possível a realização deste trabalho, a começar pelos professores, em especial as Profs. Angelica Maués e Jane Beltrão por acreditarem em meu trabalho em um momento em que eu acabava de sair de uma “fricção inter-acadêmica”, colegas e funcionários do doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, PPGCS/UFPA, que me forneceram conhecimentos, discussões, estímulo, apoio durante toda minha formação acadêmica.

A Benedicto Monteiro e família, meu respeito e admiração serão eternos.

No entanto, não posso deixar de lembrar de meus amigos fiéis, Márcia Fernandes, meus filhos, meu irmão Guilherme, aqueles pela retaguarda que me deram, incondicionalmente, nos momentos em que me ausentei das atividades de marido e pai no início de construção de tese , e este pelo apoio acadêmico. A minha mãe, pelas rezas, em todos os matizes religiosos que esta guerreira-mulher transita, e minha companheira Neila Almeida por suportar minhas “neuras” de final de tese.

Nota sobre a linguagem “cabocla” presente na Tetralogia Amazônica

a cumo - expressão utilizada quando se pretende saber o preço de algum bem ou serviço; o mesmo que “quanto custa”.

aquele um – é uma maneira bem peculiar do paraense se referir a alguém que está distante, mas ao alcance da visão de quem fala.

arribar - sair, “ir embora”.

beiradiar - aproximar ou estar próximo à margem ou de alguma coisa.

bêra - expressão que significa beira, utilizada especificamente para margem de rio.

bubuia (ficar de) – ficar na superfície da água, de um rio, igarapé, flutuando.

consumição - inquietação

dizendo ele - expressão utilizada para dizer que foi ele (ela) que afirmou alguma coisa.

maromba - casa de madeira, construída em pilares de madeira muito altos.

mermo assim - bem assim, mesmo assim

paresque – parece

sumano - uma corruptela de “seu mano

vortô - expressão que significa voltou

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um esforço para compreender o texto literário utilizado como instrumento analítico no campo das Ciências Sociais, particularmente uma maneira a mais de lermos as décadas de 60/70, século XX, no Pará – contexto histórico de intensa repressão política no Brasil e de grande incursão do governo militar¹ na Amazônia. A partir da trajetória de Benedicto Monteiro, autor paraense, em contraponto com sua obra denominada Tetralogia Amazônica. Para realizar este trabalho analítico também utilizamos sua obra autobiográfica chamada Transtempo. Percorremos as possíveis relações entre o escritor e o momento sócio-histórico. Um estudo deste intelectual a partir de sua inserção no espaço intelectual paraense. Verificamos como Benedicto Monteiro se conduzia na agregação de dividendos, ao transitar pelos diversos espaços sociais, analisando suas falas, tanto a partir de suas personagens bem como, pessoalmente, aquilo que este “contou” ao autor, em nossas tantas conversas. Assim, acredito que este trabalho foi uma agregação de conhecimento mútuo, num processo dialógico, em que o autor, durante a escrita e principalmente ao final do trabalho optou por possibilitar que a voz do agente-objeto de pesquisa se sobrepusesse mais que a dele. Desta forma, oportunizaria que o leitor deste texto tivesse condições de trabalhar melhor o processo de intertextualidade, deixando bem mais tênue a intervenção textual do autor. Esta preocupação estendeu-se ao aspecto teórico do texto, razão pela qual procurei utilizar os teóricos das Ciências Sociais de uma forma que pudesse ter mais adequação à maneira de trabalhar com o agente-objeto de pesquisa, em suas falas, contextual-engajadas, tanto escritas como faladas e em seus silêncios, estes eloqüentes. Eloqüência que posso ratificar pela situação de busca e estudos a que me propus fazer e intensificadas pelo aspecto dialógico, citado anteriormente, construído com o caminhar da pesquisa.

¹ A partir de 1964 inicia-se no Brasil um movimento antidemocrático conhecido como ditadura militar que assenta um governo que dura por volta de 20 anos. A respeito de suas incursões em alguns segmentos da cultura e economia brasileiras verem, entre outros, RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Record, 2000. e ÉLERES, Paraguassú. *Intervenção Territorial Federal na Amazônia*. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

A Tetralogia Amazônica é dividida por Benedicto Monteiro em:

a) *Verdevagomundo*, um romance construído sobre a trajetória de um major, herói da Campanha Brasileira na Itália², na Segunda Guerra Mundial, que volta a uma determinada área do Baixo-Amazonas onde possui terras, fruto de herança paterna, com o intuito de vendê-las. Este conhece um mateiro que será seu guia para o reconhecimento de suas terras; a partir deste contato surge o interesse do major pela narrativa do referido guia, de alcunha Cabra-da-Peste (Miguel dos Santos Prazeres), desenvolvida no percurso feito pelos dois através de veredas e lagos da região, como mateiro. A personagem Cabra-da-Peste, por meio de suas falas, leva o leitor a perceber uma natureza rebelde, uma paisagem estonteante da região utilizada como cenário do romance, adentrando em uma atmosfera de uma cidade da Amazônia;

b) No *Minossauro*, inspirado na mitologia grega e amazônica, o romancista cria uma espécie de homem-réptil. A construção metafórica do minossauro serve para mostrar, como fala Benedicto Monteiro, “uma luta entre a Natureza e a Cultura, e é a natureza, como cosmo, que sai vitoriosa”³, na Amazônia. Com esta estrutura narrativa híbrida, trabalhando o universal e o local, são apresentadas algumas crenças amazônicas, tais como a inserção do ferrão do poraquê⁴ no braço para dar maior força, proteção e virilidade – como que transformando o homem nativo em uma espécie de ser especial integrante da Natureza.

2 Participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial, guerra contra o fascismo. Apesar de o Brasil estar sobre um regime ditatorial com bases fascistas, o Estado Novo getulista participou com um contingente militar junto aos Aliados. Atribui-se o motivo da participação ao torpedeamneio de navios mercantes brasileiros, em fevereiro de 1942 em apenas cinco dias, seis navios foram a pique no Oceano Atlântico, por submarinos supostamente alemães. Entre setembro de, 1944 a maio de 1945 a chamada Força Expedicionária Brasileira atuou na Itália, sendo um dos auxílios ao chamado “Trampolim da Vitória” ou Desembarque da Forças Aliadas na Normandia.

3 Para o escritor existe uma relação conflituosa entre a Natureza, com seus componentes fauna e flora, e a Cultura no sentido de instrumentalização do Homem. Em *Minossauro* esta natureza “antropomorfizada” consegue sobrepor sua vontade ao conjunto instrumental dos homens. Desta forma, a Natureza é como o **Cosmo** ou **cosmos** (do grego antigo κόσμος, transl. *kósmos*, “ordem”, “organização”), um estruturador da totalidade na ideia de uma espécie de universo amazônico.

4. Como é chamado, na maioria do espaço amazônico, o poraquê, uma espécie de peixe que, como proteção, emite descargas elétricas.

c) *A terceira margem*, construído no cenário de uma Amazônia que apresenta uma forte diversificação cultural, na época favorecida pelas migrações estimuladas pelo governo militar como forma de ocupação. Neste contexto, projeta-se uma personagem, Miguel dos Santos Prazeres, que vem sendo construída desde o primeiro livro da Tetralogia da qual Benedicto Monteiro utiliza-se para a descoberta dos limites da linguagem, linguagens que se misturam ratificando o caráter dinâmico da língua. E, nessas várias linguagens, é discutida a cidade do futuro e o destino imprevisto para a aventura do homem. A imposição de uma nova ordem social, observável nos discursos e novos procederes que se instalam nas cidades da Amazônia levam à reflexão, sob o ponto de vista da personagem Miguel dos Santos Prazeres, de que as duas margens dos rios, das ruas e do papel já não são suficientes para marcar o conhecimento acumulado pelo homem da região;

d) *Aquele um*, feito só com a linguagem utilizada por Miguel dos Santos Prazeres, sem nenhuma preocupação com a definição do tempo e do espaço, num universo amazônico, com base nas várias aventuras narradas por este. O romance é dividido em três partes distintas. Primeiro vem a saída da casa paterna, sua formação e sua relação quase amorosa com a floresta. Depois é a luta para a conquista de seu sonho. Seu sonho maior é todo amor pelo rio. Neste trecho ele torna-se quase anfíbio. Por fim, vem sua relação com os diferentes representantes da ocupação na Amazônia durante a ditadura militar, a internalização das regras de assimetria entre gêneros, com predominância do machismo entre outras, aceitas pela comunidade e a resistência do nativo.

Daí nasce toda uma relação íntima do homem com a natureza, que o leva a buscar uma árvore que simbolize sua ausência da casa paterna. Neste livro, o autor reúne apenas a fala de Miguel dos Santos Prazeres, o personagem-elo da Tetralogia Amazônica.

O leitmotiv dessa tese foi minha incomodação quanto a visão muito forte nos segmentos da crítica literária, mais ortodoxa, que ainda persistem em criar um distanciamento do autor da literatura com as ditas “coisas do mundo”, dando um cunho quase esotérico ao texto literário, como concluo em um dos capítulos de minha dissertação de mestrado intitulada “Narrativa e música: uma leitura interdisciplinar” (FERNANDES, 2002). Observei, durante o mestrado em Estudos Literários, no qual se estudam as diversas visões do fazer literário, uma ênfase muito grande na delimitação dos espaços sociais

ocupados por escritores e pelos ditos homens comuns, tanto por parte de teóricos que fazem distinção das letras entre literatura [rica] e literatura [pobre], quanto pelos alunos com formação exclusivamente em literatura e em sua maioria prosélitos dos referidos teóricos e ratificadores da existência do “espaço literário mundial” como discute CASANOVA (2002), como um espaço ratificador do que é considerado literatura. Para sustentar esta ênfase, foi construída uma classificação do texto literário. Assim, haveria uma literatura canonizada, aceita sem grandes problemas pelos meios acadêmicos; bem como, teríamos outra literatura, chamada “de consumo”. Esta não perduraria, por ser trivial e carecer de qualidades institucionalizadas pelas universidades, academias de letras e críticos reconhecidos, que a oporiam à literatura clássica - literatura de valor modelar, preservada como suprema herança cultural de uma comunidade e que suscitaria, ao longo do tempo, pluvímodas leituras. Porém, com o aparecimento da necessidade de respeitarmos o diverso, é construído um discurso dentro das universidades, particularmente nos Centros de Letras, de uma via para atender ao apelo social. Teríamos então a literatura chamada popular, não-canonizada, isto é, a literatura não inscrita no catálogo dos textos fundamentais, sob os aspectos estético, semântico-pragmático e lingüístico, porém, de patrimônio literário de uma comunidade que poderia ser aceita nos meios acadêmicos, desde que apresentasse alguns preceitos canônicos, coerentes com o sistema ideológico de quem faz a análise literária, o que não deixou de produzir problemas nas várias escolas de críticos mais ortodoxos da crítica literária, produzindo discussões homéricas sobre o assunto.

Mas, o que é popular? Se entendermos que popular vem de povo, como conceituaríamos povo para um melhor entendimento da construção de uma base para a análise do literário popular? Podemos designar povo, ao mesmo tempo, os habitantes de um mesmo país que compõem uma nação, uma multidão de pessoas e, mais comumente, a parte mais pobre de uma nação em oposição aos nobres, ricos, esclarecidos, que seriam em sua totalidade produtores de cultura ou pelo menos trabalhos por “lucros que também podem ser obtidos, sobretudo nas conjunturas favoráveis, com a defesa de “boas causas” culturais, como diz BOURDIEU (1983). Produz-se, então, uma ambivalência em um adjetivo substantivado — popular, trabalhando o critério análogo e de identificação. Sob esse enfoque, surgiram duas tendências analíticas: uma voltada para o aparecimento de uma cultura de massa, assinalando a importância das formas marginais em relação ao chamado erudito, e o

interesse em traduzir a gênese das diferenciações sócio - econômicas nas culturas, e outra perpetuando uma visão canônica, esta ignorando aquela.

Também, o trabalho com o popular toma o matiz de sedução o que, a exemplo de Diderot, só poderia levar à desconfiança, pois, “chamam-se populares aqueles que procuram atrair a benevolência do povo. (...) Ora, como o povo não é amável, pode-se supor alguma intenção secreta àqueles que o elogiam” (DIDEROT apud BERND e MIGOZZI, 1995).

Assim, a relação do letrado com o popular não pode ser nunca uma relação inocente: a tomada de consciência pelos intelectuais da dificuldade de estabelecer e manter uma relação que não se torne uma apropriação e, posteriormente, uma dominação de conhecimento, seria a principal questão daquilo que se transformaria em erudito, e a partir desta atitude a negação ou não do que foi popular.

Existem pressupostos e convicções que criam uma imagem positiva e harmoniosa da vida literária na civilização ocidental e, como resultado de uma “seleção espontânea”, criaria-se o cânone de sua história literária que englobaria as melhores obras produzidas no curso da história. No entanto, negligenciando as reflexões literárias de sua própria época (incluindo um sentido de descontinuidade entre os acontecimentos do mundo exterior e sua representação sob forma narrativa)... (BURKE, 1992, p.335). O discutível da afirmação rende polêmica e leva-nos a tentar estabelecer antagonismos e pontos comuns em relação ao erudito e ao popular, nas artes.

Assim, pôde o popular ter uma oportunidade de ser uma das formas das literaturas estudadas no mestrado de Estudos Literários. Foi-me apresentada, até por força da “cobrança” da CAPES, a literatura popular amazônica para que o curso de mestrado tivesse os pés na Amazônia, e desta obrigatoriedade surgiu a leitura da obra de Benedicto Monteiro, entre outros⁵.

5 A “cobrança” da CAPES era fruto de uma visita técnica da referida instituição fiscalizadora, com o intuito de avaliar o programa de pós-graduação em Letras e que indicava como recomendação uma bibliografia que fosse mais próxima da região. Apesar dos clássicos da Literatura Universal não serem banidos, deveriam ficar como coadjuvantes e deveria dar-se a voz aos autores regionais tais como: Benedicto Monteiro, Dalcídio Jurandir, Inglês de Souza, Eneida de Moraes, Lindanor Celina.

Com meu caminhar pela pós-graduação, término do mestrado e pretensão para seleção ao doutorado, aliado ao contato que já tinha com Benedicto Monteiro enquanto “vizinho por afinidade”, ele na verdade era vizinho de minha sogra, por conseguinte muitas conversas informais, fui sendo levado a algumas questões, tais como: Como ficaria a obra de Benedicto Monteiro no campo literário? Benedicto não tem sua obra em grande circulação no campo literário e não aceita seus livros fora do catálogo dos textos literários que representariam a literatura na Amazônia. Mais tarde, já em minhas primeiras conversas, agora para minha pesquisa de tese, observei que Benedicto Monteiro diz que sua obra tem o propósito de informar o contexto, e seria uma espécie de representação da fala do homem da Amazônia Paraense, especificamente do Baixo-Amazonas, também não vê sua literatura como engajada⁶, mas sim de contexto, diferença que será demonstrada através das “conversas de campo” e transcritas mais à frente neste trabalho. Assim, com a existência de muitas questões em nível de discurso nos textos literários de Benedicto Monteiro, bem como durante suas falas nas “conversas com Benedicto”, denominação que dei ao meu trabalho de entrevistas, fiquei mais motivado a trabalhar em bases analíticas que me direcionavam para o campo das Ciências Sociais.

As provocações do texto literário, do intelectual e seu pretense não-engajamento nas questões sociais, que sua obra literária não nega, meu problema de tese toma corpo; Benedicto Monteiro constrói-se como um misto de homem oriundo de um segmento privilegiado economicamente de uma cidade no Baixo-Amazonas, Alenquer, sem querer tornar muito visível essa origem. Quer representar o homem que vive na Amazônia, mas sente falta de reconhecimento, seja por sua obra literária não ser considerada representativa no catálogo da literatura na Amazônia ou no campo político-partidário, com sua atuação na Câmara de Vereadores de Alenquer, sem muita expressividade, segundo suas falas nas “conversas de campo”.

Posteriormente suas atuações na Secretaria de Estado do Pará, Defensoria Pública do Estado do Pará, estes dois com uma atuação frente as questões agrárias no sul do Estado e posteriormente como Deputado Estadual, com atuação na constituinte, foram mais visíveis para o escritor, fatos observáveis em sua escrita e falas durante as “conversas com

⁶ Para uma discussão sobre literatura e engajamento, ver DENIS, 2002.

Benedicto”, que serão trabalhadas mais adiante. Estas construções me levaram a ratificar uma linha de pensamento que via estas formas de enunciação, para produção de discursos, como prováveis meios de mostrar a necessidade de mediações, do homem contemporâneo – em particular, aqui, a trajetória de Benedicto Monteiro, um intelectual, político, escritor e sua obra literária na Amazônia Paraense na década de 60/70. Percurso que possibilitaria a análise das tensões sociais e culturais desse contexto amazônico de uma determinada época que poderiam ser observadas sob o ponto de vista de um representante da intelectualidade da região.

Assim, por acreditar em uma relação entre literatura e sociedade em que existe um processo no qual comparece o autor, o texto e o leitor como tríade do momento máximo da interpretação dos diversos modos de produção de um determinado momento ou tempo histórico, no qual este autor e este leitor são agentes e o texto o meio dialogar, procurei ingressar com minha análise no campo das Ciências Sociais, em particular da Antropologia, mediado pelas categorias tempo/espaço, predominantemente o tempo, em uma semântica mais solta das amarras que as linguagens tendem a utilizar, fechando a significação. Utilizei o sentido mais plástico a que ELIAS (1998, p.37) faz referência, um *zeiten* (“temporar”).

A questão do tempo, em que se processa o diálogo narrativo na literatura pode ajudar nas interpretações interativas entre sujeito/objeto, fazendo com que o escritor possa melhor ser visualizado pelo pesquisador, levando em direção a uma espécie de representação que poderá ser uma das respostas, dentre “as respostas para construções históricas que têm a ambição de serem reconstruções que respondam à demanda de uma face-a-face” (RICOEUR, 1997, p. 274), que seria o alvo deste trabalho, o intelectual (sujeito) e seu discurso literário (objeto). Este conceito é basilar para a análise interpretativa sujeito/objeto, tendo como enfoque principal, a questão do texto como espaço de conflito dos diversos modos de produção, em que a representância significa “ora a redução ao Mesmo, ora reconhecimento da Alteridade, ora apreensão analogizante”. (RICOEUR, 1997, p. 274).

Assim, o dialogo narrativo na literatura poderá ser a “propriedade nuclear de textos com diversas funções socioculturais e variados enquadramentos pragmáticos...” (RICOEUR, 1997, p. 274), mediado pela atualização e saturação de processos de leituras interpretativas, levando o texto à obtenção de significados sociais. É deste ponto da

apresentação de conceitos, que começamos a trabalhar, com uma visão recorrente em Hommi Bhabha (2001), em que a narrativa é entendida como o discurso representativo de um segmento social e a narratividade as diversas possibilidades de leituras decorrentes da interação interpretativa do interior e do exterior do texto. Desta forma, este processo de narração/narratividade ou representação/possibilidades conduziria os textos a um modo de relacionamento de condutas culturais e aos valores que elas se referem objetivamente para lhes restituir sentido no contexto em que foram construídos. Sem no entanto, deixar de estar atento para a possibilidade para que Bourdieu (2004(b), p.63) chama a atenção, “a relação do observador aos valores daqueles que ele observa (e, por conseguinte, ao valor deles) toma lugar da relação que estes mantêm objetivamente com seus valores”.

Acredito que será importante vermos alguns conceitos como narrativa, diálogo narrativo, que transitam na Literatura, Sociolinguística e que dão suporte também para o método da análise do discurso - este também utilizado nas Ciências Sociais, e que poderemos em alguns momentos utilizar - para que durante a retomada do caminhar de Benedicto Monteiro no espaço da linguagem amazônica, como o próprio escritor fala, tenhamos alguns parâmetros que são utilizados na Literatura e Antropologia, propiciando a identificação de estruturas internalizadas que ajudariam nas análises antropológicas.

Assim, tenho um trabalho que já de início utiliza como nome o trocadilho *Benedictu Placere* para chamar a atenção quanto as semelhanças entre o autor Benedicto e a personagem que ao longo da Tetralogia vai tomando corpo, Miguel dos Santos *Prazeres*, daí tiro *Placere* como que numa espécie de sobrenome. O subtítulo “uma campanha” está relacionado tanto ao espaço físico quanto a uma luta com as estruturas psicossociais que o autor trava. Para dar conta das diversas passagens necessárias pelo portal que liga o “fictício” e o “real” optei por dividir o trabalho em 4 capítulos.

No Capítulo I, apresento o espaço geográfico utilizado como campo de construção textual literária de Benedicto Monteiro em sua Tetralogia Amazônica. Segui o percurso do escritor no mundo social amazônico observando suas primeiras relações mediadoras, particularmente, nos campos familiar, intelectual. Percurso esse associado, interrelacionado ao campo literário, já utilizando na discussão dos textos da Tetralogia amazônica, bem como o texto autobiográfico *Transtempo* e fragmentos das primeiras conversas com Benedicto Monteiro.

Foram observadas relações, de naturezas distintas, que podem ocorrer simultaneamente, propiciando um acúmulo de capital social, resultado de posicionamentos diferenciados nos campos percorridos. Terminei este capítulo falando sobre as estruturas internalizadas que observamos em Benedicto Monteiro, que podem ter influenciado seu trânsito nos diferentes espaços sociais.

No Capítulo II, demonstrei a instabilidade e inatingibilidade de qualquer sujeito/objeto de pesquisa ideal, entendendo como ideal a possibilidade de plena harmonia em um espaço social sem a presença de conflitos, em decorrência da disputa por lugares mais valiosos nos campos sociais transitados. Desta forma, o sujeito/objeto não existe em si, mas estrutura e é estruturado por relações sociais construídas a partir de mediações, o escritor na construção tetralógica demonstra, mesmo que não conscientemente, mas através da internalização de estruturas sociais adquiridas, a partir da relação ficção/realidade, a melhor posição dentro dos diversos campos sociais que pode servir de capital social para o ingresso em outros campos. Levo em consideração a tessitura, a figura e o gesto (três aspectos textuais) que podem ser elementos de determinado espaço social aptos a serem lidos antropologicamente. A partir deste enfoque retomei a Tetralogia amazônica, neste capítulo o texto *Verdevagomundo*, algumas vezes o texto autobiográfico *Transtempo* e aprofundei minhas análises das relações sócio-políticas construídas por Benedicto Monteiro, levando em consideração o já apresentado, no cap. I, e o posicionamento idealista do escritor, construído a partir de seu pensamento de liberdade, intensificado quando de seu contato com os ideais de liberdade da Revolução Francesa, liberdade, igualdade e fraternidade e dos desdobramentos nas suas idéias reflexivas por um espaço amazônico mais reconhecido socialmente e não exoticamente. Bem como, os questionamentos, a validade das possíveis estruturas internalizadas pelo nativo da Amazônia, utilizadas para proveito do governo militar durante a incursão deste na região.

No Capítulo III, discuti o risco de leitura fragmentada na análise de campos sociais, quando se percorrem campos diferenciados. Neste ponto, procuro acentuar as possíveis interseções e mediações. Mediações decorrentes da provável plasticidade dos espaços, que poderiam em um primeiro momento nos levar a pensar em sua negação, devido estes sugerirem espaços delimitados. A possibilidade de plasticidade decorreria da facilidade de

intercambialidade dos diversos capitais sociais. Para atingir estas possibilidades continuarei usando *Verdevagomundo* e inicio o uso do segundo livro da Tetralogia intitulado *O Minossauro*, algumas vezes o texto autobiográfico *Transtempo*, sempre preocupado em não perder de vista a Tetralogia em sua totalidade.

No Capítulo IV estudei prováveis negociações, a partir do acúmulo de capital social, do intelectual Benedicto Monteiro, diversificado para o trânsito e relações em momentos de crise, em particular nos momentos limites de opressão política. Neste ponto, ao invés de estudar momentos estanques do trânsito nos espaços sociais, buscarei os pontos de interseção, a partir da relação Benedicto Monteiro e espaços sociais e a questão da linguagem. Usarei os dois últimos livros da Tetralogia *A Terceira Margem* e *Aquele Um*, levando em consideração que este último possui aspectos da linguagem especificamente utilizada pela personagem Miguel.

CAPITULO I O campo¹ e seus “sumano²”

1 Usarei neste trabalho a noção de campo como a posição de cada agente em todos os espaços de jogos possíveis dando-se por entendido que, se cada campo tem a sua lógica própria e a sua hierarquia própria, a hierarquia que se estabelece entre as espécies do capital e a ligação estatística existente entre os diferentes haveres fazem que o campo econômico tenda a impor a sua estrutura aos outros campos. (BOURDIEU, 2004(a), p.135).

2 Uma corruptela de “seu mano”, uma forma de tratamento usada pelos nativos das cidades do interior do Pará. (SILVA, Daniel e MESQUITA, Roberto. Glossário do falar popular alenquerense. Belém: IPTA, 2006, p. 229). Este glossário se propõe a trabalhar com as diversas formas lingüísticas utilizadas pelos nativos do município de Alenquer, no Estado do Pará.

O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder....

(BOURDIEU, 2004(a), p. 15).

NA CONSUMIÇÃO³ PELO SABER

Meu encontro com Benedicto Monteiro foi uma questão que atravessou vários aspectos, talvez híbridos, de um viver de uma pessoa que quer conhecer muito além do que é visivelmente aceito. Tinha recém-chegado de Brasília, no início da década de 90, e fui morar no mesmo conjunto residencial em que morava o escritor. Neste espaço social, originalmente produto de uma cooperativa habitacional de militares e que nos anos 90 já possuía uma diversidade de moradores oriundos de vários segmentos, não apenas militares; lá, Benedicto era conhecido apenas como “o deputado”, talvez pelo desinteresse que a comunidade tinha por questões relacionadas à literatura, em oposição a questões mais ligadas à política partidária. Era considerado, pelos moradores do conjunto, um homem poderoso com uma família “complicada”⁴, mas com hábitos considerados comuns, como conversar com os moradores e fazer caminhadas matinais. Eu tinha também esta visão de Benedicto até o momento em que, como aluno do curso de mestrado em Estudos Literários, tive contato com uma disciplina chamada Seminário de Literatura Regional, no qual uma das obras estudadas foi a de Benedicto Monteiro. Logo após esta disciplina, cursei Sociologia da Literatura, que me levou a refletir sobre a literatura e a posição dos escritores em seus contextos sociais. Durante estas reflexões pensei, a partir do posicionamento de Benedicto Monteiro na política, o reflexo de sua postura nas falas das suas personagens na Tetralogia Amazônica e a proximidade que já havia construído com ele, na possibilidade de

3 O mesmo que inquietação. (SOBRAL, Raymundo Mário. Dicionário Papachibé. VOL. II. Belém: SECULT/PA, 1998, p. 62). Este dicionário se propõe a trabalhar com as diversas formas lingüísticas utilizadas pelos nativos do interior do Estado do Pará.

4 Talvez o conceito de família de uma autoridade, sem problemas de relacionamento fizesse parte do imaginário dos moradores do conjunto residencial e, não obedecendo a esse estereótipo, os mesmos moradores a classificavam com “complicada”.

pesquisar mais profundamente sobre os acontecimentos históricos ocorridos na década de 70. Observei que não era, portanto, uma questão de simples narrativa ficcional, fruição, mas da percepção de um homem e, provavelmente, a necessidade de cavar fundo para mostrar o chão de uma região que estava sendo aterrada⁵. Então, fui à busca de Benedicto para observar mais profundamente suas narrativas. Inicialmente, minhas pesquisas ficaram muito presas aos Estudos Literários, ative-me mais as análises voltadas à crítica literária tendo no método da análise do discurso apenas uma ferramenta para questões de linguagem, deixando de lado as questões mais sociológicas. Bem como, as pessoas das quais me aproximava para falar sobre a obra de um escritor e agente social, direcionavam sua fala para o aspecto puramente literário, pela importância do estético literário em detrimento das mediações sociais que poderiam ser analisadas no percurso do homem Benedicto Monteiro nos diversos campos sociais. Senti a necessidade de transitar por espaços mais específicos relacionados com a possibilidade de uma interpretação mais voltada para o escritor e suas relações sociais.

Neste momento, encontrei pessoas⁶ relacionadas aos estudos de literatura, que trabalhavam com história oral. As informações obtidas dessas, ligadas à Literatura, com experiência nas pesquisas com oralidade, foram de grande valia para iniciar um processo de construção de conhecimento que pudesse ser mediado por duas categorias presentes ao mesmo tempo, na Literatura e na Antropologia, o tempo e o espaço, sendo o tempo uma espécie de “temporar”, que possibilitaria maior plasticidade em relação àquele tempo preso pelas amarras da semântica específica de determinadas linguagens.

Com base nessas categorias, fui em busca das relações texto literário/campos sociais de Benedicto como autor/agente social, com a particularidade deste ainda estar produzindo literariamente. Assim, meu agente social era também meu campo, em seus diversos matizes.

5 No momento da escrita da Tetralogia Amazônica, o governo militar estava no ápice de sua legitimação política com base nos êxitos econômicos, sustentados por maciços empréstimos internacionais, que colocariam nos ombros das gerações posteriores o peso da imensa dívida externa. (RIDENTI, 2000) Bem como surtiria grandes reflexos negativos para a diversidade cultural da Amazônia.

6 Professores ligados ao projeto de coleta de narrativas orais, chamado IFNOPAP, do Centro de Letras. Que trabalha com o imaginário das formas narrativas orais populares da Amazônia (Ifnopap) desde 1999, contribuindo para trabalhos interdisciplinares da graduação à pós-graduação.

Meu primeiro contato, agora na posição de pesquisador, pois antes, como já mencionei, já tinha uma relação de vizinho, distante, mas vizinho, com Benedicto Monteiro, fez-se inicialmente no ano de 2005, na companhia de minha ex-orientadora⁷, que à época trabalhava com questões agrárias, como uma história de militância como advogado e defensor público, ele é uma das referências para análise destas questões no Pará, bem como, por seu envolvimento direto, quando Secretário de Estado, na década de 60, percurso que resultou na escrita de uma obra, a respeito do problema, intitulada Direito Agrário. Após este encontro seguiram-se outros, porém o escritor começou a apresentar um quadro de saúde problemático⁸. Nestes encontros, que prefiro chamar de “conversas com Benedicto”, inicialmente usei apenas o registro escrito em detrimento da gravação, pois o escritor já se apresentava muito afônico. Razão pela qual tive que me utilizar da técnica, a qual denomino “puxar conversa”. Nossa relação foi construindo-se de um grau de ex-vizinho, pois agora ele residia em outro logradouro na cidade de Belém, até o que posso denominar “apreendedor das falas de Benedicto”, pois nossas conversas foram sempre pautadas em um processo dialógico. Durante minhas primeiras conversas, observei o que Thompson alertara quando o agente é uma personalidade pública: “o sujeito, mesmo que tente ser franco e sincero, dará, quase sem pensar, as mesmas respostas-chavão que foram tão convenientes em outras ocasiões. Esse véu defensivo é que precisa ser rompido pelo entrevistador” (THOMPSON, 1992, p.275). No caso de meu “entrevistado”, a tessitura deste véu deu-se pela necessidade do político Benedicto construir enunciações que pudessem sustentar seus discursos, principalmente na época mais crítica, anos do governo militar, de forma que não sensibilizasse de forma negativa os parlamentares de outras bases, bem como, os militares, numa espécie de proteção contingencial, o que não foi o suficiente para escapar das garras da repressão militar. Fato que posteriormente, levou-o à construção de um discurso do não-reconhecimento, referente à falta deste pelas instituições, em relação ao seu “sacrifício” em nome da democracia na Amazônia:

7 Diana Antonaz, a quem agradeço aqui pela contribuição que, como tal, pode dar-me.

8 A partir do ano de 2005, os problemas de saúde foram complicando-se que, por volta de um ano após o início da pesquisa, Benedicto Monteiro já apresentava problemas mais pontuais relacionados a uma cardiopatia e, posteriormente, problemas de cunho laringológico, este com conseqüências sérias para comunicação, um processo de afonia progressiva muito forte.

me acho não reconhecido. Em uma publicação⁹ sobre cultura no Norte do país não existe nenhuma citação minha...

(Fragmento de conversa com Benedicto Monteiro em Belém a 02.12.2006)

A preocupação de Benedicto em ser reconhecido, como um porta-voz, uma espécie de arauto, da cultura de uma parte da Amazônia, manteve-me alerta para a possibilidade de romper com prováveis véus, escondidos atrás das “respostas-chavão” de que fala Thompson.

Durante as conversas percebi que as falas de Benedicto se misturavam com suas narrativas dos textos literários. No entanto, sem que esta característica fosse notada com muita facilidade, dando-se esta percepção apenas a partir da leitura de sua obra em contraponto com suas falas. A intenção de misturar o ficcional com o cotidiano é notada em um resumo, no seu site, sobre o primeiro livro de sua Tetralogia, *Verdevagomundo*, que Benedicto considera um

...romance construído sobre a estória de um major, herói da Campanha Brasileira na Itália, às voltas com suas terras grandes, as quais pretende vendê-las. O interesse do major pela narrativa viva e empolgante de *Cabra-da-Peste*, um dos caboclos que o conduziu pelas veredas e lagos da região, a fim de vistoriar as terras. Por intermédio desse personagem o leitor percebe a natureza rebelde, a paisagem estonteante da região, e se adentra na atmosfera que cerca a cidadezinha esquecida onde se desenrolam as cenas do livro, tomando (*sic*) de admiração e de receios pelo que ocorre no "verdevagomundo" da terra brasileira. (<http://www.verdevagomundo.com.br/obrasverde.htm> - site mantido por Benedicto Monteiro para falar de sua trajetória nos diversos campos do universo social.)

9 O não-reconhecimento a que Benedicto se refere foi a não-citação de seu nome na parte referente ao Pará, na obra de um dos presidentes da extinta Fundação Nacional de Arte (FUNARTE), Márcio Sousa, intitulada “Um olhar sobre a cultura brasileira”(1998), editada pela própria instituição. Obra com prefácio de Fernando Henrique Cardoso, onde 26 autores dão o seus testemunhos sobre o estado atual da cultura brasileira, cada um, dentro de sua especialidade. Nesta mostra estão literatura, cinema, patrimônio histórico e artístico, teatro, ópera, circo, teatro musical, dramaturgia em geral, dança, música popular e erudita, folclore e cultura popular, incluindo rádio, televisão, dando ênfase à cultura negra e indígena no Brasil.

Porém, acredito que esta mistura do ficcional com o cotidiano de uma parte da Amazônia, em um momento da história do Brasil, em que havia um regime de exceção instalado, não faz de Benedicto Monteiro, em sua Tetralogia amazônica um escritor engajado, “aquele que assumiu, explicitamente, uma série de compromissos com relação à coletividade, que se ligou de alguma forma a ela por uma promessa e que joga nessa partida a sua credibilidade e sua reputação” (DENIS, 2002, p. 31), mas um escritor que quer contar uma Amazônia da qual ele é considerado parte. Assim, quando perguntei sobre sua obra dita ficcional, como ela era construída e se poderia ser considerada engajada, em uma classificação dentro do campo literário, Benedicto disse:

utilizo fatos...

engajada em quê? no contexto...?

(Fragmento de conversa com Benedicto Monteiro em Belém a 02.12.2006)

E qual seria o contexto utilizado em *Verdevagomundo*? Com base em uma pretensa mistura entre “ficção” e “realidade”¹⁰ é escrita uma parte da Amazônia, como num jogo entre um pensamento consciente e um pensamento não-consciente, sendo a ficção literária a mediadora em uma visão iseriana¹¹, como uma objetivação sócio-cultural. Contando o dia-a-dia do morador das cidades à beira dos rios, o que pode ser observado em algumas passagens espaço-temporais inscritas neste primeiro livro da Tetralogia amazônica, como podemos ver em um trecho descritivo de *Verdevagomundo*:

Como esta cidade é uma cidade que não existe nem nos mapas, tenho que esperar o amanhecer.

Só quando o motor parou de vez e que apagaram-se as luzes de bordo, foi que eu pude sentir o cheiro das mercadorias que abarrotavam a lancha.

10 Para uma discussão sobre ficção e realidade, ver SANTIAGO, Silvano., 2000., no cap. 9, denominado “o caminho circular da ficção (ou não será outra verdade?)” e ROCHA, João Cezar de Castro, 1999.

11. Wolfgang Iser, crítico literário alemão, defende que a ficção é uma espécie de jogo com uma combinação especial de processos primários e processos secundários, estes sendo relacionados aos pensamentos conscientes e pensamentos não-conscientes. LIMA, Luis Costa, 2002.

Atravancavam o convés, os corredores e o único e pequeno camarote. Eram cargas de subida: tecidos, mantimentos e raras utilidades geralmente encomendadas pelos raros fregueses que habitavam aquelas margens.

Carga de baixada: fardos de fibra, bolas de caucho¹², peles silvestres, peixes salgados, sementes, pívides¹³, frutos e frutas.

Foi aí que os carapanãs¹⁴ cantaram em segredo a cantilena da Amazônia

(MONTEIRO, 1991(a), pp. 12-13).

Podemos observar que são construções narrativas que utilizam, a partir da linguagem com palavras singulares, uma forma de reforçar a identificação com o espaço amazônico da década de 70. Que percorre um tempo/espaço não muito diferente das dificuldades vivenciais da atual Amazônia, existente em uma Amazônia anterior, como aponta Celso Furtado¹⁵

O distanciamento geográfico da Amazônia com o resto do país, em decorrência especialmente da falta de acesso rodoviário, provoca o isolamento social e econômico desta região, reduzindo o amazônida a um regime de servidão, mantendo-o em isolamento que, talvez, nenhum outro sistema econômico haja imposto ao homem. (FURTADO, 1974)

É um mostrar a Amazônia com uma certa inquietação, uma “consumição”, como se diz entre os moradores, dessa região.

12 Arvore cujo látex dá uma borracha de qualidade inferior. (Dicionário Aurélio, 1988, p. 137).

13 Semente da castanha do Pará, conforme o autor.

14 Mosquito. (Dicionário Larousse, 2004, p.150).

15 FURTADO, Celso, 1974 e, citado por COSTA, José Marcelino M. da, 1992.

Os agentes na sua luta para imporem o veredicto “imparcial”, quer dizer, para fazerem reconhecer a sua visão como objectiva, dispõem de forças que dependem da sua pertença a campos objectivamente hierarquizados e de sua posição nos campos respectivos.

(BOURDIEU, 2004(a), p. 55).

“ENTRE O VERDE-DISTÂNCIA E O VAGO-ESPAÇO”

Penso ser necessário mostrar ao leitor o espaço físico que foi utilizado por Benedicto Monteiro na escrita de sua Tetralogia, *Verdevagomundo, O minossauro, A terceira margem e Aquele um*, pelas possibilidades de reflexo imediato do mundo objetivo, das não-aparências, das realidades “por trás”, enfim, discutir algumas relações cruciais, neste contexto, no espaço sócio-político da região. Desta forma, apresento a cidade de Alenquer¹⁶, a partir de onde Benedicto constrói sua narração, que inicialmente fez parte de uma política de colonização do espaço geográfico, desde esse momento de nossa história e que tem sua correspondência, hoje, dentro do que denominamos Amazônia Brasileira. Política esta que começou a ser desenvolvida pela Coroa Portuguesa no decorrer do século XVII, através das Ordens religiosas que executavam o aldeamento de índios, onde se realizava a “catequização dos nativos”, processo que não levava em consideração suas crenças e práticas, o que é referido em *Verdevagomundo*.

16 A cidade de Alenquer, antes Sirubiú, recebeu este nome, em referência a cidade homônima em Portugal, quando de sua elevação a vila. Os dados que serviram de base para a história de Alenquer estão disponíveis na biblioteca do IBGE em <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/para/alenquer.pdf>, **ALENQUER, PARÁ, Monografia - n.º 532, Ano: 1973**. O escritor ao utilizar-se da imagem de Alenquer faz de maneira progressiva, fazendo relação da Alenquer de outrora até a Alenquer durante o Governo Militar

Ninguém sabe até hoje, por que esses antigos missionários escolheram aquele local para fundar a nova cidade. Talvez lhes parecesse no momento, o ponto mais alto da imensa e alagada planície; a margem mais sólida, a mata menos densa, o abrigo mais seguro ou o clima mais propício. (MONTEIRO, 1991(a), p. 48).

A ocupação do Baixo-Amazonas pelas Ordens religiosas, aqui nos interessando a proximidade com o espaço geográfico da atual Alenquer, se deu com o aldeamento de Pauxi, na região onde se situa atualmente a cidade de Óbidos. Foram responsáveis os frades Capuchos da Piedade, instalados à margem direita do Rio Curuá, afluente setentrional do Amazonas, pouco acima de sua foz. “Posteriormente, os frades se instalam no aldeamento da tribo dos Bare e Abare, no alto da serra, ‘Serras de Monte-Alegre’, perto da pequena vila de Monte-Alegre, a cerca de 1.000 milhas de Santarém” (WALLACE, 2004 [1889], p. 184), próxima à beira do rio, em uma chapada de terra firme, região onde está atualmente localizada a cidade de Curuá. Porém, a região de Curuá tinha uma situação climática muito desfavorável para os missionários, fato que os levou a enfrentar várias situações difíceis, entre elas a navegação, pois no verão o Rio Curuá, que em seu leito tinha dois canais, quase secava, dificultando a comunicação dos aldeamentos com a sede da Ordem. Além do problema de navegabilidade e transporte, a vida no Pauxi tornou-se muito difícil devido às constantes epidemias de malária, o que também é referido na construção da Tetralogia de Benedicto.

Cedo compreenderam que tinham se localizado no meio de um verde, líquido e intrincado labirinto. O lago, que no princípio do inverno parecia marcado de definitivos contornos com matas fincadas em margens permanentes, foi, pouco a pouco, devorando as ribanceiras, inundando tudo num raio que ninguém podia medir e devassar (MONTEIRO, 1991(a), p.48).

Devido à impraticabilidade de permanecer em uma região tão “inóspita”, conforme WALLACE(2004) e os relatos literários de MONTEIRO, os frades, em 1729, resolveram mudar para a margem esquerda do Rio Trombetas, tendo ajuda dos índios Pauxina. Este novo aldeamento foi construído em um lugar à margem esquerda do Rio Surubiú, conhecido atualmente como Paraná ou Igarapé de Alenquer, lugar que, por estar localizado na confluência do Rio Itacará, dele recebe deságua. O novo aldeamento recebe o nome do rio, ou seja, Surubiú, localizando-se onde atualmente está a cidade de Alenquer.

A época da vivência de Benedicto Monteiro em Alenquer, a cidade teve sua economia, no primeiro quartel da década de 1920, até 1950, um crescimento decorrente da exportação de produtos vegetais (cacau, castanha, cumarú, juta, balata entre outros), e animais (pele de jacaré, onça, gato maracajá e camaleão), fato que teve grande importância por promover transformações sociais em todo o município. Fato também utilizado por Benedicto Monteiro em sua Tetralogia, “carga de baixada: fardos de fibra, bolas de caucho, peles silvestres, peixes salgados, sementes, pivides, frutos e frutas.” (MONTEIRO, 1991(a), pp. 12-13).

É importante observarmos esse processo de fundação da cidade de Alenquer - que em muito coincide com o mito de origem de algumas cidades brasileiras relacionado ao aparecimento de um santo católico em determinado espaço, o que marca uma espécie de equivalência entre um mito de origem e um mito de fundação, com o aparecimento e desaparecimento de um santo no lugar onde a cidade “deveria” ser construída; no caso de Alenquer é Santo Antônio, Benedicto Monteiro se utiliza da mesma história para construir o espaço narrativo - num atravessar e organizar lugares, como no *metaphorai* de Atenas que DE CERTEAU (1994, p.199) intitula as estruturas narrativas de sintaxes espaciais - em sua Tetralogia utilizando-se da linguagem literária, bem como, de um mito de origem, muito recorrente em algumas cidades brasileiras, o santo que quando tirado de seu lugar de aparecimento retorna para o mesmo lugar¹⁷.

17 Na Região Norte temos o caso de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém do Pará, que, segundo reza a tradição, quando retirada do lugar de seu aparecimento, voltava sempre para este. É nele que aliás, hoje está erguida a Basílica Santuário dedicada a seu culto.

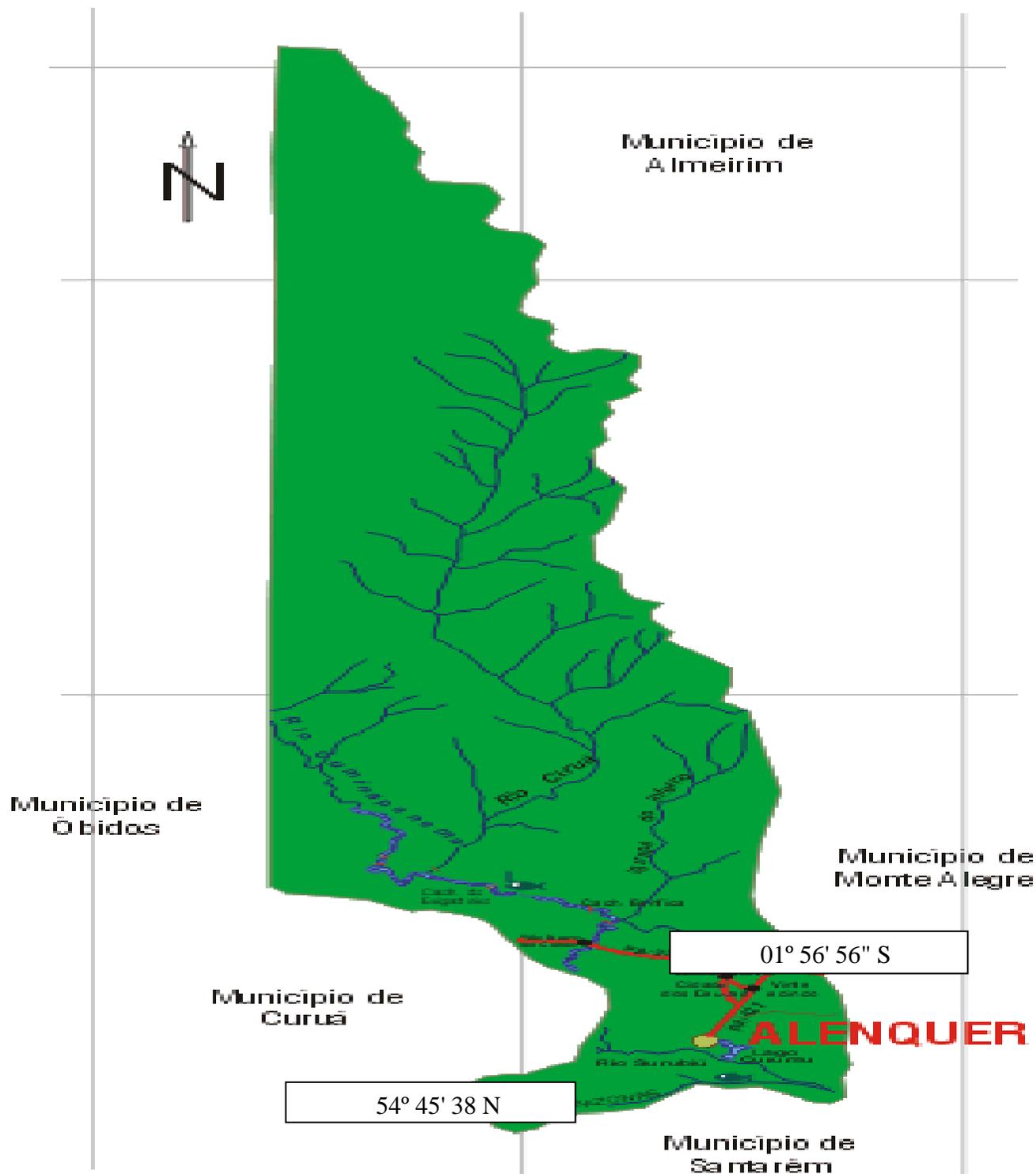
No caso da Tetralogia de Benedicto, construída pela lógica de um narrador, entidade “fictícia”, mas enraizada na história da fundação de Alenquer.

Os que escaparam e chegaram naquele igarapé sinuoso, encontraram a imagem do Santo Antônio, no tronco de uma árvore.

Estava, numa espécie de nicho, cavado num pau-à-toa, que ficava na margem daquele estreito igarapé, que depois de varar ilhas, pântanos, matas, campos e infindáveis igapós, por fim, ainda muito longe, talvez desembocasse no Amazonas; mas que também depois de formar ilhas, fazer pântanos, varar matas, podia morrer num lago, ou se embrenhar a fundo na floresta.

Aí nesse local, por cima do tronco dessa árvore, construíam a nova capela e fundaram a nova cidade. (MONTEIRO, 1991(a), p. 57).

Alenquer está localizado à margem esquerda do Rio Amazonas e do Rio Surubiú, na região oeste do Pará, meso-região do Baixo-Amazonas, microrregião de Santarém. A sede fica a 01° 56' 56" de latitude sul e 54° 45' 38" de longitude W. Greenwich, com uma área de 24.496 Km² e uma altitude de 36 metros ao nível médio do mar. Limita-se ao norte com o Município de Almerim, ao sul com o Município de Santarém, a leste com o Município de Monte Alegre e a Oeste com o Município de Óbidos, conforme mapa nas páginas 33 e 34.



Limites geográficos de Alenquer¹⁸

18 Disponível em: < <http://www.ximangando.rg3.net/> >. Acesso em 03.09. 2006.



Alenquer no Estado do Pará¹⁹

¹⁹ Disponível em: < <http://www.mapasbrasil.com.br/>>>. Acesso em 20.04.2007.

Para compreender o que pode ser dito e sobretudo o que não pode ser dito no palco, é preciso conhecer as leis de formação do grupo dos locutores – é preciso saber quem é excluído e quem se exclui.

(BOURDIEU, 2004(a), p. 55).

A VERDE-CONSTRUÇÃO DE UM AMAZÔNIDA

Depois de fazer uma busca sobre as existências histórica, geográfica e econômica do espaço, aqui começo o cruzamento entre “ficção” e “realidade” – do modo como é possível falar, sociologicamente. Assim, faço uso de uma linha do tempo, a partir de 1924, ano do nascimento de Benedicto Monteiro. Acredito ser necessário fazermos essa espécie de linha do tempo e transitarmos entre o tempo cronológico de Benedicto e o tempo dos chamados fatos da História.



Alenquer, 1904²⁰

²⁰ Disponível em: < <http://www.alenquer.com.br/>>. Acesso em: 26/08//. 2006

Benedicto Monteiro nasce em 1924 em Alenquer, de uma família de latifundiários, sem exacerbação de riqueza material, porém com condições econômicas, muito acima da média dos padrões do lugar. Durante a infância e adolescência não parece muito preocupado com uma imagem de homem representante dos anseios do segmento popular ximango²¹, nesta época mais voltada para seu contexto social (IMAGEM 01)

IMAGEM 01



Benedicto, à direita na foto, no final do período escolar, com um dos filhos da Família Amaral, latifundiária do Baixo-Amazonas

Disponível em: < <http://www.verdevagomundo.com.br/>>. Acesso em: 26.08.2006

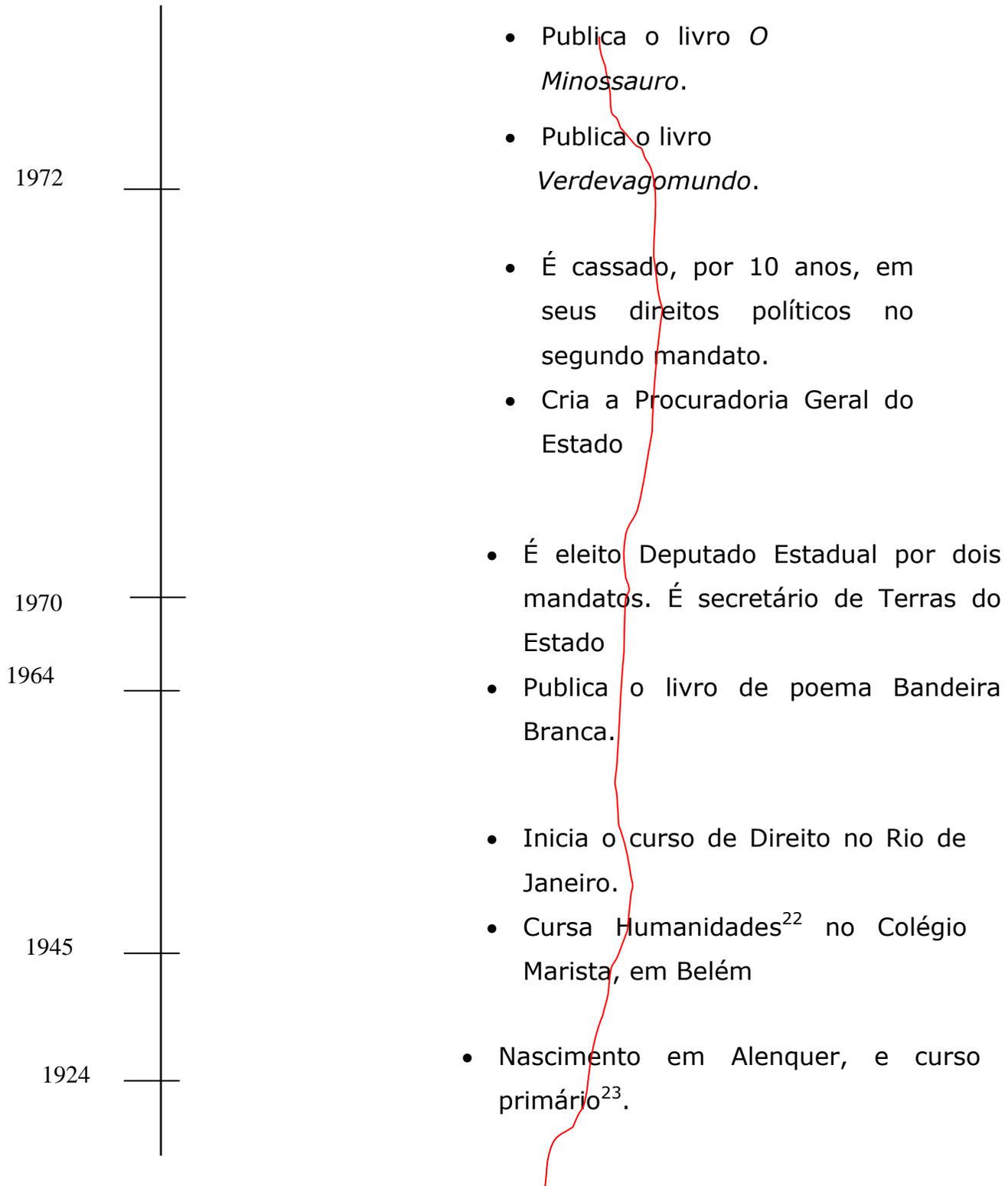
21 Os nascidos no município de Alenquer são chamados de alenquerenses, também conhecidos como Ximangos, em alusão a uma espécie de gavião conhecido como XIMANGO ou CARCARÁ.

A Imagem 01 mostra o envolvimento mais próximo - portanto importante para registro pessoal mantido até hoje em seu álbum pessoal e, inclusive, no site do escritor na internet - com seu colega de escola, que, assim como Benedicto, era oriundo de família abastada da “sociedade paraense”, mantendo, assim, seu círculo de amizades no mesmo segmento social.

Esta imagem, restrita ao seu segmento social, só iria aparecer como preocupação bem mais tarde como mostra uma passagem de seu texto autobiográfico, intitulado *Transtempo*. A desconstrução da imagem de abastado “irresponsável” e a construção de uma nova que pudesse respaldar uma outra de maior representatividade no segmento popular amazônica, contrária à imagem do “burguês”, construção necessária para um trânsito mais aceitável no espaço desejado, ratificando a necessidade de construção de uma espécie de *presentation of self* conforme GOFFMAN (1985) e apontado por Benedicto em sua autobiografia.

Vejam que não seria fácil escrever um romance autobiográfico que abarcasse esse tempo-espço de meio século (*à época da escritura do texto*). Mesmo porque, nesse tempo, eu fui desde filhinho de papai rico até operário, bailarino, jornalista, poeta, político, advogado, juiz, promotor, escritor, deputado e subversivo. Só duas condições, de todas essas funções que exerci na vida, me permitiram exercitar a minha plena liberdade: dançarino e poeta (MONTEIRO, 1993, p. 18).

Para termos melhor visualização do percurso feito por Benedicto Monteiro utilizamos uma linha do tempo, dividida em duas fases. A fase de 1924 a 1972, utilizada neste primeiro capítulo, onde a década de 60 é relativa ao período mais acentuadamente político, com produção literária, porém sem reconhecimento expressivo de sua obra; e outra fase de 1972 aos dias atuais, a ser trabalhada em capítulos posteriores, fase esta marcada pelo reconhecimento mais expressivo dessa produção.



²² Atual Ensino Médio, porém, dividido em Ciências Humanas ou Ciências Exatas e Biológicas.

²³ Atual Ensino fundamental.

Assim, temos na primeira fase:

Benedicto inicia seus estudos em Alenquer, posteriormente segue para Belém, onde cursa o ensino clássico²⁴ no Colégio Marista Nossa Senhora de Nazaré. A ida de Benedicto Monteiro para o Colégio Marista, além de representar uma prática corrente para as famílias das cidades do interior do Pará, com certo recurso, enviar seus filhos para internatos em Belém, esta vivência em um internato possibilitou a Benedicto um contato direto com uma visão de mundo voltada para os ideais da Revolução Francesa, liberdade, igualdade e fraternidade, ajudando na internalização de algumas construções que refletiram no seu percurso pelo espaço familiar, literário, religioso e político partidário. Fato que Benedicto relata, na seguinte passagem, dando uma idéia freyriana do mito do bom senhor talvez na tentativa de explicar as contradições entre o dominador e o dominado.

Talvez tenha sido a influência do Irmão Paulo, professor marista que nos ensinava História, e que colocava acima de todos os fatos as idéias da Revolução Francesa. E eu teimava em levar para a prática essas idéias libertárias, tentando viver em liberdade, exercitando a igualdade com os empregados da nossa fazenda e até praticando a fraternidade distribuindo os meus brinquedos, as minhas roupas e até o pouco dinheiro que recebia para os fins de semana. (MONTEIRO, 1993, p. 28).

- O irmão marista?
- Era um irmão marista, mas era mais próximo de mim

(Fragmentos de conversa com Benedicto Monteiro em Belém a 13.01.2007)

E mesmo que não “batessem” suas idéias, Benedicto tinha atenção ao irmão marista,

- Não, não batia. Ele era mais próximo de mim, ele estava mais perto das idéias

(Fragmento de conversa com Benedicto Monteiro em Belém a 13.01.2007)

²⁴ A época da educação formal de Benedicto Monteiro o ensino dividia-se em primário e secundário, sendo que este se subdividia em clássico, para os que desejassem humanidades, e o científico, para os que desejassem as ciências exatas e naturais.

As bases ideológicas da Revolução Francesa são internalizadas por Benedicto Monteiro, as quais foram sempre tomadas em suas falas dentro dos campos literários e político, transitados por ele no universo social. “É muito difícil, ainda hoje, separar os meus sentimentos religiosos, políticos e sociais neste meu processo permanente de dúvida e conhecimento” (MONTEIRO, 1993, p. 18)

Benedicto fala de sua relação forte com o Colégio Marista, chegando a tornar-se um líder estudantil, conforme ele diz

- No Colégio Marista...[ininteligível] porque eu me tornei um chefe
- Estudantil

(Fragmentos de conversa com Benedicto Monteiro em Belém a 13.01.2007)

IMAGEM 02



Benedicto Monteiro em foto de turma, no Colégio Marista, com 17 anos

Disponível em: <http://www.verdevagomundo.com.br/>. Acesso em: 26.08.2006

Benedicto internaliza estruturas, sem perceber, ratificando o que Bourdieu diz ser um conjunto de normas e regras, um determinado *nomos*, incorporado pelos indivíduos e que

orienta a conduta dos agentes sociais independentemente dos poderes externos, sejam eles políticos ou econômicos. A imagem 02 mostra um dos momentos em que o registro de imagem possibilita a leitura do lugar, do *nomos*, do qual Benedicto se apropriará dos ideais da Revolução Francesa, o Colégio Marista. Benedicto, na IMAGEM 02, primeira fila, terceiro da esquerda para a direita, aparece no espaço em que foi construída sua base mais sólida, a

– Fraternidade

(Fragmento de conversa com Benedicto Monteiro em Belém a 13.01.2007)

Este transitar por espaços sociais tais como a família e a religião, sob a ótica do pai, da mãe e, agora, por um representante religioso institucional, leva-nos a visualizar uma provável tensão entre as diversas estruturas internalizadas, resultantes do contato com pessoas que estavam inscritas no universo social de Benedicto. Esta tensão seria proveniente da luta de seus agentes por se fazerem reconhecer como portadores de visões objetivas e de sua pertença a estes espaços objetivamente hierarquizados e sua posição nestes, resultando no conflito de interesses por melhores posições nos espaços e conseqüentemente um maior trânsito no universo social.

Posteriormente, estas estruturas podem ser percebidas em textos de sua obra, através de suas personagens, que logo passaremos a analisar. É importante notar a tensão criada a partir de uma quebra dos padrões de gênero, (daquele traduzido, comumente, como machismo, entre outros), construídos dentro de uma sociedade que não tem, ou parece não ter, reflexo no espaço familiar de Benedicto. Sua mãe se transforma em um símbolo de poder, mesmo transgredindo uma estrutura de grande parte da sociedade brasileira e vivenciada por Benedicto no espaço amazônico. O que quebra as características e comportamentos considerados pela cultura por serem associados ou apropriados a mulheres e assim, socialmente adquiridos, tendo o escritor a oportunidade de ter contato com uma espécie de história da mulher sob o ponto de vista exposto em Burke (1992, p.85), e ratificado por Benedicto.

Minha mãe era conhecida como d. Bebê, e meu pai era chamado de *seu* Lulu. E em casa, não sei por que, era exercido abertamente o matriarcado. Na cabeceira da mesa, por exemplo, quem sentava era a mulher. Ela que mandava e desmandava em tudo. Meu pai sempre concordava. (MONTEIRO, 1993, pp. 27-28).

Porém, a afinidade com a figura paterna não se perde, como podemos observar.

Já eu e meu pai éramos solidários no seu *silêncio* (grifo nosso). E parece até que tínhamos os mesmos sentimentos. Nunca discordávamos em razão das minhas atitudes. E quando voltei do Rio de Janeiro, assumi todos os seus negócios por absoluta confiança. Confiança de que gozei até os últimos instantes de sua vida. O amor que tínhamos um pelo outro talvez tenha sido maior por causa da consonância das nossas idéias. Nunca pude saber o que ele pensava, porque ele sempre se refugiava no seu obstinado *silêncio* (grifo nosso) (MONTEIRO, 1993, p. 28).

Analisando o relato de Benedicto Monteiro, notadamente no caso de seu pai e a suposta relação de dominação de sua mãe, em uma situação não comum na realidade brasileira e amazônica, o silêncio pode ser visto como uma categoria analítica a mais, que poderia mascarar transgressões do *modus vivendi* institucionalizado.

Apesar de casos de transgressão ao modelo de família tradicional brasileira, já terem sido demonstrados, por outros pesquisadores, a exemplo do diário da Viscondessa de Arcozello²⁵, percebo na fala de alguns personagens de Benedicto uma estrutura internalizada

25 Diário de Maria Isabel de Lacerda Werneck, Viscondessa de Arcozello, casada com Joaquim Teixeira de Castro, Visconde de Arcozello, neste diário a Viscondessa faz relatos de seu dia-a-dia e de sua família, durante o ano de 1887. Em seu diário podemos ver sua vida na educação de seus filhos, seu relacionamento com os demais membros de sua família, com os escravos que trabalhavam na fazenda e seus problemas com a administração de sua fazenda de café, tomando a frente em decisões que, para época cabiam apenas aos homens. (GOMES, 2004). Sobre o tema conferir também Freyre (1998), da Silva (1989), Samara(1989), Kofes (2001), Wolff (1999).

que, gesta um proceder pelo silêncio, ao invés da reafirmação de atitudes tradicionalmente postas, ou mesmo da transgressão pontual. Porém, como demonstrarei paulatinamente, existe o uso, por vezes, do silêncio em Benedicto Monteiro e em suas personagens da Tetralogia, a exemplo de Miguel dos Santos Prazeres – caboclo que a atravessa costurando as diversas leituras da Amazônia, a partir de seu contato com outras personagens construídas levando em consideração estereótipos de brasileiros vindos de outras regiões para a Amazônia Paraense.

Pode ser percebido a partir das falas utilizadas nos espaços político e religioso, enquanto poder, adicionando a eles relações de parentesco e afinidade. A procura de um compadre, as vezes, se revela, por parte do pai economicamente desfavorecido, o desejo de que seu filho tenha mais elevado o seu “status” social, escolhendo para padrinho uma pessoa importante e de destaque social ou econômico. Esta razão é muito comum, dela tirando partido o menos privilegiado economicamente, bem como o bem aquinhoado economicamente. Este “se aproveita” de tais relações de compadrio para finalidades políticas. Em geral são “deputados” ou pessoas ligadas a política do município. Assim, o chefe político local é compadre de muita gente com menor poder aquisitivo e ocupando posição hierárquica inferior. Há uma troca de favores. O compadre pobre busca no compadre aquinhoado um apoio, proteção; ele o aconselha acerca de qualquer negócio, ele é que o livra da perseguição da polícia, ele é que, no caso de dúvidas ou brigas por causa de terras ou criações²⁶, vem dirimir questões. Em troca, o compadre economicamente estável recebe o voto certo do compadre menos aquinhoado economicamente e de todos os seus familiares e quase sempre “presentinhos” quando este vem a cidade. (WAGLEY, 1971 [1956]) Uma das obrigações que o afilhado não deixa de cumprir é passar na casa do padrinho para pedir-lhe a benção, quando vem da roça²⁷.

26. Termo utilizado para denominar os animais “criados” no quintal (patos, galinhas) ou no pasto (gado bovino, suíno, caprino).

27. O tema compadrio estudado na Antropologia como uma espécie de “parentesco ritual” muito importante na Sociedade Brasileira, mesmo na área urbana, é tratado, para a Amazônia (o Pará especialmente) pelo já citado WAGLEY (1971[1956] e no campo Antropologia/Literatura FERNANDES (2005).

Também os homens ditos mais corajosos são preferidos como padrinhos. Matadores, ex-matadores, são vistos como “bons padrinhos” em razão da proteção de seus afilhados, sendo que, em alguns casos, todo o legado do padrinho, em fama e respeito, é transferido para o afilhado - como no caso da relação do personagem Miguel dos Santos Prazeres, sua família e seu padrinho, bem como o major, o pai do major e o tio do major. Aquele pela tradição jagunça e este pela tradição do “coronelismo”.

(...) Então escute: o meu pai disse – “Meu filho, o jeito é arrumar outra que não tenha aquele fogo no corpo nem aquela dança no olhar”. Minha mãe chorando, ao mesmo tempo ralhava e aconselhava: “Não, meu filho, não faça asneira por causa daquela desgraçada. Como já então tu foste te enrabichar por via daquela maldita mulher? Será que ao menos, o filho, que ela diz que levou no bucho, era teu?”

Meu irmão mais velho com total indiferença foi então por demais seco: “Se fosse minha, minha mulher, fazia cruz na sombra e cuspiam até ao apagar do rastro”.

Meu padrinho Possidônio, não respeitou, nem a presença da mãe nem do pai. Destambocou: “Isso aqui é família de gente ou ajuntamento de cabra-da-pestes? Olha, rapaz, não te aconselho não, mas no Nordeste, um servicinho deste tinha logo pagamento imediato (MONTEIRO, 1991(a), p. 84).

Benedicto é vivente de um Brasil mais pautado, ainda, em uma lógica que vem da República Velha (está tendo seu declínio em 1930) com sua sociedade de predomínio rural, com um sistema latifundiário que dominava a década de 20, com percentuais de 63,4% das áreas agrícolas do país²⁸.

28, MOCELLIN, Renato, 1985.

Assim, temos na hegemonia das camadas rurais, os grandes proprietários, que por vezes se confundem como grandes chefes políticos, os chamados coronéis; estes faziam parte de um sistema de compra de títulos junto ao Império Brasileiro²⁹. Esta estrutura social faz parte do espaço social de Benedicto, que diz: “a minha identidade social e histórica já é mais complicada. Sou bisneto, neto e filho de latifundiários” (MONTEIRO, 1993, p. 27).

Seu parentesco mais distante faz jus a uma construção social pautada no poder quase institucionalizado, o que Benedicto informa quando escreve sobre seus avós,

Meus avós eram coronéis da Guarda Nacional. O meu avô paterno, o coronel Jozino, nos deixou uma casa que ocupava metade de um quarteirão da cidade. E um baú de madeira forrado de couro, muito antigo, onde ficava a sua farda e a sua espada de Oficial da Guarda Nacional. Já o avô materno, o coronel Rosomiro Batista, deixara para cada um de sua mais de dúzia de filhos uma fazenda, com terras e gados que davam para excelente começo de vida. (MONTEIRO, 1993, p. 27).

Saindo de um colégio confessional de elite vai para o Rio de Janeiro cursar Direito, na década de 40, quando ocorrem eleições presidenciais, cujo resultado apresenta uma configuração em que Eurico Gaspar Dutra (PSD-PTB) tem 3.251.507 votos (55,39%), Eduardo Gomes (UDN) 2.039.342 (34,74%), Yedo Fiúza (PCB) 569.818 (9,70%)³⁰. Estão acontecendo programas de governo, como o plano SALTE (Saúde, Alimentação, Transporte e Energia) e a pavimentação da rodovia Rio-São Paulo (Via Dutra). No campo político, o PCB (Partido Comunista Brasileiro) tem um crescimento extraordinário a partir de 1945, ano de sua legalização, e em 1947 intelectuais como o escritor Jorge Amado, o pintor Cândido Portinari, o historiador Caio Prado Júnior, entre outros, se filiam ao partido³¹.

29. Para um estudo mais aprofundado do sistema de compra de títulos ver entre outros, SCHWARCZ, L. K. M., 1998.

30, 31 MOCELLIN, Renato. História do povo brasileiro, 1985.

Nesta década, Benedicto Monteiro já escreve seu primeiro livro, de poemas, intitulado “Bandeira branca”, nome que estava relacionado ao fim da 2ª Guerra Mundial. Benedicto fala, em seu livro *História do Pará*, que na pós-revolução de 30, em âmbito nacional, especialmente nas décadas de 30 e 40, foram provocadas e incentivadas “iniciativas criadoras” no campo da cultura³².

Por esta época Benedicto intensifica seu contato artístico com um trânsito na música, na dança e na literatura. Está escrevendo poemas, participando de programas de rádio no Rio de Janeiro, vivendo uma vida que favorecia o campo das artes, ao lado de pessoas envolvidas no espaço artístico.

Em 1958, com este trânsito por espaços sociais diversificados, Benedicto Monteiro mostra um percurso que lhe favoreceu um capital social muito diferenciado para um amazônida comum. Esta certeza é relatada por ele mesmo: “fui, portanto, um jovem rico para uma cidade pobre. A ela voltei para exercer os cargos de vereador, pretor, promotor público e juiz de Direito. Depois dela sai para representá-la como deputado federal e constituinte” (MONTEIRO, 1993, p.30).

O contato de Benedicto Monteiro com outros espaços sociais e possibilidade de aquisição de capital social diversificado pôde propiciar mais visibilidade aquele que seria um dos narradores da Amazônia Paraense, particularmente do Baixo-Amazonas, em um período de autoritarismo na história do povo brasileiro, a década de 70. Benedicto utiliza um mecanismo que muito mais que informar, pode propiciar reflexões sobre um tempo e espaço definidos. Assim, a linguagem literária para a Tetralogia amazônica, num momento de conturbação social, manipulação da mídia e perseguição pelos órgãos de repressão ao escritor, funciona como uma forma de

(...) linguagem de prontidão” (FRANCO, 1998) – isto é, de uma linguagem literária capaz de incorporar, seu corpo de signos, os elementos do presente (como cartazes, manchetes de jornais etc.) ou os procedimentos técnicos oriundos de outros meios expressivos (como o rádio, cinema ou televisão) -,

32 MONTEIRO, Benedicto. *História do Pará*. Belém: Delta/O Liberal, 2001, p.206.

a qual confere ao romance um valor de atualidade, mesmo diante do imenso poder da televisão: assim, essa safra recorreu ao uso da montagem, da fragmentação, à multiplicação dos pontos narrativos – modo de diferenciar sua linguagem da televisiva – e, ao mesmo tempo, narrou a contrapelo a história política pós-1968, esmiuçando seus vários aspectos e constituindo, desse modo, uma figuração desse universo até então reprimido ou recalcado (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 366-367).

É na construção de uma personagem militar, não com as características de construção da personalidade militar estudada por Celso Castro (2004)³³, mas como uma espécie de alegoria poder/sentimento/vida com todas suas características inerentes, que a Tetralogia amazônica começa a registrar a maneira de intervir que foi utilizada na ocupação, pelo poder, da Amazônia. Os métodos utilizados pelos órgãos de repressão iniciam capítulos da obra a exemplo das gravações dos interrogatórios; daí a frase: GRAVADOR AUTOMÁTICO – FITA N°. Esta forma de começar capítulos possibilita que o escritor informe como os militares poderiam captar os pontos de vista dos diversos segmentos da sociedade em relação ao Estado e aos valores sociais, mesmo que esta iniciativa da “confissão” fosse da população, como neste diálogo entre duas personagens quando da chegada do major para vender sua herança.

Parece até que perguntou a todos: “Quem então já é aquele todo entonado que chega assim sem nenhum foguete?” – “É um oficial do Glorioso Exército”, parece que disseram. “Que não seja da polícia, que venha da parte do Governo cobrar mais impostos, arrecadar espingardas de colonos, proibir pesca nos lagos sem donos, nem demarcar no chão as terras dos castanhais ainda devolutos.” (MONTEIRO, 1991(a), p. 19)

33 Celso Castro trabalha a visão do militar, sem preocupar-se com o que mais reflexivo poderia sair deste em uma concepção poética, apesar de seu trabalho “O espírito militar, um antropólogo na caserna”, evitar estereótipos. Assim, a imagem do militar passaria pelos pensamentos mais castrenses.

Mesmo “brincando” com a linguagem, a partir da permissão que esta, enquanto literária, propicia (ou escondido por trás dela), são demonstrados os diversos valores e (des) valores a partir das falas das personagens. Perguntei a Benedicto sobre a construção de suas personagens, suas existências na dita concretude da realidade, se não poderiam ser um conjunto de *personas* com existência concreta, ele falou

Benedicto – Não, são todos ficção

- Não seriam conjuntos de você?

Benedicto - [ri]

- E o major de Verde Vagomundo?

Benedicto - [ri]

- Seu tio era coronel do Exército a época de “Bandeira branca”?

Benedicto - [assentiu]

- E o Miguel dos Santos Prazeres, poderia ser você?

Benedicto - [ri]

(Fragmento de conversa com Benedicto Monteiro em Belém a 02.12.2006)

Talvez os risos de Benedicto sejam as respostas que o humor pode procurar dar em questionamento às verdades absolutas, aos paradigmas, ironicamente e ratificando a necessidade do “brincar” a sério da linguagem literária quando utilizada em momentos em que o silêncio é necessário para não sermos silenciados.

As estratégias discursivas dos diferentes atores, e em especial os efeitos retóricos que têm em vista produzir uma fachada de objectividade, dependerão das relações de força simbólicas entre os campos e dos trunfos que a pertença a esses campos confere aos diferentes participantes, ou por outras palavras, dependerão dos interesses específicos e dos trunfos diferenciais...

(BOURDIEU, 2004(a), p. 56).

DO CORRER TERRA A NARRADOR DA TERRA

Benedicto Monteiro, ao transitar por vários espaços sociais, começa a adquirir capital social³⁴. Não sei se consciente ou não-consciente, inicia o exercício de aquisidor de capital simbólico, o que é relatado a partir do seu próprio discurso, situado em um dos campos, no campo da arte. Quero dizer que foquei este espaço devido ao fato de meu trabalho ter como contraponto a construção literária como uma estrutura estruturante de uma Amazônia em Benedicto Monteiro. Para este campo em particular, o pensamento de Bourdieu é oportuno para compreendermos essa questão, quando nos diz que,

É preciso, de fato, aplicar o modo de pensar relacional ao espaço social dos produtores: o microcosmo social, no qual se produzem as obras culturais, campo literário, campo artístico, campo científico etc., é um espaço de relações objetivas entre posições – a do artista consagrado e a do artista maldito, por exemplo – e não podemos compreender o que ocorre a não ser que situemos cada agente ou cada instituição em suas relações objetivas com todos os outros (BOURDIEU, 1996 (b), p. 60).

34 *Quantum* suficiente de força social – ou de capital – de modo a que estes tenham a possibilidade de entrar nas lutas pelo monopólio do poder, entre os quais possuem uma dimensão capital as que têm por finalidade a definição da forma legítima do poder (BOURDIEU, 2004, pp.28, 29).

Os diversos trânsitos podem ser considerados alianças? Provavelmente sim, o que possibilitaria acumulação de capital social.

A diversificação de campos transitados e principalmente a escolha dos lugares de visibilidade dentro destes, propicia que Benedicto possa adquirir capital social diverso e posteriormente que este possa se transformar em uma espécie de “passaporte de entrada” em outros campos. Um destes trânsitos pode ser ilustrado na ocasião em que Benedicto aparece em um comício (registro fotográfico até hoje mantido em álbum de fotos no seu site oficial) discursando, tendo a sua esquerda João Goulart³⁵, do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro, uma espécie de centro-esquerda aos moldes getulistas), seguido de Aurélio do Carmo³⁶ do então PSD (Partido Social Democrático, esquerda moderada e posteriormente

IMAGEM 03



Benedicto em discurso político ao lado do Presidente João Goulart e de Aurélio do Carmo, Governador do Pará. Disponível em: <http://www.verdevagomundo.com.br/>. Acesso em: 26.08.2006

35 Presidente do Brasil, após a renúncia de Jânio Quadros, mais tarde deposto pelo golpe militar de 1964.

36 Governador do Estado do Pará de 1961 a 1964, cassado pelo governo militar.

(centro), o que contribuiu para a imagem de Benedicto Monteiro dentro do campo político (Imagem 03).

Aqui faço uma pausa na história de Benedicto, para chamar a atenção a respeito do perigo da divisão, ainda feita por alguns segmentos mais ortodoxos da crítica acadêmica, com uma visão dualista, entre o homem e sua obra, como numa idéia de ação não interligada de papéis em diversos espaços sociais transitados. A crença na possibilidade de se poder separar o sujeito do objeto. Desta forma, analisar um escritor e sua obra de uma maneira dualista, com instrumentos sintonizados apenas com a análise literária, acredito, ficaria muito difícil se transitamos pelas Ciências Sociais, pela Literatura e acreditamos na interdisciplinaridade. Pois, acreditamos que o sujeito internaliza qualquer estrutura que seja conveniente para a construção de mediações que venham a facilitar sua entrada em campos sociais diversificados, o que reforça a idéia de que Benedicto Monteiro pôde

Procurar na lógica do campo literário ou do campo artístico, mundos paradoxais capazes de inspirar ou de impor os “interesses” mais desinteressados, o princípio da existência da obra de arte naquilo que ela tem de histórico, mas também de trans-histórico, é tratar essa obra como um signo intencional habitado e regulado por alguma outra coisa, da qual ela é também sintoma (BOURDIEU, 1996 (a), p. 15).

Talvez seja o que devemos procurar fazer analisando o percurso bi-espacial, literário e político, em Benedicto Monteiro, no qual este possibilitaria através do espaço literário, reforçando a visão de Bourdieu no campo artístico, a construção de um caminho de

...acumulação legítima, para o autor como para o crítico, para o comerciante de quadros como para o editor ou o diretor de teatro, consiste em fazer nome, um nome conhecido e reconhecido, capital de consagração que implica um poder de consagrar objetos (é o efeito de *griffe* ou de assinatura) ou pessoas (pela publicação, a

exposição etc.) portanto, de conferir valor, e de tirar os lucros dessa operação (BOURDIEU, 1996(a), p.170).

IMAGEM 04



Benedicto Monteiro ao lado de Jorge Amado e Zélia Gattai, em visita feita com sua esposa e filha

Disponível em: <http://www.verdevagomundo.com.br/>. Acesso em: 26.08.2006

A imagem 04 mostra Benedicto Monteiro em uma recepção em homenagem a Jorge Amado³⁷, quando em visita a Belém do Pará. O lugar é a residência de um conhecido empresário, na avenida Nazaré, considerado bairro nobre da capital do Estado. Na imagem

³⁷ Jorge Leal Amado de Faria, escritor brasileiro nascido em Itabuna, BA a 10 de agosto de 1912, falecido em Salvador a 6 de agosto de 2001. Também foi jornalista, envolveu-se com a política ideológica, tornando-se comunista, como muitos de sua geração.

temos: da esquerda para a direita, D. Wanda (esposa de Benedicto), Benedicto Monteiro, Jorge Amado, uma das filhas de Benedicto, o colunista Isaac Soares, e uma senhora (não identificada). Observa-se, aqui, que parcela da sociedade paraense considerava Benedicto um agente com uma posição estabelecida no campo literário. Desta forma, aceito no universo social quando esta parcela tinha necessidade de iniciar o jogo de mediações que envolvesse representantes legitimadores, neste campo específico, mas com bases no campo político.

Esta construção do agente, que tem uma ratificação no campo literário, serve para reafirmar as estruturas internalizadas a partir de seu espaço familiar, que já denotava um espaço de construção política, por vezes partidária, avós/pai/mãe. O político partidário dá o matiz, que caracteriza seu modo do escrever literário. Acredito que a construção de uma linha de tempo sirva para entender melhor o processo de objetivação dessas estruturas internalizadas por Benedicto, tendo como contraponto os momentos sócio-históricos pelos quais passava o Brasil, sendo o ponto mais crucial, para a construção do escritor, o Brasil do governo militar.

A tarefa de lembrar a tragédia, de narrar o núcleo dos fatos – enfim, de narrar a história a contrapelo -, envolve ainda o enfrentamento, por parte do narrador, do sofrimento experimentado, além de alimentar nele esperança de que tal narração seja um meio de acusar o inimigo pela barbárie perpetrada, impedindo-o assim de continuar a adotar tais práticas (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 364).

É necessário demonstrar a construção do percurso de Benedicto, como um dos representantes da intelectualidade paraense, a partir de sua Tetralogia amazônica e seu livro autobiográfico, pontuando a interpenetração de sua memória individual a uma memória coletiva, desta forma, tal como pontualmente apresentado por aquele que é nossa referência maior do tema,

Se essas duas memórias se interpenetram com frequência, especialmente se a memória individual, para confirmar algumas de suas lembranças, para torná-las mais exatas, e até mesmo para preencher algumas de suas lacunas, pode se apoiar na memória coletiva, nela se deslocar e se confundir com em alguns momentos, nem por isso deixará de seguir seu próprio caminho, e toda essa contribuição de fora é assimilada e progressivamente incorporada a sua substância (HALBWACHS, 2006, pp. 71-72).

Neste contexto, em que os diversos agentes da história de poder no Brasil são cobrados a localizarem seus verdadeiros lugares no espaço político, o campo político da década de 60 vai se plasticizando entre a reação nos bastidores de uma elite tradicional e um governo mais em sintonia com o socialismo. No início da década de 60, Jânio Quadros visita Cuba, tem lugar no Rio de Janeiro, em agosto, o V Congresso do PCB. Meados de 60, nas artes, temos no teatro a peça *O pagador de promessas*, de Dias Gomes³⁸, e *Beijo no asfalto*, de Nelson Rodrigues³⁹; aparentemente, no campo artístico, a plasticidade política era mais rapidamente percebida, conseqüentemente temos peças de autores politicamente posicionados em direção a uma tendência de esquerda, denunciando em seus trabalhos os complexos problemas sociais do povo brasileiro.

38 Peça de Dias Gomes com nítidos propósitos de evidenciar certas questões sócio-culturais da vida brasileira. Conta a história de Zé do Burro e sua mulher Rosa que vivem em uma pequena propriedade a 42 quilômetros de Salvador. Um dia, o burro de estimação de Zé é atingido por um raio e ele acaba indo a um terreiro de candomblé, onde faz uma promessa a Santa Bárbara para salvar o animal. Com o restabelecimento do bicho, Zé põe-se a cumprir a promessa e doa metade de seu sítio, para depois começar uma caminhada rumo a Salvador, carregando nas costas uma imensa cruz de madeira. Mas a *via crucis* de Zé ainda se torna mais angustiante ver sua mulher se “engraçar” com o cafetão Bonitão e ao encontrar a resistência ferrenha do padre Olavo a negar-lhe a entrada em sua igreja, pela razão de Zé haver feito sua promessa em um terreiro de “macumba” e por ser objeto desta um animal, um burro.

39 Peça de Nelson Rodrigues em forma de tragédia contemporânea contrastando poesia e vulgaridade. Conservando-se fiel ao expressionismo freudiano e realismo, o autor vem de encontro a preconceitos e inseguranças bem como à falsidade, ao juízo fundado na aparência e a condições unânimes. Conta a história de Arandir que testemunha um atropelamento e ao socorrer a vítima, dá-lhe um beijo na boca a pedido do agonizante. É imediatamente acusado de homossexualismo pela imprensa e pela polícia. Ridicularizado perante a opinião pública, os amigos e desamparado pela esposa (Selminha) vem a refugiar-se em uma pensão, é visitado pelo sogro (Aprígio) que declara-lhe seu ódio, revelando-se apaixonado por ele e com ciúmes pelo fato de Arandir ter-se casado com Selminha e por vir a beijar outro. Com dois tiros Arandir é morto por Aprígio.

Até 1964, Benedicto Monteiro tinha feito um longo percurso de Alenquer /Pará até o Rio de Janeiro, posicionando-se de diversas formas em campos diversificados, por vezes não se identificando com nenhum ou mesmo se identificando apenas momentaneamente. A construção de uma imagem como intelectual passa talvez pela importância desse agente no momento conturbado do período militar no Brasil, bem como, para a identidade que esse tipo de agente social tinha que construir para se tornar visível em diversos campos sociais; a isso Benedicto faz referência.

Já minha identidade intelectual é complicadíssima. Sou advogado, escritor, poeta, jornalista e político. Nestas condições, já recebi muitas medalhas, muitos diplomas e muitas honrarias. Algumas pessoas me conferiram o título de poeta, outras me chamaram de contista, romancista e até jurista. (MONTEIRO, 1993, p.30).

Talvez possamos metaforizar a pessoa de Benedicto com a própria imagem do minossauro⁴⁰, que é título de um dos textos de sua Tetralogia amazônica, fruto de uma personagem que se transforma em tudo e o nada-da-dúvida, oriunda da incompreensão do que realmente é, efeito de um não-entender o trânsito que faz, em espaços sociais, sem a internalização de suas estruturas. Talvez uma recorrência do resultado da atitude de desobediência tal como no mito do Minotauro, em que, como castigo, Poseidon faz com que Passifae, esposa de Minos, coabite com um touro que era devido ao deus dos mares e como resultado deste ato esta tenha parido Minotauro, sendo este posto em um labirinto. Tal qual o minossauro de Benedicto que comete a desobediência do trânsito por espaços que eram do “deus” Estado autoritário e por ele é imputada a parição de um ser híbrido que é encerrado por Benedicto nos labirintos da Amazônia, tal como Minos fez com seu híbrido.

⁴⁰ Provavelmente o hibridismo tal como Bhabha anuncia como a passagem intersticial entre identificações fixas (BHABHA, 1998) seja materializado com a construção de uma personagem que é ela mesma híbrida, que transita nas várias identificações de Brasil e é narrada na obra de Benedicto Monteiro. Lembrando aqui que, citando Bhabha, não estou esquecendo a matriz biológica que essa referência ao “hibridismo” pode remeter.

Na margem do rio fica Miguel dos Santos Prazeres, o Cabra-da-Peste, o Afilhado do Diabo. Para mim, o que ele é? Personagem? Mito? Testemunha? Se existisse a palavra talvez ele pudesse ser o Minossauro. A palavra inventa o homem? Ou o homem que inventa a palavra?(MONTEIRO, 1997, p. 191).

É a partir da apropriação da linguagem dita ficcional, trabalhando com um tipo de tempo, diferente do tempo cronológico, o “transtempo”, que atravessa a marcação do tempo cronológico e o tempo das coisas do caboclo, no qual, Benedicto conta sua visão de Amazônia, na geografia do estado do Pará, na região do Baixo-Amazônas. Em um momento em que era preciso “correr terra”. É neste cenário em que uma espécie de metamorfose ocorria tanto nos homens como no tempo/espço amazônico, na época do governo militar, que ensejavam freqüentemente discursos alusivos a diferentes temporalidades. O espaço e a vida dos povos tradicionais remetiam a uma constante sensação de sucessivas perdas e a necessidade de encontrar novas paragens. Temporalidades de que Benedicto faz uso constantemente em sua obra

Tive a primeira ciência do mundo foi num dia de passagem de gado do Coronel Quintino. Ouvi um caboco dizer: é, o negócio é correr terra... o negócio é correr terra. Olhe, que se estava por riba de um campo alagado que era uma imensidão de água. Como então correr terra, naquele imenso alagado? (MONTEIRO, 1995, p.7).

Uma metáfora que se aplica como uma reação à questão do silêncio que Pollak aponta quando da libertação dos sobreviventes dos campos de concentração da Alemanha ou da Áustria, “seu silêncio sobre o passado está ligado em primeiro lugar à necessidade de encontrar um *modus vivendi* com aqueles que, de perto ou de longe, ao menos sob a forma de consentimento tácito, assistiram à sua deportação” (POLLAK, 1989, p. 3).

Benedicto acredita que através da reutilização e construção da linguagem dita ficcional poderá se comportar na forma de (des)silêncio⁴¹, utilizada como denunciadora de uma crise social, construindo uma forma específica de literatura que

...trabalha no campo minado da fronteira – impossível de ser traçada! – entre a referência e a auto-referência. Como a ironia, ela também pode ser vista como um espaço auto-reflexão da linguagem, como um *médium* do trabalho Penélope de costura e descostura da nossa subjetividade com o mundo, ou ainda, como uma oficina de aprimoramento da linguagem enquanto uma máquina não tanto de “representar” o “real”, mas sim de dar uma forma a ele (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 379).

E ao dizer de si mesmo Benedicto, através de suas personagens, possibilita a leitura de seu lugar nos espaços sociais transitados, tanto o ocupado efetivamente, como o pretensamente ocupado.

41 Não encontrei uma maneira mais adequada de dizer como Benedicto Monteiro se utilizou para informar, através da linguagem literária, a situação sócio-política da Amazônia durante o governo militar, sendo ele mesmo perseguido pelo regime autoritário. Desta forma utilizei (des) silêncio.

IMAGEM 05



Benedicto Monteiro em campanha, em Alenquer, para Deputado Estadual
Disponível em: <http://www.verdevagomundo.com.br/>. Acesso em: 10.09.2006

A legitimação da fala, a partir da construção de discursos que têm eco no espaço transitado faz com que o agente possa ser aceito com mais facilidade pelos ocupantes do referido espaço. A imagem 05 mostra uma das maneiras e espaço onde esta construção dá-se e como Benedicto a partir desta experiência pode legitimar a imagem de representante dos anseios dos nativos do Baixo-Amazonas; esta imagem é transladada para seus textos, através de suas personagens, criando um processo de interseção entre os campos político e literário.

O espaço de interação é o lugar da actualização da intersecção entre os diferentes campos.

(BOURDIEU, 2004(a), p. 55).

PARESQUE⁴² UM CAMPO

Meu intuito principal é buscar nas histórias de vida, a partir das personagens, mesmo a partir das construções classificadas como ficcionais, uma maneira de observar as injunções, sem no entanto pretender fazer uma discussão das questões de tempo, espaço, relações de classe, raça e gênero na Amazônia Paraense, levando em consideração a visão de um representante da intelectualidade local, num processo de construção pontuando o período do governo militar, momento mais contundente para o escritor/agente dessa pesquisa. A chamada Tetralogia amazônica de Benedicto Monteiro, favorece a compreensão das histórias de vida, mediadas por sua própria, pois o escritor não esconde sua intimidade com o espaço e o tempo da geografia amazônica. Que por este ser um nascido e vivente da região, pode ser um meio de atravessar analiticamente as categorias antropológicas tempo e espaço, que estão presentes na tessitura social amazônica da época, levando-se em consideração que o tempo pode ser considerado como um indo para trás e para frente como nas considerações de Leach (2006). É a partir de uma visão do intelectual que perpassam os olhares, os entendimentos e a expressão do outro. O contar do dia-a-dia, o mostrar as imagens do outro e conseqüentemente de si no outro, as relações de trabalho, de poder, construir a idéia de mediações necessária para percorrer o universo social do momento histórico de que Benedicto foi parte integrante. Provavelmente seja a construção da realidade do dia-a-dia amazônico que o autor tenta construir a partir de um objetivo como “uma realidade que é verificada por todos os homens, que é independente de todo ponto de

42 O mesmo que parece. Expressão utilizada, nessa forma, na linguagem dos grupos populares em Belém e entre as populações dos municípios do interior do Estado (DICIONÁRIO PAPACHIBE, 1998, VOL. II, p.157).

vista que seja puramente particular ou de grupo” (GRAMSCI, 1991:69), e talvez ele não se dê conta que mesmo sua maneira de ver o espaço amazônico pode ser o olhar amazônico do segmento social do qual é oriundo.

Perguntamos a Benedicto como foi a relação dele, sendo um representante de um segmento economicamente privilegiado de Alenquer e as questões de diferença de classe, sua juventude, sua adolescência, ao que Benedicto diz⁴³:

– Eu conscientemente não posso dizer que tinha

-..., mas o meu comportamento já era avançado...entendestes? Eu sabia que aquele grupo era de operários, estaqueiros... mas não tinha visão de classe.

(Fragmento de conversa com Benedicto Monteiro, em Belém a 13.01.2007)

No momento da narração, mesmo a ficcional, o autor pode fazer uso de suas reminiscências e construir uma espécie de releitura da própria história, e Benedicto afirma

–..[ininteligível]...o pensamento, esse pensamento meio da esquerda era dominante...[ininteligível]...esse meu pensamento político-literário...[ininteligível]...são todas baseadas na política literária...[ininteligível]...com certo prejuízo...[ininteligível]...

Tornar-se visível a partir do trânsito em vários campos sociais

- Por que tu achas que tu te expões assim?

Benedicto – É, eu me escondi, mas... [ininteligível]...me achou

- [risos] Ah! tá, tu achas que tu não tens visibilidade? Se tu agires assim...

Benedicto – Tenho agora

- Hum!

Benedicto – em função

- Por que tu achas que tu te expões assim?

43. As respostas de Benedicto Monteiro estão em fonte menor que as perguntas, o que faço como recurso para mostrar o nível de sua voz em decorrência de sua afonia.

Benedicto – É, me exponho, de certa forma... [ininteligível].mas...

- Ah! tu achas que tu não tens visibilidade e tu não podia dizer isso com os textos

Benedicto - Agora... [ininteligível].mas em função

- Então eu acho que estou no caminho certo, [risos] obrigado

Benedicto – de ser escritor

- E tu não querias ser visto como escritor?

Benedicto – Não

(Fragmento de conversa com Benedicto Monteiro em Belém a 13.01.2007)

Como a leitura de discursos literários poderia ser semelhante à de um texto autobiográfico? Poderíamos pensar a priori que o texto autobiográfico seria um texto “vivo” construído a partir de um agente social. Mas será que os discursos literários também não têm a intenção de construir a partir de acontecimentos significativos e conexões em um determinado momento histórico que dariam sentido a sua existência enquanto texto?

No caso da Tetralogia de Benedicto Monteiro a construção textual chega perto da autobiografia, no aspecto de uma intencionalidade que direcionaria para um discurso de clamor, a partir do uso da linguagem literária, de um amazônida denunciador de uma situação que, levando em consideração os valores de seu universo social, incomodava. A técnica de brincar com o tempo utilizada por Benedicto, característica do que poderíamos classificar de “romance moderno”, contribui para “enganar”, a dizer o indizível em um momento de pressão, construir o cenário onde “o real é descontínuo, formado por elementos justapostos sem razão, cada um é único, e tanto mais difíceis de entender porque surgem sempre de modo imprevisto, fora de propósito, de maneira aleatória” (ROBBE-GRILLET. In: BOURDIEU, 1996(b), p. 76).

Esta característica é reforçada pela citação em seu primeiro livro da Tetralogia, *Verdevagomundo*. Logo em seu início, onde utiliza Robbe-Grillet, “Estas não serão mais o vago reflexo da vaga alma do herói, a imagem de seus pensamentos, a sombra de seus desejos”. (MONTEIRO, 1998, p. 7), mostra a intenção de criar um “denunciador” para além das questões de gênero literário e observando a utilidade de determinados recursos

literários. Benedicto Monteiro poderia até não ser reconhecido como grande inventor de uma maneira nova de construção de discurso literário, porém, soube se utilizar de um recurso de maneira a mostrar o não-mostrável. E que também serviu como uma espécie de característica que o distinguia de outros autores amazônicos, que ajudaria a criar sua imagem como autoridade no pensar amazônico, aquele que **está** no lugar e não apenas aquele que **fala** do lugar.

- E Dalcídio⁴⁴?

Benedicto – Tem seus limites, falou do regional. Mas eu vivi (grifo meu) o regional

(Fragmento de conversa com Benedicto Monteiro em Belém a 02.12.2006)

Neste modelo de escrever “brincando” com o tempo e com características de uma história de vida, Benedicto Monteiro tenta exprimir a si mesmo, enquanto representante de um segmento, e ao outro, por este servir para que o escritor consiga objetivar a sua subjetividade, também amazônica, em outro amazônica, o que totalizaria um mundo na idéia de que

Para compreender o que pode ser dito e sobretudo *o que não pode ser dito* no palco, é preciso conhecer as leis de formação do grupo de locutores – é preciso saber quem é excluído e quem se exclui. A censura mais radical é a ausência. É preciso pois considerar as taxas de representação (no sentido estatístico e no sentido social) das diferentes categorias (sexo, idade, estudos, etc.), logo, as probabilidades de acesso ao local da palavra.

(BOURDIEU, 2004(a), p. 55).

44 Dalcídio Jurandir Ramos Pereira romancista paraense nascido na cidade de Ponta de Pedras, ilha do Marajó, Pará em 10 de janeiro de 1909 e falecido em 16 de junho de 1979. Militante comunista, entre suas obras destaca-se “Chove nos Campos de Cachoeira”, onde apresenta o panorama social de uma cidade do Marajó, onde viveu.

A escrita de Benedicto possibilita a reflexão sobre a questão de espaço e a necessidade de uma avaliação dos fatos utilizados por ele em sua construção textual, em decorrência do espaço amazônico passar por um tempo em que ficava cada vez mais forte sua divisão por diferentes segmentos sociais, desde os já existentes, como os caboclos, os indígenas, os fazendeiros e agora, década de 70 do século XX, por força do momento histórico do governo militar, “ninguém a modo acreditava, é o que consta, em chegada assim tão de repente, querendo paresque flagrar alguém, mas chegando assim sozinho então, sem aviso nem pose, numa manhã meia sem graça.” (MONTEIRO, 1991(a), p. 18), mesmo que este governo fosse representado por um filho de nativo, na posição de major do Exército, a serviço do Estado. No entanto, Benedicto constrói a sensação presente no momento, a possível repressão. É importante notar que a representação de poder na vida de Benedicto está presente desde sua relação com sua mãe, ratificada por ele, uma relação que

– Era conflituosa...

(Fragmento de conversa com Benedicto Monteiro em Belém a 13.01.2007)

E o que poderia ser só nas idéias, ser uma mulher que não aceitava a última palavra do homem, mas apenas como agente executor, parece incomodar; para isto Benedicto diz

– Não, na prática também...

– A minha mãe não era... paternalista, ao contrário, quem mandava em casa e nas coisas, era minha mãe. Embora o papai executasse, mas a... sempre o cérebro era a mãe

(Fragmento de conversa com Benedicto Monteiro em Belém a 13.01.2007)

Com relação ao seu pai, Benedicto acreditava ser um homem de vanguarda por permitir uma família com bases matriarcais.

Benedicto – Tinha, tinha, eu, eu como pensava doutra maneira, eu sempre pensei diferente da minha mãe, mas próximo de meu pai e completamente diferente da minha mãe

- Ai havia o embate

Benedicto – Isso, embate

(Fragmento de conversa com Benedicto Monteiro em Belém a 13.01.2007)

Durante o início de seu percurso pelo campo literário, a relação de Benedicto com o poder instituído tendeu ao conflito de idéias, sendo que desta vez teve reflexos no campo familiar. Na década de 50 do século XX, o escritor morava no Rio de Janeiro com um tio, oficial do Exército, e quando da escrita do livro *Bandeira Branca*, prefaciado por Dalcídio Jurandir, filiado ao Partido Comunista, cria uma situação, pelo menos, incomoda,

- O prefácio de “Bandeira branca” escrito por um comunista, Dalcídio Jurandir, como foi recebido por seu tio coronel?

Benedicto - [expressão de aborrecimento]

(Fragmento de conversa com Benedicto Monteiro em Belém a 02.12.2006)

Benedicto – Ah! Quando ele viu esse livro... desapareceu

- Não queria conversa contigo...

Benedicto - [sinal de consentimento] eu tive que sair

- Tu tiveste que sair?

Benedicto - Sair

- Da casa dele?

Benedicto - Tive que sair... da casa dele

- É mesmo?

- Sim e a partir daí tu contas... hum

Benedicto – Era... oficial do Exército, integralista...

- Oficial e integralista, ai pronto..

Benedicto – [sinal de consentimento]

- Não deu certo!

Benedicto - [sinal de consentimento]

(Fragmentos de conversa com Benedicto Monteiro em Belém a 13.01.2007)

Estes embates, entre o integralismo⁴⁵ de parte de sua família, que Benedicto fala seguir, e, posicionamentos pautados nos ideais da Revolução Francesa, bem como, ideologias tais como: socialismo, comunismo e anarquismo, alimentam o texto dito ficcional do escritor confirmando a idéia que Benedicto utiliza-se de fatos de sua vida cotidiana.

- Sua obra é ficção?

Benedicto – Utilizo fatos...

(Fragmento de conversa com Benedicto Monteiro em Belém a 02.12.2006)

- E as personagens?

Benedicto – Livro não tem personagens, né![risos]

- [risos] É você todas elas?

Benedicto - [pigarro]

- Todas elas se... resumem a você?

Benedicto - Eu acho!

-[risos]

Benedicto - [risos]

(Fragmentos de conversa com Benedicto Monteiro em Belém a 13.01.2007)

Estas questões passam do dito real para o dito ficcional, provocando a necessidade do pesquisador ficar atento ao que Benedicto “escreve” na fala e ao que Benedicto escreve no registro escrito,

45 Corrente política tradicionalista, inspirada na Doutrina Social da Igreja Católica, que apareceu em Portugal nos inícios do século XX defendendo que uma sociedade só pode funcionar com ordem e paz, no respeito das hierarquias sociais, baseadas nas aptidões e nos méritos pessoais demonstrados em oposição às doutrinas igualitárias,

Não desejava penetrar nas raízes daquilo que tinha sido minha família, e que meu tio velho tão bem representava como sombra espectral. As fisionomias de mãe e pai tinham, com a morte, parado na moldura de retratos retocados na parede. Não queria nem identificar essas lembranças.

(MONTEIRO, 1991(a), p. 21).

A Tetralogia de Benedicto Monteiro não cria a necessidade de atribuir sentido a lugares, espaços, por trabalhar mais com as características das pessoas, sendo o lugar espaço coadjuvante.

Apesar do tempo em uma história de vida poder ser dotado de percepção subjetiva e de uma construção textual atenta a representações de perigos, violências e situações indesejadas, Benedicto Monteiro consegue objetivar sua percepção tendo como aliado o momento histórico por que está passando o espaço social escolhido como espaço de seu texto, a Amazônia no governo militar. O que poderia ser um tempo psicológico sem localização, ou localizado inteiramente segundo a vida individual de Benedicto Monteiro, toma concretude, relacionando objetivamente o tempo do texto com determinado momento histórico, mesmo sem que ele deixe de utilizar o recurso de superposição de vários tempos independentes. Benedicto reforça o uso de um tempo do fato, do contexto, “economista brasileiro formula o primeiro Plano trienal que é aprovado pelo Presidente da República. Objetivo: manter um ritmo de crescimento elevado (7%), reduzindo paralelamente a taxa de inflação (10%) e realizando as reformas necessárias.” (MONTEIRO, 1991(a), p. 21). Fato acontecido quando do plano trienal na década de 60 e reafirmada a intenção de que tipo de tempo,

- E o tempo, como funciona para você?

Benedicto – Criei o transtempo, o tempo do contexto...

(Fragmento de conversa com Benedicto Monteiro em Belém a 02.12.2006)

É um *mix* do tempo leachiano, um indo para trás e para frente, desta vez trabalhando com o contexto de uma Amazônia que vivia uma realidade com várias realidades se interconectando, a do nativo e a imposta pelo governo militar, por vezes em processo anulação de uma em benefício de outra. Com o desenvolvimento deste trabalho apresentaremos como de forma concreta as personagens da Tetralogia de Benedicto Monteiro se posicionam dentro de diversos campos, de um universo social. Apresentam-se com um modo de pensar próprio que este trabalho tem como um dos objetivos analisar, mostrar a possibilidade de estudo antropológico, em um texto literário.

A linguagem literária utilizada por Benedicto Monteiro, por vezes desconstrói a idéia da gênese do texto literário sobre um mundo imaginário, de ficção, até porque se ao autor é dada a oportunidade de falar através de suas personagens, também se oportuniza ai a visibilidade de seu discurso⁴⁶. Negando, por vezes, a ruptura do texto literário com o mundo dito real, que seria a característica do texto ficcional. Esta negação, em Benedicto Monteiro, é observada por sua não projeção de um universo totalmente imaginário, sem, no entanto, deixar de articular seu discurso a partir de um sujeito-narrador. Porém se utiliza de vários sujeitos/narradores construindo, desta forma, a idéia de fala dos diversos campos de um universo social. A fala dos agentes destes campos sociais esta na percepção de Benedicto Monteiro, não necessariamente como representantes de classes sociais,

Benedicto -..., mas o meu comportamento já era avançado... entendestes? Eu sabia que aquele grupo era de operários, estaqueiros... mas não tinha visão de classe

(Fragmentos de conversa com Benedicto Monteiro em Belém a 13.01.2007)

⁴⁶ Utilizo o conceito de Dominique Maingueneau, no qual discurso designa “menos um campo de investigação delimitado do que um certo modo de apreensão da linguagem: este último não é considerado aqui como uma estrutura arbitrária, mas como a atividade de sujeitos inscritos em contextos determinados.” (MAINGUENEAU, Dominique, 1998.)

mas, como falas dos segmentos sociais existentes no universo social amazônico. Esta percepção seria necessária, tempos mais tarde, como agente social com trânsito em vários campos, para seu discurso como o “denunciador” de uma situação de opressão, a invasão dos planos de integração do governo militar, utilizando-se da Tetralogia amazônica.

Benedicto – É meu pai era fazendeiro, meu pai era fazendeiro, grande produtor de castanha, tinha todo a.. o arcabouço de uma pessoa ligada a classe.

(Fragmentos de conversa com Benedicto Monteiro em Belém a 13.01.2007)

Assim, Benedicto pode encontrar-se na maioria das falas de suas personagens como um narrador, que na narrativa possível de seu segmento social, pode torná-la visível e divulgá-la como a característica de saberes para outros Segmentos-leitores. Desta forma, pode-se observar que Benedicto, em sua Tetralogia, como uma forma de agir sócio-antropológico, deixando suas marcas no texto, através de seus discursos nas falas de suas personagens, marcas estas, com visibilidades sociais e históricas do contexto vivido.

Seja nas conversas com Benedicto:

Benedicto – Ideário

- Do ideário! és um idealista até hoje?

Benedicto – É

- E... a questão do Verdevagomundo, o primeiro livro

Ela surgiu assim...

Benedicto – É

- E as personagens?

Benedicto – Livro não tem personagens, né![risos]

-... Resumem você?

Benedicto - Eu acho!

-[risos]

Benedicto - [risos]

(Fragmentos de conversa com Benedicto Monteiro em Belém a 13.01.2007)

Seja nos textos literários:

Com esse esforço, começava por substituir todo esse passado nas pessoas presentes. Mas, como eu apenas havia chegado, o meu tio teimava em brechar meu pensamento com a sombra de meu pai. As referências ainda bruscas, cortavam como giletes esquecidas no fundo de um saco, ou como arame farpado... dentro da noite.

(MONTEIRO, 1991(a), p. 21).

Seja interligando conversas/textos literários

- Mais afinidade com teu pai?

Benedicto – É

(Fragmento de conversa com Benedicto Monteiro em Belém a 13.01.2007)

Qualquer que seja os sentidos das interligações, estas prepararam o escritor/político para uma “descida do rio”, em direção à diferentes espaços sócias.

CAPITULO II **Descendo o rio**

...a descrição da subjetividade objetivada reenvia à descrição da interiorização da objetividade.

(BOURDIEU, 2004(b), p. 30).

BEIRADIAR⁰¹

Vamos começar a “descer o rio”, forma que o nativo da região do Baixo-Amazonas utiliza quando vem para Belém, capital do Estado do Pará. Mas, antes disto precisamos refletir sobre o que acredito ser uma instabilidade e inatingibilidade de um objeto ideal – que, grosso modo, seria uma espécie de tipo ideal de Weber - que não cria a possibilidade de trabalharmos com um objeto que não exista em si, mas que se estrutura e é estruturado por relações sociais construídas a partir de mediações, no caso de meu trabalho, o escritor. E ai tomo emprestado a fala de Bourdieu quando diz que

...as advertências contra a abdicação teórica do empirismo não poderiam legitimar a intimação terrorista dos teóricos que, ao excluïrem a possibilidade de teorias regionais, confinam a pesquisa na alternativa do tudo ou nada, do hiperempirismo pontilhista ou da teoria universal e geral do sistema social. Sob os apelos de urgência de uma teoria sociológica, confundem-se, com efeito, a existência insustentável de uma teoria geral e universal das formações sociais e a exigência inelutável de uma teoria do

01 Aproximar ou estar próximo à margem ou de alguma coisa. (SILVA, Daniel e MESQUITA, Roberto, 2006, p.48).

conhecimento sociológico.

(BOURDIEU, 2004(b), p. 43)

Desta forma, vamos descer o rio, mas não pelo talvegue, o canal mais profundo do leito do rio, que suavizaria nossa descida, mas “beiradiando”, tendo a visibilidade das mediações construídas nas margens, possibilitando o aparecimento das “teorias regionais”, como fala Bourdieu.(2004.a)

Até agora utilizamos algumas partes do primeiro texto da Tetralogia, chamado *VerdeVagomundo* em contraponto com o texto autobiográfico chamado *Transtempo*. Observamos que Benedicto, para tornar seu discurso mais próximo dos fatos de que ele fala, é a fonte de sua escrita literária. Em um comentário feito por Darcy Ribeiro⁰² para este texto, e aí podemos observar a utilização por Benedicto de capital pertencente a outro campo, mas que, se pensarmos na possibilidade de interseção dos campos, é utilizado como “passaporte” a visibilidade por uma autoridade de outro campo,

“mais olhos ninguém teve do que Bené para ver e sofrer e comunicar a dor e o gozo milagroso de ser amazônida. Para tanto, Bené se encarna em Miguel, malazarte-macunaíma das barrancas, no seu ofício de emprenhador, festejado das mulheres de todas as raças invasoras. Sua Tetralogia – *Verde Vagomundo e Minossauro*, que se completa com *A Terceira Margem e Aquele Um* – é o espelho melhor que se compõe até hoje para ver a Amazônia.”

(RIBEIRO in MONTEIRO, 1991(a), capa).

02 Darcy Ribeiro, antropólogo, escritor e político brasileiro. Notabilizou-se fundamentalmente por trabalhos desenvolvidos nas áreas de educação, sociologia e antropologia tendo sido, ao lado de Anísio Teixeira, um dos responsáveis pela criação da Universidade de Brasília, elaborada no início dos anos 60, ficando também na história desta instituição ao ser o seu primeiro reitor.

É importante a relação que Darcy Ribeiro faz entre Benedicto e uma de suas personagens, Miguel dos Santos Prazeres, que estará presente em toda Tetralogia. Relação que poderá ser vista ao longo deste trabalho com cada uma de suas principais personagens, conseqüentemente possibilitando visualizar os possíveis trânsitos do escritor pelos diversos campos existentes e representados na Tetralogia. No entanto, são os reforços de autoridade, buscada por Benedicto em interseção de campos, do discurso do escritor por sua construção literária a partir de fatos, do contexto, que viabilizariam seu ganho de capital social e posterior livre acesso a um universo social mais amplo.

IMAGEM 01



Em discurso na Câmara Federal

<http://www.verdevagomundo.com.br/26ago2006>

Em discurso na Câmara Federal (IMAGEM 01) apresenta uma foto antológica de sua prisão na época do governo militar. A imagem construída ao longo de sua “descida do rio” vem reafirmando-se ao “beiradiar” as margens dos campos sociais em busca de visibilidade

e consagração, como político e, na impossibilidade no mínimo seria visível como escritor, mesmo não sendo sua vontade.

Benedicto – de ser escritor

- E tu não querias ser visto como escritor?

Benedicto – não

(Fragmentos de Conversa com Benedicto Monteiro em Belém a 13.01.2007)

Podemos observar que os campos se interligam e nesta situação o campo político institucional tende a possibilitar uma modificação de habitus que desconstrói outros campos numa espécie de cascata.

Outro mecanismo de afirmação de discurso é a utilização de representações metafóricas que representariam, simbolizariam um dos mecanismos de inibição que o opressor, representantes do governo militar, utilizavam para obter o silêncio do oprimido. “Assim, Benedicto constrói os discursos dando a idéia destes estarem sendo gravados em fitas cassete, uma espécie de recurso “etnográfico” para o aproveitamento de uma determinada situação de, como fala Weber, “domesticação do dominado”,” GRAVADOR AUTOMÁTICO – FITA N°1” (MONTEIRO, 1991(a), p. 17.

A construção do processo de legitimação da dominação começa, no primeiro texto da Tetralogia, com a personagem Tio Josico, que inicia esta costura, ou tessitura do texto, como diriam os lingüistas, mostrando através do seu discurso, a necessidade de se ratificar a imagem de poder de seu sobrinho, ou mesmo de sua família, através de seu sobrinho, “a partir da constelação de interesses, ou seja de considerações utilitárias de vantagens e inconvenientes por parte daquele que obedece.” (WEBER, 2006, p.128). Assim, a personagem Tio Josico, tio do major que chega a cidade para vender suas terras, constrói o discurso da legitimação

Meu Deus! Como chegastes de tamanha surpresa, sem um aviso, *sem o menor preparo*, tu sabes das *conveniências*, *havera* de ter preparos, *como então*, o recebimento de uma autoridade tem seus *próprios gestos* (grifos meus). Podia ter

convidado o Prefeito, o Vigário, o Escrivão, o Delegado de Polícia, o Juiz de Direito, para receber esse ilustre oficial.

(MONTEIRO, 1991(a), p. 17).

Podemos perceber o entrelaçamento de campos, Estado, Igreja, Polícia e Judiciário, com o pertencimento do major como representante institucional e filho de um “coronel” da região, filho da região. Benedicto não poderia ser visto, também, como “coronelzinho”, aos moldes do *sinhôzinho* e utilizar-se da linguagem literária, do fazer literário, construindo uma “antropologia” da literatura, onde nos permitiria fazer a leitura de suas próprias contradições, como representante de uma intelectualidade? Acredito que Benedicto busca, em sua Tetralogia, uma forma de se qualificar, através de um pertencimento via linguagem, possibilitando a construção de uma imagem como tradutor das falas dos nativos do Baixo-Amazonas. Utiliza-se, como ele afirmou anteriormente, de “fatos”, contexto na sua escrita literária e quando escreve o contexto, em sua obra, utiliza-se do discurso direto, construindo uma subordinação da personagem a ele e, ao fazer esta construção, possibilita a compreensão do que Bakhtin diz

Sempre que o contexto do autor compreende um discurso direto, por exemplo, o de um personagem, encontramos, no interior de um contexto único, dois centros de fala e duas unidades de fala: a unidade constituída pelo enunciado do autor e a constituída pelo enunciado do personagem. A segunda unidade, entretanto, não é independente da primeira; lhe é subordinada e figura como um de seus componentes.

(BAKHTIN apud LIMA, 2002, p. 491)

O princípio da imagem do poder social impõe-se como um catalizador para as estruturas mentais, fazendo-se presente no próprio *habitus* incorporado por Tio Josico,

... Olha, como é mesmo que eu te chamo? Major? Sobrinho? Oficial? Senhor? Antônio? Como é mesmo? Ou será que ponho em cima de ti mais uma estrela de coronel? Olha que se passaram mais de trinta anos! Nem sei mesmo como te trate. Me dá vontade de bater continência, tocar *paresque* o toque de alerta, e reunir a cidade inteira, só para ver o ilustre *visitante* (grifo meus).

(MONTEIRO, 1991(a), p. 17).

O estranhamento ou distanciamento de um parentesco gestador de um *habitus*, legitimação do poder, expande-se pelas pessoas fazendo desta construção social gestada a naturalidade do poder que vem dos segmentos dominantes. É um *habitus* gestado no campo político e que tem a aquiescência de sua construção na própria família, criando uma organização social e de parentesco que reforça uma ideologia do poder centrado na família, a partir de um fazer político nas relações cotidianas em direção a um fazer político partidário.

A literatura, impondo-nos uma consciência. dramática da linguagem, renova essas reações habituais tornando os objetos mais “perceptíveis”.

(EAGLETON, 2003, p. 5).

O CAMINHO É “MERMOM ASSIM”⁰³

O deslizamento da estrutura social do campo político, mediado pela família, possibilita o aparecimento de interseções no universo social, proporcionando a Benedicto a entrada e um lugar privilegiado no campo popular. Desta forma, ele acredita adquirir legitimidade para falar em nome do nativo; a mesma lógica que é ratificada por Bourdieu quando diz que

Se, a despeito de suas incoerências e incertezas, e também graças a elas, as noções pertencentes a família do “popular” podem prestar muitos serviços, e até no discurso erudito, (quicá político), é porque elas estão profundamente encerradas na rede de representações confusas que os sujeitos sociais engendram, para as necessidades do conhecimento corriqueiro, (ou naturalizado), do mundo social e cuja lógica é a da razão mítica. (inserções minhas)

(BOURDIEU in Actes de la recherche em sciences sociales, n. 46, março, p. 98-105, Paris).

⁰³ O mesmo que: bem assim, mesmo assim.. (SILVA, Daniel e MESQUITA, Roberto, 2006, p. 168)

Percebo que é a partir da linguagem mítica que, preponderantemente, é gestado a maioria dos *habitus* na Amazônia. Talvez por ser facilitada uma relação ecológica, em que encontra no mítico um modelo pedagógico mediador das linguagens, facilitando a comunicação entre seus falantes, favorecida por significantes comuns.

É interessante como a chegada de um oficial das Forças Armadas transforma a maneira de pensar da sociedade local. Para os parentes do major e outras famílias representa a possibilidade de alianças que produziram ascensão, modificação de status e deslizamento para níveis sociais diferentes. As moças já não estariam tão dispostas a ceder aos encantos de um boto disfarçado de homem⁰⁴ com chapéu de palha e levadas para o rio, talvez agora fossem encantadas por um novo tipo de boto que provavelmente as levaria para um outro Rio.

E a professora, quando descobrir que és solteiro, soltará todos os seus sonhos. Sonhos, como se diz de uma donzela, com príncipe-encantado-e-tudo vestido numa farda de oficial. Olha, por aqui, boto-encantado, vindo do fundo das águas, já não engana professora-moça. Muito menos disfarçado em caboclo, com chapéu-de-palha na cabeça. Ninguém quer mais ser levada como donzela pro fundo do rio como dantes. Aqui também, de longe em longe, acena um pensamento de progresso.

(MONTEIRO, 1991(a), p.20).

A possibilidade de leituras sobre a engenharia das relações de parentesco e afinidades faz da Tetralogia uma fonte de reflexão e estudos. Uma das possibilidades apresenta-se na construção textual da chegada do oficial do Exército, suas regressões como aquele que volta e seu desembarque numa relação do poder simbólico entre a ponte e a representação dele como instituição do Estado, pode ser bastante forte na construção do silêncio dos

04 Como na lenda do boto, em que este se disfarça de homem para desta forma, conseguir seus anseios de coabitar com as mulheres, levando-as para o rio. Neste caso, seria para o Rio de Janeiro, numa releitura.

segmentos sociais inscritos no tempo-espaço, bem como, a influência das relações de parentesco e afinidade em uma doxa do silêncio.

Nunca pensei antes que a liberdade de escolher uma roupa, pudesse causar tanto embaraço. É que havia antes, um desejo e uma promessa: meu pai sonhava de ver o meu regresso de um oficial vestido em farda de gala. Mas agora meu pai estava morto. A clara manhã devassando a bruma fazia a cidade mais indiferente. E a distância no tempo transformava todas as condições de indumentária. Com que roupa? A resposta veio com o eco de roupas batidas por lavadeiras na água corrente. Restava apenas a promessa. O desejo de morto, meu pai, criou força de consciência e ainda pôde, quem sabe de que distância, comandar o simples gesto.

(MONTEIRO, 1991(a), p. 15-16).

Aqui, temos a figura do pai, das lavadeiras (povo) e do eu; analisarei mais adiante o que poderá ser este eu, entrando na construção do discurso que apresenta o instituído ligado ao segmento das classes mais favorecidas e o trânsito deste no segmento popular, buscando a qualificação, por trânsito, como representatividade. São campos em um conflito, que por vezes tem seus momentos de cooptação e outros de rupturas, num processo dialético realimentador da vida.

A imagem construída de Benedicto como político quase sempre é vinculada a sua origem em família abastada. Fato destacado pelo então deputado estadual Paulo Fontelles, no discurso alusivo ao título de “honra ao mérito” concedido ao escritor em 21 de maio de 1985.

Sua vida, desde estudante, tem sido consagrada ao combate pela causa da democracia e dos interesses nacionais. Embora sendo filho de família abastada dedicou toda sua vida ao serviço público, exercendo desde o mandato de vereador da sua cidade, até os cargos de promotor público e magistrado, secretário de

Estado e representante do povo nesta casa, onde, em 1964, foi cassado sem direito à defesa, já no exercício do seu segundo mandato.

(FONTELLES apud MONTEIRO, 1993, p. 31).

Observo que a importância de *Verdevagomundo*, para Benedicto Monteiro e para o processo de construção tetralógica pode autorizar-me a analisar o trilhar da construção de uma espécie de “epicidade” amazônica necessária para o momento conturbado em que foi escrito o primeiro livro da sua Tetralogia. Perceber que *Verdevagomundo* é seu referencial para a sucessão tetralógica amazônica, bem como pode ser entendida como o livro de estréia. Pois, apesar de ter escrito antes um livro intitulado *Bandeira Branca*, 1945, no qual reúne uma coletânea de poemas de sua autoria, este não pode ser considerado dentro do jogo efetivado no campo literário

...como livro de estréia já que não entraria no rol de “obra anterior” não possibilita o entendimento como relação entre o conjunto do que foi produzido pelo “criador” anteriormente, em termos cronológicos, à sua produção mais recente e as respectivas interpretações e/ou julgamentos referentes a esta produção. É através destas interpretações, que lhe dizem respeito – empreendidas por agentes do campo intelectual responsáveis pelo julgamento dos bens simbólicos produzidos...

(ALMEIDA, 1979, p.23)

Por esta razão o texto de *Verdevagomundo* é uma espécie de canoa para descer este rio, que Benedicto navega, beirando as margens. A facilidade com que Benedicto transgride a noção formal de tempo, tanto em seus textos como em nossas “conversas”, leva-me a pensar em utilizar uma espécie de “programa” onde, com um “chip”, colocado em Benedicto, fosse isso possível, pudesse acompanhá-lo em uma caminhada de vai e vem no espaço-tempo - que ele denomina transtempo. Benedicto Monteiro lembra o mestre-coelho de “Alice no país das Maravilhas”, num lugar, momento da construção da Tetralogia,

semelhante ao país, que a queda revela à menina, o Brasil/Amazônia e seus projetos desenvolvimentistas⁰⁵ no governo militar. Ou mesmo um Frédéric, personagem de Flaubert, em *Educação Sentimental*⁰⁶, que Bourdieu analisa de maneira pontual, relacionando os campos percorridos por Flaubert para a construção de seu texto, e que poderia ser transferido para as posições que Miguel dos Santos Prazeres ocupa na Tetralogia amazônica de Benedicto Monteiro.

Ao analisar algumas situações em que se poderia enquadrar a Tetralogia amazônica, observo o quanto é importante chamar Benedicto à cena como um dos dados de análise, oportunidade que outros pesquisadores não tiveram, como o próprio Bourdieu e Enio Passiani, este último em relação ao seu trabalho sobre Monteiro Lobato⁰⁷. Conversar com o sujeito-objeto de meu trabalho, o escritor e sua interação tetralógica. Oportunizar o sujeito-objeto na prática do discurso, entender a partir de sua fala, sua relação com os campos com que precisou interagir para capitalizar com suas moedas, prováveis perdas e ganhos. Estudar um agente social e sua obra, ambos vivos, esta em vida literária, que apesar de não ser biologicamente viva está perpetuada através dos agentes sociais que a utilizam e reatualizam, assim como no caso dos mitos estudados por Lévi-Strauss em *A Estrutura dos Mitos*, Geertz com os símbolos em *A Interpretação das Culturas* e outros antropólogos.

Chama-me a atenção a utilização de uma citação de Alain Robbe-Grillet, por Benedicto Monteiro, “Estas não serão mais o vago reflexo da vaga alma do herói, a imagem de seus pensamentos, a sombra de seus desejos” (MONTEIRO, 1991(a), contracapa), escritor francês, um dos arquitetos do “nouveau roman”⁰⁸. E pergunto o que faria o autor utilizar Robbe-Grillet em sua fase mais fenomenológica? Benedicto está escrevendo nas

05 Para uma análise reflexiva sobre os projetos na Amazônia ver CASTRO et al, 1995.

06. Romance de Flaubert que tem embutida a educação política sobre as ilusões revolucionárias e os inúteis estragos por elas fomentados. É tal que a relação que Flaubert fez de seu texto com o vivido na França que, em 1871, ao ver o que a Comuna fizera nas Tulherias, comentou: "Isso jamais teria acontecido se tivessem compreendido *A Educação Sentimental*.", e voltou, consternado, para o campo.

07. Ver PASSIANI, 2003.

08. Corrente literária que rejeitava o conceito de romance cuja função é contar uma história e delinear personagens conforme as convenções realistas do século XIX; e transgrediram também outros valores do romance tradicional: tempo, espaço, ação, repúdio à noção de verossimilhança, entre outras.

décadas de 60/70 do século XX e a França é sartriana, como poderia se colocar como auto, mesmo em um momento de silêncio do governo militar brasileiro, sem acolher o que os autores adotam como padrão do primeiro mundo? Assim, escolhe Grillet para chamar a fenomenologia para seu texto. Provavelmente a construção de uma lógica épica na sua Tetralogia.

A construção do herói pode ser considerada uma meta em sua Tetralogia, presente também em sua autobiografia chamada *Transtempo* e a exemplo da sua obra de “estréia”, *Verdevagomundo*, vem chamando o herói para compor a entrada do cenário textual, “Lembrei isso num poema, onde falo do antigo alimento dos heróis: a humilhação, a infelicidade, a contradição” (MONTEIRO, 1993, contracapa), retirado de uma fala de Jorge Luís Borges⁰⁹. Provavelmente o uso das vanguardas no campo literário da época possibilitaria a Benedicto um processo de construção e aquisição de capital no referido espaço.

Nosso herói legitimado, o major de *Verdevagomundo*, depara-se com um lugar de parentesco e pertencimento, (re) apresentado por seu tio. Como numa reafirmação de hereditariedade que legitime a dominação pelos dominantes e possivelmente pelo Estado, no texto representado pelo major. Tio Josico, mais uma vez, é a personagem porta-voz de uma *habitus* institucionalizado. No entanto, os modelos informados por tio Josico e questionados pelo major (trocas matrimoniais e outras estruturas e regras internalizadas) ao ouvir seu tio, sinalizam com uma possibilidade de transgressão de estruturas internalizadas

Por ele, eu descubro nas distâncias, as marcas de outra personalidade. Ele sempre aceitou ser a sombra do velho, repetindo certos gestos. Em vida, ele e meu pai formavam uma sincronia de comando. Agora, ele apenas se esforçava por manter uma autoridade parece que herdada. (MONTEIRO, 1991(a), p. 21)

⁰⁹ Escritor, poeta e ensaísta argentino - 1899/1986.

o que poderia colocar em questionamento o conceito de *habitus* de Bourdieu. Nesta situação, Benedicto constrói a possibilidade de ser uma espécie de herói que estaria pronto para romper as amarras da opressão do povo, se levamos em consideração que nosso herói seja também uma das alegorias de um *habitus* do escritor (incorporado por ele, na verdade), possibilidade confirmada no capítulo anterior. É a partir dessas imagens que nossa personagem, que estamos chamando de herói, momentaneamente, percorre vários espaços sociais questionando o valor dos capitais adquiridos. O próprio espaço geográfico é uma das estruturas da construção do pensamento, que serve de mediação das estruturas internalizadas numa relação dialética homem/espaço/tempo, fazendo (do mesmo modo) do espaço/tempo amazônico constructo mediador por excelência.

É na década de 70, e ainda hoje, que em algumas cidades da Amazônia, podemos identificar o espaço da sensação de não-pertencimento nacional e da exclusão quanto as benesses da “modernidade”; a começar pela energia elétrica, não-benesses que são marcadas na fala do comandante do barco que transportou o herói do texto *Verdevagomundo*, “ – A luz elétrica, aqui, só vai até meia-noite...” (MONTEIRO, 1991(a), p.12). O comandante lembra também o “arqueronte”, não por levar os mortos para o mundo dos mortos, mas por transportar o herói (major) para a Amazônia, numa alusão deste como se esta fosse a própria morte, ou o lugar dos mortos – pelo menos em relação a um mundo (Brasil) não tão verde e tão vago, como que mostrou o escritor.

Todos, infalivelmente, amaldiçoavam aquele estreito e tortuoso igarapé, que os separava do resto da vida – Mas este igarapé, eu perguntava – não liga a cidade ao Rio Amazonas? O Rio Amazonas não desemboca no mar? A resposta simplesmente não vinha, desconversavam... quando muito, respondiam perguntando: mas Major, o senhor sabe por acaso, o que é remar léguas e léguas? (MONTEIRO, 1991(a), p. 28)

uma espécie de “mundo dos mortos”, dos mortos pelo Estado, um espaço do não-espaço.

10. Não posso deixar de lembrar neste ponto de minha discussão, algumas falas referenciais com essa mesma leitura de Amazônia em CASTRO (1930), CUNHA (1999), MORAES (1936) e VERÍSSIMO (1886 -1985).

... Essa participação pela qual se participa da entrevista, levando assim seu interlocutor a dela participar, sendo isso que distingue do modo mais claro a conversa comum, ou a entrevista tal como nós a temos praticado, da entrevista na qual o pesquisador, preocupado com a neutralidade, se proíbe todo envolvimento pessoal.

(BOURDIEU, 1997, p.706).

“ESPIA SÓ A MAROMBA”¹¹

A construção social em um espaço fluvial por excelência dificultou, inicialmente, a operacionalização do modelo de progresso idealizado pelo governo militar para a Amazônia, levando em consideração que o modelo de transporte intensificado por Juscelino Kubitschek era o terrestre¹². A “barreira” fluvial, neste sentido, fazia da Amazônia um existir sem ser visto, pertencer sem ser conhecido, fatos que ratificaram a necessidade de “ocupação” da região, esta necessidade de “integrar para não entregar”, forte apelo, veiculado aos quatro cantos, durante o governo militar, uma espécie de “bode expiatório conveniente”¹³, apelando para um nacionalismo, mas para a formulação de Benedict Anderson (2005) – comunidades imaginadas” – relativamente à entidade nação, “salientado que esta, tal como o nacionalismo ou a nacionalidade são “cultural artefacts of a particular

11 O mesmo que: Presta atenção na casa de madeira muito alta. Construção usada provisoriamente durante a época de cheia dos rios para salvar as criações e os moradores da região afetada (SILVA, Daniel e MESQUITA, Roberto. Glossário do falar popular alenquerense. Belém: IPTA, 2006)

12 Face à facilidade do combustível, derivado do petróleo, e o crescimento da Petrobrás, o transporte rodoviário foi a opção por excelência do governo de Kubitschek.

13 Na prática, a explicação nacionalista era freqüentemente pouco mais do que a busca de um bode expiatório conveniente. O que ela ocultava era a dificuldade inerente de mobilizar recursos internos para o crescimento econômico, particularmente para um ritmo ambicioso de crescimento. (SKIDMORE, 1988 (a), p.380)

kind”, sujeitos, portanto, a mecanismos de re-criação permanente. Sob a visão alegórica da mãe pátria ajudando uma espécie de filho desgarrado, que poderia ser desviado do que é correto. A visão do latifundiário passada a sua descendência, na maioria das vezes, não informa a origem de sua sustentabilidade familiar, possibilitando a cultura do não-saber o preço de suas vidas, como na reflexão do herói (major) quando deparou com uma realidade não observada anteriormente, “Agora eu sabia também, o preço da vida em espécie. Conhecia de onde provinha o valor daquilo que se chama tão convencionalmente: um lugar na sociedade.” (MONTEIRO, 1991(a), p.26)

A utilização por Benedicto Monteiro de teorias que poderiam criar o estatuto da verdade institucionalizada, faz com que o escritor busque as visões de Louis Pawels, Jacques Bergier e Eric Temple Bell, escritores franceses com formação acadêmica, nas (ditas) ciências exatas, e que usam teorias desta área para a escrita de suas obras, criando um estatuto científico para a obra literária. Desta forma, quando Benedicto Monteiro se utiliza de representantes de um estatuto científico em sua escrita da Tetralogia amazônica, poderia estar assegurando o reconhecimento de sua Tetralogia no rol das obras que buscam autoridade não apenas no campo literário, mas também no campo científico. Uma forma de visibilidade que era prática comum, a época da escrita de Benedicto, na França, utilizando na literatura, desse país, a filosofia, notadamente o existencialismo, fenomenologia, etc., a exemplo de Sartre, Camus, entre outros. Estas estratégias passam para a linguagem, utilizada nos textos do escritor, ratificando conceitos que possibilitam novas respostas para os problemas sociais apresentados por Benedicto que ocorrem na Amazônia e trabalhados na Tetralogia.

A passagem de Benedicto pelo Colégio dos Irmãos Maristas, em Belém, teve uma importância fundamental. Cumprindo uma lógica de que toda a educação formal era a rigor vocacional e visava treinar certos indivíduos para certas posições e ocupações na sociedade, colégios religiosos preparavam em internatos os filhos da classe dominante para o ingresso nas escolas superiores. A formação humanista dessa instituição confessional, bem como, os questionamentos em relação à validade dos conhecimentos adquiridos numa espécie de espaço rural, de onde ele é oriundo, e agora a contraponto em um espaço urbano, criam a necessidade de observar novas estratégias, que como vimos, são um capital utilizado

posteriormente no campo literário. Por meio da literatura, Benedicto Monteiro pôde relacionar-se, imaginariamente, com a realidade histórica. É a partir da literatura que possibilitou ao escritor a criação de um real imaginário, sem, contudo, deixar de representar um real verídico, existente. Assim podemos dizer que a literatura pode ser um instrumento de desvendamento de “coisas” veladas da chamada realidade, até quanto se possa falar assim, considerando um entendimento e interpretação de base antropológica.

Do herói de *Verdevagomundo* não podemos afirmar que ele seja Benedicto *strictu sensu*, mas podemos, a partir da fala do escritor em *Transtempo*, observar algumas características semelhantes na trajetória dos dois. Aquele, de uma espécie de urbano para uma espécie de rural, este, de uma espécie de rural para uma espécie de urbano, em uma doxa dialética do homem, em função de espaço, um tipo de recorrência de trajetórias, de um lá para cá ou de um cá para lá. Em que condições se faz este trânsito que Benedicto denomina de “desapetrechado”.

Senti logo que estava completamente desapetrechado para aquela vida de internato. Não sabia empinar papagaio¹⁴, não sabia jogar futebol nem voleibol. E nem sabia qualquer tipo de luta, para me defender dos próprios internos na divisão de menores. As únicas coisas que eu sabia fazer era nadar e montar a cavalo. Coisas inúteis naquele espaço de internato, todo ocupado por um pequeno pomar e dois campos de futebol e voleibol. (MONTEIRO, 1993, p.16)

Ao mesmo tempo o “herói” de *Verdevagomundo* passa pelos mesmos problemas de desapetrechamento e reflete sobre esta situação, ou seja, sua impotência perante uma espécie de espaço rural. “Pensei que era fácil abstrair o passado, fechar o coração ao presente e dar um salto sobre o futuro. Para isso possuía um título, que naquela circunstância não era nem um posto. Possuía uma farda, que no dia da chegada tinha se transformado em escafandro.” (MONTEIRO, 1991 (a), pp. 21,22)

Benedicto, em sua autobiografia, tem bem claro o espaço disciplinador que é a escola e que para ele é distanciado do “povo”.

¹⁴ Colocar uma pipa no ar

Penso se no momento de sua estada no internato no Colégio Marista, ele já tinha claro a importância do que seria a amplitude da palavra povo. No entanto, esta estada em um espaço social diferente, em termos de uma espécie de espaço rural, fez com que este procurasse estratégias que lhe proporcionassem um melhor lugar no jogo social. Estratégias estas facilitadas por dominar um dos capitais simbólicos do espaço intelectual, a escrita. A importância da agregação de capitais e a utilização destes como mediadores foram logo entendidos por Benedicto.

Cedo percebi, também, que só a minha inteligência poderia me salvar daquela enrascada. Se confessasse a minha total ignorância nos jogos e nas molecagens, eu, fatalmente, seria destruído logo na formação da minha personalidade.

Procurei, então conquistar a minha liderança pelo trabalho. Ajudava a todos em tudo que tivesse que ser escrito, lido ou conversado. E sempre procurava ceder a minha vez para qualquer colega. (MONTEIRO, 1993, p.17)

Sob “situações limites”¹⁵ todas as estratégias são tentadas, principalmente para dizer o indizível. Benedicto entende o internato como uma dessas situações limites e o vê como uma prisão. Em tal espaço, sua voz é calada por ser uma espécie do rural em um outro espaço e este espaço de re-condução do filho desguiado ao caminho correto, a exemplo do que, em seus textos da Tetralogia pode-se perceber em relação ao Estado para uma Amazônia que deveria ser conquistada. Pelo percurso de Benedicto que iremos percorrer, notaremos que a escrita e, posteriormente, a literatura aparecem como uma saída para expor seus pensamentos e com a possibilidade de usar a plasticidade da linguagem para dizer o aprisionado, o indizível.

O indizível da Amazônia começa pelos limites de espaço. Em *Verdevagomundo* esses limites se tornam a necessidade de marcar os limites onde o jogo social está se realizando. Não é esquecida a maior característica do espaço onde se dão as contendas

15 Para trabalhar com Benedicto Monteiro considerei situação limite o momento em que o agente social se depara com a possibilidade de não ter como definir claramente seu lugar social bem como trabalhar de forma muito coerente sua relação com os demais agentes sociais. Para esta linha de raciocínio procurei fazer uma releitura de POLLAK (1989).

sociais; a Amazônia é gigante, é hiperbólica¹⁶. É para marcar claramente esta diferença que acontece inicialmente em espaço que Benedicto utiliza bastante a escrita, a linguagem, a mesma que o ajudou no internato a dizer o indizível. Aqui as situações limite institucionais, provocadas pela ação repressiva do governo militar, se confunde com os limites da Amazônia ou dos não-limites, onde as verdades são contextuais e o que começa a valer é a relação que a Tetralogia chama de verde-espacos, a ponto do escritor construir uma variedade de “tons” de “Verde!... verde- caminho... verde-estrada, verde-perto-de-casa... verde-cerca, verde-divisa, verde-limite... verde-distância, principalmente verde-distância.” (MONTEIRO, 1991(a), pp.14,15).

Dá-nos, Benedicto, a descrição simbólica das cidades amazônicas. Mostra a ponte, a igreja e as casas, estas onde o povo do escritor tem medo do espaço, seu próprio espaço. O simbólico, que se reconstrói em alegórico na figura do “herói”, que re-encontrando uma espécie de sistema de significados rurais depara com o questionamento de valoração. Sem, no entanto, deixar de fazer uso do que já está internalizado como símbolo de poder, a apresentação de sua patente. Numa relação direta que Benedicto faz da presença do Estado, na sua forma de protetor, ao mesmo tempo dominador.

A não-consciência de quem sofre a violência simbólica torna-se um meio de naturalizá-la e quiçá, de desejá-la como um meio de usufruí-la. Esta forma contradita é percebida na vontade de perpetuação do poder pelas camadas que tem a dominação, mesmo em espaços diferentes, como é a situação das elites rurais e das elites urbanas. Quando da fala de “tio Josico” durante as reflexões do major,

Tio Josico, fiel, sempre fiel à memória de meu pai, tinha me advertido, talvez até inconscientemente: “Os teus companheiros de molecagem estão aí, isto é, aqueles que agüentaram a febre, o trabalho e o tempo. Se não fosse meu finado mano, não tinhas nem saído deste charco! Ele que tanto que queria ver um filho oficial do Exército!” (MONTEIRO, 1991(a), pp.26,27)

16. Para um aprofundamento na discussão sobre a visão hiperbólica da Amazônia ver PONTE (2000), onde a idéia da hipóbole fundadora das Amazonas é percebida como uma “teoria da sociedade”.

Agora, o pai do major encontrava-se morto e o major encontra a cidade em situação de esvaziamento. Esta realidade é a do amazônida que retorna de uma jornada de capitalização em outras plagas, e encontrava uma situação de descaso, que no texto é percebida pelo major em sua reflexão. Reflexão que pode ir além de um reducionismo econômico marxista, mas para a questão do espaço construído através da transformação do mesmo pelo homem em uma relação sociedade-espaço, tendo como finalidade a intencionalidade humana. Mostrando que no geral, o espaço ocupado e organizado pelas sociedades humanas, é poligênico, necessitando um estudo de todo o processo histórico de sua formação.

Agora estavam ali mesmo: a terra e o homem. A terra com seu valor complexo, sua significação social e com suas raízes profundas. O homem com sua humilde e impertinente presença. Calado, meu tio seria uma figura remota e anacrônica, mas falando, tornava-se incômodo e incoerente quando revolia recordações da minha infância. Todas as coisas nem de leve pressentidas, quando eu estava longe, se resumiam naquela vaga alternativa que eu sempre tinha quando pensava: posso vender minhas propriedades. Será que eu posso mesmo vender minhas propriedades?(MONTEIRO, 1991(a), p.27)

É como se a materialização do *habitus* da necessidade do uso do poder levasse a quem a sofre e quem a utiliza fazer uma reflexão sobre este sistema. A alegoria utilizada por Benedicto diz

Hoje eu sei, que minha chegada surpreendeu a cidade como uma violência. Nunca antes se tinha visto um oficial com tantas estrelas e tantas medalhas atravessar sozinho aquela ponte. E sozinho andar nas ruas vazias sem qualquer identidade! Cadência de andar em gestos. Cadência. Atravessar íntegro a manhã! Distante. Distante nas distâncias. (MONTEIRO, 1991(a), p.16)

A alegoria, na figura do major de um representante do poder a época do governo militar, fala: “hoje eu sei, e até com que palavras causei – eu e minha farda – tamanho espanto. Foi

em todo uma violência. E um pasmo.” (MONTEIRO, 1991, p.16). O texto de Benedicto possibilita que possamos perceber que a aceitação das pessoas que ocupavam a posição de classe média durante o golpe militar é semelhante, tanto no espaço rural como no espaço urbano, provavelmente a visão oligárquica de democracia ratificou a necessidade de implantação de um governo militar na década de 60. Este segmento via a liberdade em profunda identificação com propriedade e religiosidade, particularmente cristã, colocando essa perspectiva de vida social ameaçada, o que significaria a necessidade de uma intervenção político-militar como maneira de protegê-la. Desta forma, o governo militar ser visto como uma forma de defesa para uma certa concepção de democracia, a concepção liberal oligárquica. Talvez, com símbolos iguais, em matizes simbólicas diferentes no espaço urbano e no espaço rural, mas com resultados semelhantes, a imposição do contexto e seus componentes diferenciados em favor de um segmento social privilegiado ou com perspectivas de tornar-se como tal.

É necessário a ratificação do poder simbólico que já está internalizado nas pessoas de um espaço. A personagem tio Josico como representante de uma espécie de ruralidade, mas na posição de uma espécie de elite rural, reforça a necessidade de agregação de mais símbolos do poder para prestigiar a chegada do que poderemos chamar de um poder simbólico maior do que o existente no município, pois o major é “um oficial legítimo – autoridade da Pátria.” (MONTEIRO, 1991(a), p. 17). É importante notar que no texto de Benedicto as relações de trocas simbólicas se fazem presentes. O pai do major era “coronel”, “não de carreira das armas, mas de posses, de respeito pelas propriedades, e de confiança do governo na política.” (MONTEIRO, 1991(a), p.17. Benedicto utiliza-se de passagens como esta como forma de sempre mostrar algumas práticas da sociedade, sejam as do senso comum, como as institucionalizados. Acredito que esta também seja uma das funções do texto literário, pois a prática da informação dos hábitos sociais, mesmo que na forma de ironia, aparece nos textos de outros escritores brasileiros tais como: Machado de Assis, Manuel Antonio de Almeida, Aluizio de Azevedo, Raul Pompéia, Lima Barreto, entre outros, tendo o leitor atento e com conhecimento da história do Brasil a possibilidade de observar os posicionamentos desses mesmos autores, pró ou contra a situação vigente, mascarada pelas estratégias que a linguagem literária pode lhes oferecer.

O trabalho com a linguagem na construção de uma espécie de texto provocativo, permite que Benedicto passe os valores utilizados no meio caracterizado como amazônico. Este trabalho de apresentação do modo de ler um determinado espaço permite mostrar como os representantes do governo militar se utilizaram destas estruturas mentais para dominar os moradores do espaço amazônico na época da execução dos projetos desenvolvimentistas. Assim, no relato de como segmentos diferentes observaram a chegada e, aqui lembramos de como o major sente a falta de público para o espetáculo de poder simbólico, o esvaziamento da cidade, um esvaziamento que poderia não estar ocorrendo, mas, sim na visão institucionalizada que não consegue ver o visível amazônico, este tipo de visão alegorizada na personagem do major. Tio Josico percebe o não esvaziamento sob a ótica do poder, quando falou que o pessoal da beira do rio o viu, o pessoal do mercado o viu, e neste espaço, o uso da palavra “maldaram” em “mas nunca que maldaram que se tratava de Antonio, filho de Chiquinho, conterrâneo de todos, chegando já no posto de major tão de repente.” (MONTEIRO, 1991(a), p.18), no sentido de fazer uma interpretação errônea (julgar mal). É o uso da linguagem que permite Benedicto questionar a noção de esvaziamento desde a chegada sem pompa, quebrando uma prática institucional, apesar de não estar em missão oficial, e o levantamento de desconfiança dos moradores da cidade, provavelmente por terem passado ou terem notícias do autoritarismo, repressão e violência institucionalizados. Adiciona-se a possibilidade da existência de uma espécie de rede de informação amazônica, que era não-visível para os que não eram da região, “Pensas? tuas estrelas e medalhas já correram mundo subindo esses altos rios e florestas. Já atravessaram matas, campos, lagos e igarapés. E agora anda de boca-a-boca no fio invisível do cochicho! Quem será paresque esse major que chegou assim tão de repente? (MONTEIRO, 1991(a), p.18)

A visão de autoridade constituída passa pela divisão de quem pode fazer o que. Assim, cabe a polícia a repressão e ao exército a defesa da pátria, talvez pela lembrança, ainda próxima das guerras mundiais, faz com que o comentário de tio Josico reforce a idéia de morador, que podemos estender para a do próprio Benedicto, que a época da escrita da obra já havia agregado diversos valores durante sua caminhada político partidária, inclusive sua perseguição pelos órgãos de repressão. Daí a frase com um tom de ironia, de tio Josico,

“Quem então já é aquele todo entoadado que chega assim sem nenhum foguete?” – “É um oficial do Glorioso Exército”, parece que disseram. “Que não seja da polícia, que venha da parte do Governo cobrar mais impostos, arrecadar espingardas de colonos, proibir pesca nos lagos sem dono, nem demarcar no chão as terras dos castanhais ainda devolutos. Não se concebe um oficial da Pátria cuidando desses pequenos e mesquinhos préstimos. Acho que falaram: “Oficial com medalhas e estrelas foi feito para guerrear os inimigos nas fronteiras, nos campos de batalha e não executar esses ruins serviços.”. O Clarindo, esse inda me disse: que em pé na canoa, pensou e até falou todas essas coisas, mas com os outros em comentário de pura desconversa. (MONTEIRO, 1991(a), p. 19)

A visão de um serviço “limpo” feito pelo Exército Brasileiro, talvez esteja internalizada coletivamente, e não a visão de terem seus compatriotas como inimigos. Estas relações construídas no texto, relações metafóricas, levam-nos à semelhanças entre as estruturas dos homens, institucionalizadas e as estruturas da escrita de Benedicto.

A confirmação do espaço social de onde o escritor é oriundo não é escondida por este; talvez este pertencimento geográfico constrói a idéia de possibilidade de sua autoridade ao falar em nome do “povo”. Nos momentos-limite, Benedicto não se esquece da necessidade de dar autoridade a seu discurso e chama a fala de outros campos mais visíveis, como Martin Heidegger com sua fenomenologia percebe que, ao atentar-se para a fala de alguém, entenderemos seu discurso, pois, “escutando, o pensamento fala”. Desta forma, o escritor agrega autoridade a seu discurso, chamando uma autoridade contemporânea. É como o intelectual construiu uma forma de denúncia para o que estava acontecendo no contexto histórico em que ele era uma das vítimas. Começa desta forma mais uma etapa de sua campanha num movimento dialético para realimentar sua vida. Desta vez, no sentido de “subir o rio”, porém agora com mais capital social e com posicionamentos mais definidos no cenário dos jogos sociais do qual participou.

CAPITULO III **Subindo o rio**

O etnógrafo "inscreve" o discurso social: ele o anota. Ao fazê-lo, ele o transforma de acontecimento passado, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente.

(GEERTZ, 1989, p. 14).

“ARRIBAR”⁰¹

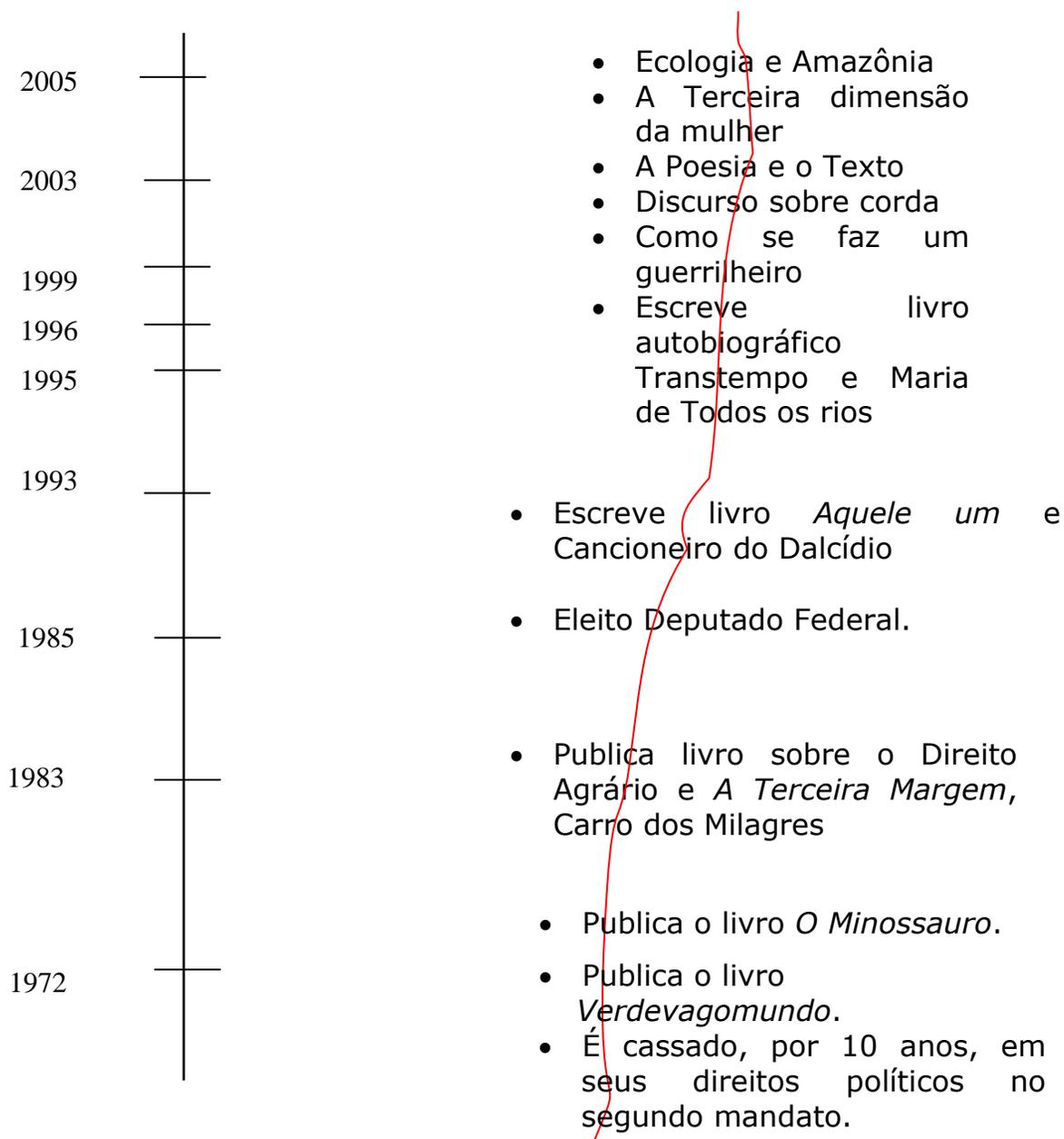
Arribar passa a ser a primeira estratégia de Benedicto Monteiro e, talvez, o melhor modo de arribação seria o beiradiar que já vinha sendo utilizado pelo autor desde sua formação em colégio confessional. A começar pelo casamento e seu espaço de realização. O local do casamento de Benedicto, foi, segundo ele, uma “ilha de negros” chamada Pacoval⁰², a qual denominou quilombo. “Nosso amor livre acabou quando marcamos nosso casamento para a ilha de Pacoval. Uma ilha fluvial, de negros isolados num quilombo, que fica à margem do rio Curuá.” (MONTEIRO, 1993, p.21). É a partir deste marco, o casamento, que a arribação do escritor começa. Procura margear os rios, espaços sociais, transgredindo por vezes os padrões utilizados pela sociedade da época, quando se falava em estrutura familiar. Talvez quisesse esconder sua relação tão fora dos padrões aceitos por seu segmento social, tradicional, de seus amigos oriundos de uma espécie de elite rural e de seus eleitores que legitimavam, também, os valores dessa mesma elite. A promessa de construção para o pároco de Alenquer de uma capela em Pacoval, tem

01 O mesmo que: sair, “ir embora”. (SILVA, Daniel e MESQUITA, Roberto, 2006, p. 34)

02. Ilha, localizada às margens do rio Curuá, onde um grande grupo de negros fugidos das fazendas de Santarém, construíram um mocambo a que deram o nome de Pacoval. Atualmente é considerado quilombo com demarcação reconhecida pelo Instituto de Terras do Pará (ITERPA)

uma visão de compromisso político, em que a troca de favores fica em suspenso. “Pensei que ia poder esconder a cerimônia religiosa dos meus amigos e do (sic) meus eleitores. Mas a promessa que tinha feito a frei Cirilo, quando desenhamos e construímos a capela, me obrigou a casar naquela localidade” (MONTEIRO, 1993, p.21).

A partir de agora utilizaremos a linha do tempo da segunda fase, de 1972 até os dias atuais, não desligando dos fatos iniciados nos primórdios de 70. Fase de maior atuação política, mais nacional que regional, e marcada pelo reconhecimento mais expressivo de sua produção literária. Assim, temos na segunda fase.



Benedicto Monteiro vinha de uma vida política que começou com sua vereança em Alenquer, sem visibilidade nacional. Após este período, teve atuação como secretário de Estado no Pará, secretário de Obras, Terras e Viação nos governos de Moura Carvalho e Aurélio do Carmo, na década de 60, onde esteve à frente das questões agrárias, “ao longo da Belém-Brasília o então Secretário de Agricultura, Benedicto Monteiro, reservou uma faixa de uma légua (6.600m) para cada margem da estrada, destinando-a a projetos de colonização” (ÉLERES, 2002, p.42), preocupação constante em sua obra, e retrato da situação referente a reforma agrária no governo de João Goulart, um dos fatores que desagradavam aos “poderosos” empresários e à imprensa mais ortodoxa em posições relativas à redistribuição de terras, da época, e fazia verem com “maus olhos” a administração do Presidente. O escritor em sua obra faz valer a voz de quem domina,

Lembrei-me que eu ficaria escandalizado quando, como membro de uma comissão do Exército, tomei conhecimento do problema agrário do país. Quer dizer: do aspecto restrito referente às áreas inaproveitadas, passíveis de desapropriação. O Governo pretendia desapropriar por interesse social, as grandes áreas de terras situadas nas proximidades dos grandes centros de consumo. Como era uma medida que afetava poderosos interesses particulares, estava sendo duramente combatida pelo Congresso e pela Imprensa. Por isso mesmo, o Governo valia-se, prudente e inteligentemente, do Exército, para fazer o levantamento dessas áreas, sobre as quais deveriam incidir as desapropriações. Durante muitos meses, reuniões, estudos, levantamentos, discussões, lidando com cálculos, números e mapas, tomei conhecimento no papel, daquilo que os políticos de esquerda chamavam latifúndio. E o mais interessante, é que somente depois dessa confrontações e operações de cálculos, foi que aprendi concretamente, daquilo que eu também vagamente denominava de as minhas propriedades. (MONTEIRO, 1991(a), p. 29)

A voz de quem é dominado, na obra, o segmento social menos favorecido economicamente

- Major, se fossem minhas estas terras, nunca tinha tentado a vida fora deste município. Veja, passei anos e anos em São Paulo vendendo retrato e exercendo as mais variadas atividades comerciais na luta de sobrevivência, e nunca pude atingir o meu sonho de progresso. (MONTEIRO, 1991(a), p.33)

E a de quem é formador de opinião, no caso, na obra, a Imprensa, que Benedicto apresenta em forma de *clipping*, forma utilizada atualmente nos *sites* de notícias na *internet*.

DEBATE SOBRE REFORMAS DE BASE: REFORMA AGRÁRIA, REFORMA UNIVERSITÁRIA, REFORMA TRIBUTÁRIA, REFORMA URBANA E REFORMA CAMBIAL, TORNA-SE O FOCO PRINCIPAL DA CRISE INSTITUCIONAL NO PAÍS: A REFORMA AGRÁRIA É A MAIS DISCUTIDA E MAIS COMBATIDA. (MONTEIRO, 1991(a), pp. 32,33)

Todos os trânsitos sociais nos campos familiar e político, deram subsídios para a escrita do seu livro *Direito Agrário e o Processo Fundiário*, bem como, seu envolvimento com a criação, organização e implementação da Procuradoria Geral do Estado do Pará e as bases da Defensoria Pública do Estado no Pará, no governo de Jader Barbalho, na década de 80. Na questão agrária, Benedicto Monteiro, apresenta reflexões, através de suas personagens, que passam pelo posicionamento dos diversos segmentos sociais com suas certezas, (in) certezas, anseios, ilusões e (des) ilusões. Propicia níveis de leitura para todas as categorias

de leitores, abre para discussões conceituais tais como: interesse social, progresso, (des) igualdade, muito fortes na década de 70, no espaço social mais crítico, até pelas ações autoritárias do governo instalado no Brasil.

O escritor/político continua sua arribação com dois mandatos legislativos, como deputado estadual, (IMAGEM 01) abaixo, em carreta da vitória, ao lado de sua esposa, dirigindo o veículo, pela eleição a Deputado Estadual, reforçando a imagem de família/vida política integradas. Imagem construída ao longo de sua “descida do rio” que vem se reafirmando com um “beiradiar” em rumo a um “arribar” pelas beiras dos espaços sociais, tornando-se mais visível, no campo político, sempre o preferido para sua consagração. Em seu primeiro mandato, década de 60, como deputado estadual não teve muitos problemas, sendo que no segundo, começa a ter problemas com o governo militar, fruto de denúncia feita ao governo do Estado quanto ao uso de terras em Santarém - município a oeste do Pará, próximo a Alenquer, sua cidade natal - para instalações militares norte-americanas. “Talvez a denúncia feita por mim da atuação ilegal e irregular da Força Aérea Norte-Americana, no Baixo-Amazonas.” (MONTEIRO, 1993, p.79)

IMAGEM 01



Benedicto Monteiro comemorando a vitória para Deputado Estadual

Disponível em: <http://www.verdevagomundo.com.br/>. Acesso em: 10.09.2006

Meados da década de 60 e início da década de 70, o Brasil encontrava-se no auge do governo militar. Passados alguns anos da implantação deste regime, com um processo de inflexibilidade e cerramento do sistema, com atos institucionais que anulavam preceitos constitucionais, favorecendo o denominado Estado de exceção, “GENERAL DE EXÉRCITO COMANDANTE DO GRUPO AEROTERRESTRE TENTA RAPTAR O GOVERNADOR DO ESTADO DA GUANABARA COM AUXÍLIO DE UM DESTACAMENTO DE PARÁ-QUEDISTAS” (MONTEIRO, 1991(a), p. 60), relata Benedicto em sua obra este conhecido caso envolvendo Carlos Lacerda⁰³ e confirmado em conhecido “brasilianista”,

Com o passar das horas, contudo, as notícias tornavam-se mais alarmantes: um contingente do Primeiro Exército, sediado no Rio, fora enviado para interceptar a coluna de revoltosos que se aproximava; mas o comandante legalista e seus subordinados se aliaram aos rebeldes quando as duas forças se encontraram. No Rio os fuzileiros navais, de prontidão, só aguardavam a ordem para agir contra Carlos Lacerda, governador do ex-estado da Guanabara (hoje o Grande Rio) e talvez o mais exaltado adversário de Goulart. (SKIDMORE, 1988 (b), p. 19)

Este Estado de exceção descaracterizaria um Estado democrático e tornaria os anos do governo militar conhecidos como "*anos de chumbo*"⁰⁴. Também encontrava-se instalada, em âmbito internacional, o que era denominado Guerra Fria, uma rivalidade entre os Estados Unidos e a União Soviética surgida em meados da Segunda Guerra Mundial.

03 Governador da Guanabara em 1964. Envolvido em uma profunda confusão de cunho ideológico que acontecia nos meios militares e político, distribuída em uma espécie de diáspora entre os pró e os contra João Goulart, então na presidência da República.

04 Expressão, usada pela Imprensa brasileira e depois tornada comum para o período, parafraseado do filme "Die Bleierne Zeit" sobre o grupo revolucionário Baader-Meinhof nos anos 70, reprimido pelo governo alemão.

Dos esforços de guerra, acabaram por surgir as duas superpotências militares, que seguiam ideologias antagônicas, acirrando ainda mais as desavenças em todos os campos do conhecimento, da tecnologia e da cultura. Neste panorama Benedicto Monteiro está em uma vida política de visibilidade mais nacional. Com um Brasil e um Mundo viventes com duas correntes ideológicas, sendo uma de esquerda e outra de direita. Os comunistas, esquerda, sob um sistema “socialista”, detinham o poder do bloco através de sistemas sócio-econômicos fechados e os capitalistas, direita, mantinham o poder em função do controle sócio-econômico aberto, cuja estrutura também financiava ditaduras de direita.

A preocupação em informar o panorama da guerra fria e suas conseqüências é construída pelo escritor. Usa para ratificar a forma mais comum de chegada de informação na Amazônia, quando começa seus capítulos com *clipping* de notícias com RÁDIO – TRANSISTOR como uma forma de chamada para, a maioria dos lugares, o único meio de contato entre a Amazônia e o Brasil

A ALIANÇA PARA O PROGRESSO⁰⁵ não conseguiu evitar a instabilidade da América Latina. Até o presente momento, vários presidentes civis foram derrubados por golpes militares, segundo um relatório da Comissão de Relações Exteriores do Senado Norte-Americano. Em compensação, A ALIANÇA PARA O PROGRESSO mantém no poder: ditadores no Paraguai, na Nicarágua e no Haiti, onde o Presidente Vitalício governa 90% de analfabetos. (MONTEIRO, 1991(a), p.23)

Ou de outro bloco.

No momento em que o povo cubano canta “NIKITA, NIKITA, lo que se dá no que se tira”, Nikita Kruchev⁰⁶ retira 40 foguetes de alcance médio e

05 Foi um programa de ajuda econômica e social, entre 1961 e 1970, dos Estados Unidos para a América Latina. Proposta oficial do então presidente americano John F. Kennedy, revelada a embaixadores latino-americanos em uma recepção na Casa Branca no dia 13 de Março de 1961.

06 Secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) entre 1953 e 1964 e líder político do mundo comunista até ser afastado do poder por sua perspectiva reformista e substituído na direção da URSS pelo político conservador Leonid Brejnev.

intermediário, equipados com ogivas nucleares, que ele secretamente enviara a Cuba para que montasse sua base de mísseis, a 100 kms. Das costas americanas. (MONTEIRO, 1991(a), pp.23,24)

Através da sensação de perseguição pelos militares, fuga para as matas de Alenquer e posterior prisão de Benedicto Monteiro podemos ter uma idéia de qual era o panorama vivido pelos brasileiros que se opuseram ao governo militar. A liberdade era tolhida, pelos aparelhos de repressão do Estado; o escritor mostra as estratégias da repressão e, como já tratado em capítulos anteriores, utiliza como chamada simbólica da presença repressiva do governo, GRAVADOR – AUTOMÁTICO – FITA No. que é reforçado pelo *clipping* informativo,

A ONIPRESENÇA E ONICIÊNCIA DOS SERVIÇOS DE SEGURANÇA, ATRAVÉS DE GRAVADORES CAMUFLADOS, DETECTORES DE MENTIRA, OLHOS ELETRÔNICOS, INVESTIGADORES BUROCRÁTICOS, E QUESTIONÁRIOS INQUISITORIAIS, TRANSFORMAM-SE NUMA ROTINA QUE FORNECE AO ESTADO DEMOCRÁTICO CAPITALISTA, TODAS AS INFORMAÇÕES SOBRE COMPORTAMENTO PRIVADO E SOBRE A ESTRUTURA PSICOLÓGICA DE CADA CIDADÃO: SE É VIOLENTO, SE É DISCIPLINADO, AS PREFERÊNCIAS, QUE PASTA OU SABONETE USA E O QUE FALA PELO TELEFONE. (MONTEIRO, 1991(a), pp.116, 117)

E sempre utilizando-se do processo de “transtempo”, “brinca” com o tempo - é importante notar que o tempo cronológico não é respeitado por Benedicto Monteiro que coloca um fato pré-governo militar valendo-se de fatos que podem desencadear eventos, frutos de uma construção histórica, num ir e vir do presente, passado e futuro no momento exato de sua narração - é o que ele denomina **transtempo** (MONTEIRO, 1993, p.22). Esta

questão do tempo contextual foi sempre uma máxima na vida do escritor/político. Provavelmente seja fruto de sua experiência com o “tempo” na Amazônia, região da qual é nativo e que é presença constante na sua obra/vida. Benedicto informa em sua obra como mudaria o cotidiano de alguns lugares da região, na presença de outras culturas inseridas na Amazônia, estimuladas durante o governo militar à guisa de integração/segurança nacional.

O próprio calendário, calendário dessa gente, divide-se também de acordo com o movimento das águas. Não existem semanas nem meses. Existem safras, que são marcadas pelo cair das frutas nativas e dependem da precipitação das chuvas e do nível das enchentes. E, a única festa que é ao mesmo tempo feriado e dia-santo-de-guarda, é o dia da festa de Santo Antônio. Santo Antônio Padroeiro de Alenquer: protetor do povo e da cidade.

Todos os grandes eventos do mundo, todas as grandes datas nacionais, pouco ou nada representam. Até mesmo os grandes acontecimentos da Pátria chegam aqui completamente desfigurados: são meras notícias reduzidas a comentários de rádios e jornais.

Aqui, o sol e a chuva marcam a divisão do tempo. (MONTEIRO, 1991(a), p. 113)⁰⁷

Assim, ao mesmo momento em que fala do pós-64 com as técnicas de repressão, trás para junto o final da década de 50 como num lembrar da importância do contexto, mas como ato da narração, e não na temporalidade cronológica, chama João Goulart, já no exílio, “O Presidente da República vem sendo sistematicamente acusado por parlamentares e pela imprensa de fomentar a guerra revolucionária ativando o processo de Reforma Agrária através de sindicatos rurais”. (MONTEIRO, 1991(a), p. 117) e volta aos anseios do

07. Sobre a questão do tempo, tão cara à obra de Benedicto, lembro aqui o referencial ensaio de LEACH (2006) e a análise do mesmo modo referencial de Evans-Pritchard (2002).

povo brasileiro,

HÁ GRANDE EXPECTATIVA EM TORNO DOS DECRETOS QUE O PRESIDENTE DA REPÚBLICA PRETENDE ASSINAR EM GRANDE ATO PÚBLICO TORNANDO REALIDADE AS REFORMAS DE BASES. FALA-SE QUE O PRESIDENTE DECRETARÁ A REFORMA AGRÁRIA, O MONOPÓLIO INTEGRAL DO PETRÓLEO E O CONTROLE DA REMESSA DE LUCROS DAS EMPRESAS ESTRANGEIRAS PARA O EXTERIOR. (MONTEIRO, 1991(a), p. 117)

Talvez a razão pela qual Benedicto Monteiro tenha sido perseguido pelos militares seja mesmo a denúncia da presença de militares norte-americanos na Amazônia, declarada no seu livro autobiográfico “Transtempo” bem depois de ter se referido ao fato anos antes no primeiro livro da Tetralogia, sendo que neste, *Verdevagomundo*, o denunciador era uma personagem chamada frei Lucas, “logo depois aparecem sobrevoando nossas aldeias, aviões da Força Aérea Norte-Americana: eram aviões de reconhecimento”. (MONTEIRO, 1991(a), p. 128). Provavelmente, o escritor/político tenha se utilizado da figura de um frei face ao posicionamento radical que parte do clero católico vinha tendo naquele momento em relação a repressão política na região,

..., onde a construção da Transamazônica, o desenvolvimento da criação de gado em larga escala promovida pelo governo e as promessas oficiais de distribuição de terras resultaram em uma guerra aberta (de que trataremos adiante neste capítulo) em áreas-chave do vale amazônico. O clero – em geral missionários e em boa parte estrangeiros – quase sempre tomava o partido dos posseiros e dos pequenos agricultores que vinham sendo pressionados, muitas vezes com violência. Tanto as autoridades federais quanto as locais – quando presentes – quase invariavelmente apoiavam os graúdos interessados em grandes projetos. (SKIDMORE, 1988 (b), p.270, 271)

Encontrava-se Benedicto Monteiro no seu segundo mandato parlamentar, como deputado estadual, e em uma situação complicada junto ao governo militar. As razões poderiam ser muitas, até porque sua prisão deu-se pelo termo genérico de crime contra segurança nacional, termo muito amplo e largamente utilizado pelos órgãos de repressão quando queriam prender algum cidadão que não lhes era conveniente. A situação política no Brasil voltava-se cada vez mais para um governo ainda mais fechado e num vai e vem no tempo da narração o escritor/político em seu *clipping* informa o panorama nacional,

ENTRINCHEIRADOS NO PALÁCIO DE AÇO, SEDE DO SINDICATO DOS METALÚRGICOS, MAIS DE 1.000 MARINHEIROS E FUZILEIROS NAVAIS RESISTEM À ORDEM DE PRISÃO DADA A SEU LÍDER PELO MINISTRO DA MARINHA, TENDO RECEBIDO A ADESÃO DAS TROPAS QUE VIERAM PRENDÊ-LOS, OS MARINHEIROS, CONFIANTES NA SUA FORÇA, EXIGIAM A DEMISSÃO DO MINISTRO. (MONTEIRO, 1991(a), p. 151)

CLASSE MÉDIA REFLETINDO O PÂNICO LAVRADO NAS CLASSES EMPRESARIAIS DONAS DOS INSTRUMENTOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA – RÁDIOS, JORNAIS E TELEVISÕES – TOMA POSIÇÃO MILITANTE EM PASSEATAS – MONSTRO CONTRA AS MEDIDAS DECRETADAS PELO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, QUE INICIAVAM NA PRÁTICA AS REFORMAS DE BASE. (MONTEIRO, 1991 (a), p. 152)

As reformas de base denominação dada pelo presidente João Goulart para as reformas estruturais que pretendia realizar nos setores universitário, fiscal, político e agrário, barradas pelo governo militar instalado, a partir de 1964. Dizia Goulart, “...que a crise econômica do Brasil – da qual o impasse do balanço de pagamentos e a inflação eram os sintomas mais imediatos – só podia ser resolvida com a aprovação do seu pacote de reformas. Ligando-as entre si, o presidente passou deliberadamente a correr os riscos de sua atitude.” (SKIDMORE, 1988 (b), p.39)

Benedicto Monteiro faz referência a estes riscos, em seu *clipping*,

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA FAZ UM DISCURSO INFLAMADO SUSTENTANDO AS REFORMAS DE BASE JÁ DECRETADAS, MAS AS CLASSES ARMADAS VIRAM NESSE GESTO DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA APOIO VELADO À REBELDIA DE SOLDADOS MARINHEIROS, CABOS E SARGENTOS QUE TINHAM SE AMOTINADO. (MONTEIRO, 1991 (a), p. 152)

E dentro do texto de *Verdevagomundo* na lembrança da personagem Major durante a notícia do que ele denominou “um golpe, um golpe militar, um golpe de Estado” (MONTEIRO, 1991 (a), p. 173). Bem como, o assunto preferido do escritor/político, a reforma agrária,

Lembro-me por exemplo, claramente, de certas conversas que tivemos na Comissão Militar de reforma Agrária. Perguntei uma vez a um civil estreitamente ligado ao Presidente e altamente influente no Governo: por que o Presidente não decretava logo de uma vez a Reforma Agrária? Esse cidadão me respondeu rapidamente, sem pestanejar, que: se o presidente assim o fizesse, não contaria nem com o apoio da imprensa, nem das Forças Armadas e nem do Congresso. Disse-nos ainda esse paisano, que o Presidente tinha tanta consciência de sua falta de apoio no seio das Forças Armadas, que só permaneceria no Governo, enquanto elas estivessem divididas. (MONTEIRO, 1991 (a), p. 173)

Em *Transtempo*, sua autobiografia, esta mesma passagem em que o Major (personagem) do *Verdevagomundo* diz ter perguntado para “um civil estreitamente ligado ao Presidente”. Benedicto Monteiro diz que:

...na primeira oportunidade que tive de estar só com o presidente perguntei a ele diretamente:

- presidente, por que estão circulando notícias insistentes, de que o senhor está preparando um golpe de estado para instalar no país uma República Sindicalista? O que há de verdade em tudo isto? – “Nada Benedicto, ele me respondeu, você é um jovem inteligente, sabe tanto quanto eu que só serei presidente da República enquanto as Forças Armadas estiverem divididas.” (MONTEIRO, 1993, p. 127)

Estas passagens, na Tetralogia e no texto autobiográfico, reforçam a idéia de que o ficcional necessita de uma reconstituição histórica para que se possa entender o que poderia ser tido como realidade na época utilizada pela escrita literária, o que o escritor da Tetralogia já afirma em “conversas com Benedicto”,

- Sua obra é ficção?

Benedicto – Utilizo fatos...

- É uma obra engajada?

Benedicto – Engajada em quê? no contexto...?

(Fragmento de conversa com Benedicto Monteiro em Belém a 02.12.2006)

A divisão militar foi superada e Goulart foi deposto. A partir daí nada pôde escapar aos olhos do governo militar, inclusive os lugares mais longínquos, “Alenquer neste dia também veio saber, que pela primeira vez na sua história, existia no mapa dos revolucionários”. (MONTEIRO, 1991 (a), p. 179)

Para ser uma “testemunha ocular”, um “eu-testemunho” convincente, ao que parece, primeiro é preciso tornar-se um “eu” convincente.

(GEERTZ, 2005, p. 106).

“A CUMO⁰⁸”

Diz o dito popular: “para tudo tem um preço”, se esta máxima tem um pouco de verdade, a prova foi “a cumo” Benedicto Monteiro deveu ao governo militar e seus órgãos de repressão. Estava o político/escritor em seu segundo mandato como deputado estadual e tinha um passado relacionado com as questões agrárias no sul do Pará, bem como, havia denunciado a presença de militares norte-americanos na região de Santarém/Pará. A possibilidade de deslocar populações em estado de miséria, do Nordeste para a Amazônia e a preocupação da “elite brasileira, principalmente os militares, há muito receava que o país perdesse a Amazônia por falta de colonização” (SKIDMORE, 1988 (b), p. 290), chamou a atenção dos órgãos de informação para a necessidade de uma espécie de operação “pente fino⁰⁹” na Região Amazônica. Assim, Benedicto passa a ser um dos elementos a serem observados com maior atenção, por apresentar um passado recente que não agradava às autoridades militares governamentais, sob o ponto de vista dos órgãos de informação e repressão.

08 Expressão utilizada quando se pretende saber o preço de algum bem ou serviço; o mesmo que “quanto custa”, “a como” sai o preço de tal coisa. (SILVA, Daniel e MESQUITA, Roberto 2006, p.23)

09 Palavra no jargão militar para uma espécie de limpeza, neste caso de cunho ideológico.

Em *Verdevagomundo* esta operação “pente fino” está relatada na narrativa da personagem do Major, quando chamado para comparecer à Comissão de Inquérito Policial Militar (IPM) que havia chegado a Alenquer para “apurar a corrupção e a subversão no município” (MONTEIRO, 1991 (a), p. 178). O texto narra a visão das autoridades dos órgãos de repressão da época, em relação as pessoas.

Em todo caso, ele (Coronel do IPM) sempre deixou entrever, que pelas denúncias recebidas, pelos informes secretos existentes nos órgãos de segurança, está convicto, que Alenquer destinava-se a ser um dos maiores focos de subversão na área Amazônica. “O senhor sabe, por experiência própria, que os nossos serviços secretos não se enganam. E sabe também, que a área amazônica é a que melhor se presta para focos de guerrilha”. (MONTEIRO, 1991 (a), pp.180, 181)

Este major/personagem tem em suas características alguns traços do perseguido político Benedicto Monteiro, quando do deslocamento para os cárceres militares, como o político/escritor,

- Não precisa que ele abra os olhos, basta que ele abra a boca – disse uma outra voz que soava como se fosse de um chefe.

Parece que o soldado do balde bateu os calcanhares.

- Eu sou o major. O major Rodrigo. Não vou permitir que te batam. Podes confessar tudo direitinho que é muito melhor para nós.

- Confessar, confessar o quê? E a quem o senhor se refere quando diz nós? (MONTEIRO, 1993, p. 43)

Ou como personagem/escritor, até porque mistura uma reflexão de cunho não-militar, “se tivesse me dado voz de prisão, ou mesmo me torturado, não me sentiria tão arrasado como me senti com o tratamento que recebi do Coronel” (MONTEIRO, 1991 (a), p. 181), já que o tratamento para um militar superior nunca seria de destrato, com o sentimento de

falta de dignidade humana com que os órgãos de repressão comumente tratavam os considerados por eles, subversivos,

- Abre os olhos, comunista!

Como não tivesse coragem de olhar aquele incêndio, recebi um balde de água fria bem na cara. (MONTEIRO, 1993, p.43)

Assim, nesta narrativa, o político/escritor, utiliza-se da linguagem literária para encobrir o que não poderia ser totalmente descoberto, sua recente situação de preso recente e que aguardava em “liberdade” seu julgamento no STM (Superior Tribunal Militar).

DE UMA LISTA DE 5.000 INIMIGOS DO NOVO REGIME, ORGANIZADA POR OFICIAIS DA “LINHA DURA”, O COMANDO SUPREMO CASSA INICIALMENTE MANDATOS E DIREITOS POLÍTICOS DE 378 PESSOAS, ENTRE OS QUAIS TRÊS EX-PRESIDENTES DA REPÚBLICA, SEIS GOVERNADORES DE ESTADO E 55 MEMBROS DO CONGRESSO NACIONAL. (MONTEIRO, 1991 (a), p. 185)

Como no texto de *Verdevagomundo*, da compra de fogos de artifícios para a festa de Santo Antônio a uma postura favorável a questões de cunho social, no caso, das questões agrárias e denúncias de invasões estrangeiras de aliados ao governo militar, toda manifestação mal interpretada pelos órgãos de repressão era classificada como subversiva.

A partir de agora a narrativa da Tetralogia intensifica a presença da personagem Miguel dos Santos Prazeres e a aproxima de Benedicto Monteiro. O fato de Miguel ter sido proibido pelo IPM de exercer suas funções na festa de Santo Antônio e sua conseqüente fuga coloca sua epopéia muito parecida com a do político/escritor, descrita em sua autobiografia “Transtempo”, “fui logo cercado por militares e conduzido para um carro cela, que se encontrava quase encostado à porta da aeronave. Como eu estava algemado e muito cansado, a escuridão do carro me envolveu e me protegeu de todos os olhares”. (MONTEIRO, 1993, p. 42). Prisão noticiada pela imprensa conforme IMAGEM 02, onde

ficou a imagem que ratifica o tratamento dado pelos agentes da repressão àqueles que eram considerados “subversivos”. O constrangimento e conseqüente quebra de preceitos básicos de dignidade humana eram a máxima utilizada pelos aparelhos repressivos, a exemplo da forma como eram conduzidos publicamente os “contraventores da ordem social constituída”, presos por algemas a um militar atuante na operação de busca e seguidos por forte escolta, como se fossem animais. No caso de Benedicto Monteiro, a vestimenta no momento de sua detenção, uma calça enrolada, camisa de botão, para fora das calças e pés descalços, acentuava a quebra da dignidade. Posteriormente esta imagem pôde ser usada para a construção do “nativo” e utilização na Tetralogia, através das personagens Major e Miguel dos Santos Prazeres e na montagem do espaço da obra literária.

IMAGEM 02



Cassado pela Revolução de 1964

Disponível em: <http://www.verdevagomundo.com.br/>. Acesso em: 26.08.2006

Alenquer era uma cidade extremamente vulnerável, e possuía um povo que eu (Benedicto Monteiro) tinha feito acreditar em lei, no futuro e na democracia. Achei que seria terrível ser preso no meio daquele povo, envolvendo tantos amigos sinceros e indefesos. Decidi então me internar na mata. (MONTEIRO, 1993, p.55)

E como numa espécie de metamorfose, acontece a mistura do Major (personagem) / Miguel (personagem) / Benedicto/espaço.

Todos sabem ou presumem, que Cabra-da-Peste (Miguel) esteve comigo (Major) e aguardam impacientemente que eu seja chamado para depor. Quando? Onde? Como? Ninguém pode supor ou imaginar.

Presumem também que Cabra-da-Peste já esteja escondido com todos os seus fogos na mata a dentro, nalguma gruta ou num impenetrável igapó ou aturiazal¹⁰. Ninguém sabe ao certo. Mas todos imaginam do que Cabra-da-Peste é capaz. (MONTEIRO, 1991 (a), p. 209)

A Tetralogia amazônica segue seu objetivo, agora com “*O Minossauro*” (IMAGEM 03), ajudando Benedicto Monteiro, no seu objetivo de “... passar o maior número de informação em uma época que faltava informação” (Fragmento de conversa com Benedicto Monteiro em Belém a 02.12.2006).

10 Espécie de planta aquática que encobre parte de rios ou braços de rios (igarapés), na Amazônia.

IMAGEM 03



Autografando o livro "O Minossauro" em seu lançamento oficial

<http://www.verdevagomundo.com.br/26ago2006>

As semelhanças do político/escritor com suas personagens se intensificam, através de cenários muito próximos do que ele passou, observa-se a diferença gritante com relação ao traje (formal) e a posição (sobranceira) de Benedicto, na fala de Miguel, “nunca pensei que ia ter força de afrontar um coronel! Um coronel de farda. Tomara o senhor visse: um coronel de arma em punho; um coronel em ofício de polícia, em desempenho de forte comando e em desmando de forte governo militar” (MONTEIRO, 1997, pp.15,16) em concordância com a fala de Benedicto, em um de seus interrogatório diante das autoridades militares,

- Confessar, confessar o quê? E a quem o senhor se refere quando diz para nós?
- Não adianta bancar o anjinho. Nós sabemos tudo a teu respeito, ou por acaso não sabes que estamos numa revolução?
- Revolução? (MONTEIRO, 1993, p.43)

Benedicto Monteiro começa a mostrar em sua obra os pontos de vista dos intelectuais e artistas brasileiros durante o governo militar, apesar de nem todos os artistas e intelectuais compartilharem de um sentimento de repulsa pelo regime instalado; a exemplo do que nos mostra uma entrevista de Roberto Menescal¹¹ (RIDENTI, 2005), cantor que fazia parte do grupo da chamada “bossa nova”¹² – um dos estilos musicais brasileiros na década de 60.

Confesso que nós realmente éramos alienados totais. Eu sabia o que acontecia da avenida Atlântica para o mar; passando da Barata Ribeiro já não sabia mais nada![...] Teve um dia nessa época em que eu fui gravar no Campo de Santana [na gravadora CBS]. [...] ia gravar com a orquestra, eram uns arranjos do Luisinho Eça, e quando nós chegamos no estúdio não tinha ninguém. [...] Ninguém chegava, e o técnico falou: “Vamos passando a guitarra e o baixo”. E passamos, gravamos a música do Tom e Aloysio de Oliveira chamada “Inútil paisagem”. Depois de um tempo começamos a falar: “Bom, a orquestra não vem, será que a gente errou o dia?” [...] Aí deu umas 11hs da manhã e resolvemos ir embora. Pegamos o carro e saímos. Quando fui passando ali em frente à Cinelândia, passaram uns soldados a cavalo e eu pensei: “O que está havendo, que coisa estranha...”. Quando chegamos ali perto da UNE, estava um rolo danado. Vimos que havia acontecido alguma coisa a mais. Era simplesmente o dia da revolução [1º de abril de 1964] e a gente estava gravando “Inútil paisagem”. A gente até brincou que “Inútil paisagem” era o “melô” da revolução. Mas isso é para mostrar que a alienação era total! A gente gostava era de música e pescaria, o resto a gente não sabia.

11 Compositor capixaba, um dos fundadores do movimento musical brasileiro, conhecido como Bossa Nova.

12 Roberto Menescal, Nara Leão, Carlos Lyra, Ronaldo Bôscoli, João Gilberto, Vinicius de Moraes, Antonio Carlos Jobim e Luiz Bonfá, faziam parte do grupo da bossa nova, movimento da música popular brasileira surgido no final da década de 1950 e início da de 1960. De início, o termo era apenas relativo a um novo modo de cantar e tocar samba naquela época. Que alias, teve como precursores notáveis (e reconhecidos, hoje, como tal) os cantores Lúcio Alves e Dick Farney, que pontificavam no rádio e no cinema dos anos 50.

O político/escritor prefere então colocar, em forma de *clipping*, uma referência a Carlos Drummond de Andrade – poeta e contista brasileiro, engajado politicamente, por vezes, conforme entrevista dele a Luiz Fernando Emediato, publicada no Caderno 2, do jornal O Estado de S. Paulo, em 15 de agosto de 1987.

E a política? Como o senhor entrou na vida política?

Drummond - Entrei na política em 1945. Eu tinha sido chefe de gabinete de ministro no governo Vargas, mas não era político. Em 1945 eu simpatizava com o Partido Comunista e, durante três meses, meu nome apareceu no expediente do jornal do partido. A experiência não me deixou saudades, saí de lá com o rabo entre as pernas.

Por quê?

Drummond - Éramos diretores do jornal e nenhum de nós dirigia coisa nenhuma. O jornal censurava as coisas mais absurdas. Até informações. Fiquei desencantado com o partido. Não quis mais saber de comunismo.

Como é que o senhor se define hoje, ideologicamente?

Drummond - Eu não sou nada, nada. Eu seria um eleitor em potencial do Partido Socialista Brasileiro. Mas não sou mais eleitor, desisti de me recadastrar. O senhor não vai votar este ano, então? Não, não vou. Estou desencantado com isso. Tenho uma longa experiência de desencanto político. Em 1910, eu tinha sete anos de idade e o marechal Hermes da Fonseca foi eleito presidente da República com 400 mil votos redondos. Nem um a mais e nem um a menos. Por sua vez, o chefe da campanha civilista mandou telegramas para todos os diretórios civilistas nos Estados recomendando que aumentassem a votação nas notícias aos jornais. Houve fraudes dos dois lados.

O senhor votou em Jânio Quadros para presidente?

Drummond - Votei, E depois disso você acha que eu ainda vou votar em mais alguém?

O senhor apoiou o movimento de 64?

Drummond - Não apoiei não. Eu fui contra João Goulart, achei que a derrubada dele foi salutar. Mas uma semana depois já haviam praticado tais desmandos que não pude apoiar. Posso ter pecado por omissão por não ter denunciado logo, mas não apoiei.

O *clipping* que Benedicto coloca, em “*O Minossauro*”, faz alusão ao poema “A Torre sem degraus”, de Drummond escrito na década de 60, que durante todo o texto serve de contraponto para reflexões políticas

A Torre sem degraus

No térreo se arrastam possuidores de coisas recoisificadas.

No 1º andar vivem depositários de pequenas convicções, mirando-as, remirando-as com lentes de contato.

No 2º andar vivem negadores de pequenas convicções, pequeninos eles mesmos.

No 3º andar - tlás tlás – a noite cria morcegos.

No 4º, no 7.º, vivem amorosos sem amor, desamorando.

No 5º, alguém semeou de pregos dentes de feras cacos de espelho a pista encerada para o baile de debutantes de 1848.

No 6º, rumina-se política na certeza-esperança de que a ordem precisa mudar deve mudar há de mudar, contanto que não se mova um alfinete para isso.

No 8º, ao abandono, 255 cartas registradas não abertas selam o mistério da expedição dizimada por índios Anfika.

No 9º, cochilam filósofos observados por apoftegmas que não chegam a conclusão plausível.

No 10º, o rei instala seu gabinete secreto e esconde a coroa de crisógrasos na terrina.

No 11º, moram (namoram?) virgens contidas em cinto de castidades.

No 12º, o aquário de peixes fosforecentes ilumina do teto a poltrona de um cego de nascença.

Atenção, 13º. Do 24º baixará às 23h um pelotão para ocupar-te e flitar a bomba suja, de que te dizes depositário.

No 15º, o último leitor de Dante, o último de Cervantes, o último de Musil, o último do *Diário Oficial* dizem adeus à palavra impressa.

No 16°, agricultores protestam contra a fusão de sementes que faz nascerem cereais invertidos e o milho produzir crianças.

No 17°, preparam-se orações de sapiência, tratados internacionais, bulas de antibióticos.

Não se sabe o que aconteceu ao 18°, suprimido da Torre.

No 19° profetas do Antigo Testamento conferem profecias no computador analógico.

No 20°, Cacex Otan Emfa Joc Juc Fronap FBI Usaid Cafesp Alalc Eximbanc trocam de letras, viram Xfp, Jjs, IxxU e que sei mais.

No 22°, banqueiros incineram duplicatas vencidas, e das cinzas nascem novas duplicatas.

NO 23°, celebra-se o rito do boi manso, que de tão manso ganhou biografia e auréola.

No 24°, vide 13°.

No 25°, que fazes tu, morcego do 3°? que fazes tu, miss adormecida na passarela?

No 26°, nossas sombras despregadas dos corpos passeiam devagar, cumprimentando-se.

O 27° é uma clínica de nervosos dirigida por general-médico reformado, e em que aos sábados todos se curam para adoecer de novo na segunda-feira.

Do 28° saem boatos de revolução e cruzam com outros de contra-revolução.

Impróprio a qualquer uso que não seja o prazer, o 29° foi declarado inabitável.

Excesso de lotação no 30°: moradores só podem usar um olho, uma perna, meias palavras.

No 31°, a Lei afia seu arsenal de espadas inofensivas, e magistrados cobrem-se com cinzas de ovelhas sacrificadas.

No 32°, a Guerra dos 100 Anos continua objeto de análise apuradíssima.

No 33°, um homem pede pra ser crucificado e não lhe prestam atenção.

No 34°, um ladrão sem ter o que roubar rouba o seu próprio relógio.

No 35°, queixam-se da monotonia deste poema e esquecem-se da monotonia da Torre e das queixas.

Um mosquito é, no 36°, único sobrevivente do que foi outrora residência movimentada com jantares óperas pavões.

No 37°, a canção

Filorela amarlina

lousileno i flanura

meleglírio omoldana

plunigiário olanin.

No 38°, o parlamento sem voz, admitido por todos os regimes, exercita-se na mímica de orações.

No 39°, a celebração ecumênica dos anjos da luz e dos anjos da treva, sob a presidência de um meirinho surdo.

No 40°, só há uma porta uma porta uma porta.

Que se abre para o 41°, deixando passar esqueletos algemados e conduzidos por fiscais do Imposto de Consciência.

No 42°, goteiras formam um lago onde bóiam ninféias, e ninfetas executam bailados quentes.

No 43°, no 44°, no... continua indefinidamente).

Começa com o 6^o degrau, que no seu texto referencia como “andar”, no verso que denuncia o comodismo dos políticos frente necessidades de mudanças políticas, atitude que não aconteceria durante o governo militar face ao forte poder exercido pelos generais no Congresso Nacional. “..., provando que até um poderoso governo militar tinha que dar cuidadosa atenção às forças políticas... Enquanto isso, o Planalto não tinha dificuldade para controlar o programa de trabalho do Congresso e seus resultados.” (SKIDMORE, 1988, pp. 295, 296).

Benedicto Monteiro procura em sua obra mostrar o maior número de informações possíveis, de todos os segmentos da sociedade, como mostra mais um *clipping* em “O

Minossau’ em que a preocupação com as questões étnicas, particularmente as indígenas estão presentes, “Há salvação para os nossos índios? Os fundadores do Parque Nacional do Xingu, Cláudio e Orlando Vilas-Boas, respondem: “Nós não nos iludimos de que essa gente infelizmente desaparecerá.” (MONTEIRO, 1997, p.41). A questão levantada ocorreu quando da saída dos irmãos Vilas-Boas, em 1973, da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), após desabafo proferido por eles: "Deixamos a vida de sertanista porque nos convencemos de que cada vez que contactamos com uma tribo estamos contribuindo para a destruição do que ela tem de mais puro". (Jornal O Estado de São Paulo, 06 fevereiro de 1973). Questões como a acima referida, levantadas pelo *clipping* na Tetralogia, possibilitam os leitores de Benedicto Monteiro a construírem uma outra maneira, além da institucionalizada pela sociedade tradicional, de entender o mundo.

A necessidade de uma nova maneira de ver o mundo, a partir da Amazônia, também é uma preocupação na escrita do escritor/político em seu texto “*O Minossau*”, “tenho que me libertar primeiro do condicionamento da literatura que li sobre a Amazônia. Já sei que não vou encontrar aqui, o mundo dos cientistas, dos cronistas e dos viajantes” (MONTEIRO, 1997, p. 41). Esta preocupação a partir de uma personagem, um geofísico, em uma missão de prospecção e levantamento fundiário do governo na Amazônia. Esta visão que se encontra na Tetralogia amazônica é ratificada pela questão fundiária e a reengenharia da Amazônia que fazia parte da preocupação do governo, quando “... a partir de 1964 a presença militar se acentua, e em nome da “segurança e do desenvolvimento nacional” passaram também a influenciar e decidir sob a política de distribuição das terras rurais,...” (ÉLERES, 2002, p.60). Esta reengenharia também passava pela nova visão de mundo que o governo passaria aos que moravam em uma região tão “inóspita” e desprotegida – segundo a visão do governo autoritário, assegurando a diáde da “segurança e do desenvolvimento nacional,” e que por ela todas as ações governamentais seriam justificáveis.

Esta nova ordem social instalada a partir do governo militar, da qual ele, Benedicto Monteiro, é um dos afetados diretamente, pois foi um dos perseguidos e presos no período, fez com que este repensasse a maneira de narrar o tempo/espaço. É na sua passagem pela prisão que toma a idéia de “fuga” através da escrita. A construção de um mundo suportável na escrita para enfrentar o insuportável, como informa em sua autobiografia “Transtempo.”

Pois foi nas matas de Alenquer e nesse cárcere de quartel que me encontrei comigo mesmo. E também com o tempo, com o tempo espaço e o homem amazônico. A partir daí, a minha vida íntima se confundia com esse tempo, esse espaço e a vida de gente que seriam meus futuros personagens. Confirmei, neste instante, que escrever, para mim, era também o único exercício da minha mais íntima liberdade, e de tal forma, que quando me deparei com a liberdade propriamente dita, que tive que enfrentar a sociedade na condição de marginal, proscrito ou vivente do ostracismo, quase não percebi que não tinha voltado para a minha mesma cidade. (MONTEIRO, 1993, p. 81).

Este mundo escrito através de todos os segmentos da sociedade em um espaço/tempo contextual, da escrita, denominado de transtempo, permite que Benedicto narre o panorama do país sem a rigidez sintática das escritas clássicas. Esta estratégia cria uma espécie de leitura hermética, para o leitor desatento, sobre um caminhar em um espaço social com todos os percalços construídos pelo governo militar.

Tudo em volta

Está deserto tudo certo

Tudo certo

Como 2 e 2 são 5...

Caetano Veloso.

“DIZENDO ELE¹³”

A voz em tom de promessa, por parte dos órgãos governamentais, e recebida com certa desconfiança pela população, na Amazônia, a muito esquecida pelos governos. Passa a ser uma das informações que Benedicto escreve em sua Tetralogia, agora com relação a ações do governo para a região pelo Ministério do Interior. Assim, “dizendo eles”, seriam programas de desenvolvimento na Região Amazônica. Mas, a que preço, ‘a cumo’, a população pagaria por tal programa? Benedicto passa a narrar esta situação que é construída pela nova ordem política no país, na Amazônia. Através de alegorias, por razão de estar escrevendo ainda sob a ameaça do regime de exceção, o escritor/cassado relata as ações e maneira que o governo pretendia desenvolver a região.

MINISTÉRIO DO INTERIOR

Superintendência do Vale Amazônico Brasileiro

(SUVABRÁS)

Relatório de Viagem

- 1) Ordem de Missão: Em cumprimento à Portaria n^o. 1881 de 03 de outubro p.p., efetuar viagem até as cidades de Manaus/S. Gabriel da Cachoeira/..., transportando um grupo de técnicos desta

¹³ Expressão utilizada para dizer que foi ele (ela) que afirmou alguma coisa. (DICIONÁRIO PAPACHIBÉ, 1998, VOL.II, p. 77).

Superintendência, encarregado de executar o levantamento de dados indispensáveis à hierarquização dos municípios do Programa de Ação Concentrada (PAC), do Ministério do Interior. (MONTEIRO, 1997, p.97)

Desta forma, Benedicto Monteiro mostra de uma forma alegórica, até como forma de não chamar a atenção do governo militar para si, os programas: PIN - Plano de Integração Nacional, PROTERRA - Programa de Redistribuição de Terras e Estímulos à Agroindústria do Norte e do Nordeste, I PDA – 1º Plano de Desenvolvimento da Amazônia (complemento do I PND), As Metas e Bases para a Ação do Governo construído para o período de 1970-72, I PND – 1º Plano Nacional de Desenvolvimento (manteve a ocupação da Amazônia), II PND – 2º Plano Nacional de Desenvolvimento, POLAMAZÔNIA - Programa de Pólos Agropecuários e Agrominerais da Amazônia, entre outros¹⁴.

Assim, um sistema é criado com uma “estrutura legal que protegesse o Brasil contra os excessos” (SKIDMORE, 1988, p. 118). Este sistema também faz parte da reflexão das personagens da Tetralogia. Assim, em “*O minossauro*”,

O Sistema, assim mesmo, com inicial maiúscula, não é apenas a abstração mais real, viva e ostensiva da falta da história brasileira que começou a ser contada nesta época.... Ele é o comando, a linha orientadora, a diretriz e o fulcro. Mais que um estado de espírito, exprime uma convergência de vontades que se manifesta, de maneira clara, sempre que é contrariada. (MONTEIRO, 1997, pp. 112, 113).

São as histórias das contrariedades ao “Sistema” que permeiam a Tetralogia. A própria história, em Transtempo, do político/cassado, “minha mulher tinha me dito que os policiais e militares tinham invadido várias vezes a nossa casa, vasculhando tudo e

¹⁴ Para uma análise reflexiva sobre os projetos na Amazônia no Governo Militar ver SKIDMORE, Thomas. Brasil de Castelo a Tancredo, Capítulo V, “O Boom” econômico e seus críticos”, “Abrindo a Amazônia: solução para o Nordeste?””, 1988.

levando documentos e livros” (MONTEIRO, 1993, p. 83). Ou quando sua personagem Miguel dos Santos Prazeres faz referência que

...em Santarém um antigo herói e major da Aeronáutica foi baleado na porta da Prefeitura por um Soldado da Polícia. Diz que esse herói e Major queria fazer cumprir uma ordem de Justiça. Mas a sua condição de herói tinha se quebrado por ele ser também deputado do Congresso. (MONTEIRO, 1997, p. 127)

Este major era o major Veloso um dos líderes da rebelião militar de Jacareacanga, que durante nove dias mantiveram sob seu poder Santarém e alguns pequenos povoados circunvizinhos como forma de testar a autoridade do governo de Juscelino Kubitschek.

Esta forma de buscar fatos que são basilares na construção de panoramas futuros é uma constante em Benedicto Monteiro, característica de sua estratégia narrativa denominada por ele de Transtempo. Mais que um estilo, facilita a demonstração da importância de aspectos construídos historicamente em todos os aspectos sociais desde os fatos sócio-políticos, a exemplo do de Jacareacanga (1956), aos aspectos sócio-econômicos como o de Fordlândia¹⁵ (1927), “por isso, estou aqui em Fordlândia, alto Rio Tapajós, selva bruta nos confins da Amazônia. Se é que Amazônia tem confins... Vim estudar um meio mais prático e mais econômico para transportar o material existente nos depósitos da fracassada Companhia Ford.” (MONTEIRO, 1997, p. 137).

É a denúncia do uso da palavra como propagação das (in) verdades em um regime de governo em que se brincava com a palavra em “... sentimentos plastificados em “slogans” publicitários, impressos, irradiados e televisionados... palavra de honra... por Deus do Céu... eu sou livre... o Brasil merece o nosso amor...” (MONTEIRO, 1997, p. 161) reflexão na figura de uma das personagens de “*O Minossauo*”. Num processo de trabalhar com as palavras, pela escrita, com a subida em todos os degraus, andares da

¹⁵ Para uma análise sobre Fordlândia ver ÈLERES, Paraguassú. Intervenção Territorial Federal na Amazônia. “O caso da concessão Ford, no Tapajós.” Belém: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

“Torre sem degraus” de Drummond, Benedicto utiliza seus *clipping* sempre trabalhando com o direito da dúvida sobre quem fala, “um deputado diz: fazem jogo de palavras quando dizem que contestamos o regime. O que contestamos é a viabilidade de um sistema que reduz tudo à vontade soberana de um único homem.” (MONTEIRO, 1997, p. 175). A declaração tácita de que as personagens são “pedaços” de Benedicto não a temos, pois, a literatura não se reduz a uma *imitatio*, antes de tudo propõe a interrogação do mundo sobre sua realidade, interpela o leitor sobre o *persuit* em ter uma adequação ideal do ser ao mundo vivido, sem questionar se isso é necessário. No entanto, observa-se que, a partir do segundo livro da Tetralogia as características reflexivas de um político, cassado e escritor, tronam-se mais aparentes, levando-se em consideração que ao lermos a tetralogia podemos fazer contrapontos com a história mais recente de um país e de seus homens imersos em águas turbulentas, igarapés em que os “sumano” precisam presteza para navegar, navegando em margens nunca dantes navegadas.

CAPITULO IV Entre as margens

A cultura de um povo é um conjunto de textos, eles mesmos conjuntos, que o antropólogo tenta ler por sobre os ombros daqueles a quem eles pertencem.

(GEERTZ, 1989, p. 212).

“BÊRA⁰¹”

Benedicto Monteiro intensifica a necessidade de correr às margens dos espaços sociais. Como disse ele, “precisava, de alguma forma, forçar o meu trânsito no meio daquela sociedade hostil que eu mesmo tinha teimado em escolher para viver o meu exílio.” (MONTEIRO, 1993, p. 100). O “beiradiar” que inicialmente era uma opção daquele que queria acumular capital social diversificado, agora era uma questão de sobrevivência, na “bêra, entre as margens pôde ”descer e subir o rio” sem chamar muita atenção daqueles que o perseguiram. Após sua volta para casa, depois das várias detenções nos cárceres militares, Exército e Aeronáutica, toma tento da devastação que os órgãos de repressão tinham feito em sua vida. Empurrando mais ainda o político/escritor para a “bêra” dos espaços sociais. Suas intenções político-partidárias estavam por enquanto encerradas, por força da cassação, bem como sua pretensa vida acadêmica, esta por não dispor mais do material, gravações com “linguagens amazônicas”, que em muito serviria de base para seu projeto acadêmico, estudar as formas narrativas da Amazônia, agora destruídas ou recolhidas pelos militares durante incursões em sua residência

01 Expressão que significa beira, utilizada especificamente para margem de rio. (SILVA, Daniel e MESQUITA, Roberto, 2006, p.50)

Fui logo procurar os meus apontamentos e fitas gravadas da minha pesquisa. Eu estava pesquisando sobre lingüística. Pretendia escrever tese sobre os falares da Amazônia, sobre os falares paraenses. Durante minhas viagens pelo interior do Estado e da Amazônia eu tinha colhido depoimentos e gravado muitas conversas. Faltava ordenar aquele vasto material pesquisado para desenvolver minha tese. Eram mais de cem fitas e mais de trezentas fichas. Tinha gasto vários anos neste trabalho. Eu pretendia fazer o mestrado na universidade, e assim ingressar no magistério. (MONTEIRO, 1993, p. 83)

Penso que, a partir de seu encontro, por volta de 1965, com Carlos Marighella⁰² (IMAGEM 01), com quem trabalhou na Assembléia Nacional Constituinte de 1946, aumentou a certeza



<http://www.carlos.marighella.nom.br/vida.htm>

02 Militante do Partido Comunista, Deputado Estadual constituinte pela Bahia em 1945, nascido em 1911. Foi cassado politicamente por várias vezes durante sua vida pública, 1932, 1936, 1939, 1948, e executado em 1964 por agentes da DOPS (Delegacia de Ordem Pública e Social) na cidade de São Paulo.

de Benedicto Monteiro, que ele não existia mais para a vida pública, pois aquele não o conheceu ou fez por não conhecer, “nem sequer se lembrava que tínhamos sido contemporâneos”... (MONTEIRO, 1993, p. 99). Este episódio fez por começar a intensificação da vida literária do político/escritor, “esse inesperado encontro com Marighela, aumentou em mim o isolamento a que estava condenado. Refugiei-me nos meus livros e comecei a escrever”, com o uso dos recursos da linguagem que havia pesquisado antes de suas prisões e com aqueles de que ainda podia dispor em sua lembrança. Inicia por um livro de contos chamado *Carros dos Milagres*, submetido a Ruy Barata⁰³ (IMAGEM 02)

IMAGEM 02



<http://www.culturapara.art.br/Literatura/ruybarata/index.htm>

⁰³ Poeta, compositor paraense, nascido em 1920 e falecido em 1990. Deputado Estadual pelo PSP (Partido Social Progressista) em 1946 e 1950, Militante do PCB (Partido Comunista Brasileiro) e Professor da UFPA (Universidade Federal do Pará). Participante da roda de “papo” do Central Café, no centro de Belém, liderada pelo professor Francisco Paulo do Nascimento Mendes, onde convive e integra a mais brilhante geração de intelectuais paraenses republicanos, que gravitou em torno de Chico Mendes. Entre eles, Mário Faustino, Paulo Plínio Abreu, Benedito Nunes, Haroldo Maranhão, Waldemar Henrique, Machado Coelho, Nunes Pereira, Cauby Cruz, Napoleão Figueiredo e Raimundo Moura.

e a Benedito Nunes⁰⁴ (IMAGEM 03), este último avaliza o escritor/político como criador de uma nova linguagem literária.

IMAGEM 03



<http://portalcultura.com.br/clube/literatura/autores.php?ide=6>

A avaliação de Benedito Nunes dá peso para a carreira de escritor/político, pois como crítico literário é um nome de expressão desde a década de 50, no cenário da literatura paraense e brasileira, o que avalizaria muito bem a carreira, nas artes, de Benedicto Monteiro. O crítico literário realmente avaliou a primeira obra de Benedicto Monteiro, a pedido de Ruy Barata

Benedito Nunes - Entendeu? isso era então o mérito que eu via justamente no livro, até disse para ele que era um romance contextual, eu cito numa crítica minha, não sei se viu isso?

04 Filósofo, crítico literário e escritor paraense, nascido em 1929. Professor titular de Filosofia na Universidade Federal do Pará. Ensinou e ensina até hoje literatura e filosofia em outras universidades do Brasil, da França e dos Estados Unidos. Fez parte do chamado “Grupo dos Novos” em Belém, este grupo era formado por figuras representativas na literatura paraense nas décadas de 40/50.

Benedito Nunes – É, é , contextual

-..., o senhor, o senhor concorda com isso ele cria uma linguagem a partir desse por exemplo, do que o senhor viu no Carro dos Milagres, existe um criador de linguagem nessa...

Benedito Nunes – Hem, é uma tentativa de criar digamos assim de criar uma espécie de linguagem é, própria do caboclo que não se..., fosse ao mesmo tempo regional no sentido estrito da palavra. Porque é uma linguagem literária!!! não deixa de ser uma linguagem literária

- Pois é professor, então a, então eu posso, e, quer dizer com relação a linguagem então do e a estrutura que o Bené usa do seu ponto de vista existe forte influência do, do Guimarães Rosa, né? e qual seria então a novidade do Bené em termos de, de linguagem literária

Benedito Nunes – É de que pra fazer isto em termos da Região Amazônica. Quer dizer, colocar este mesmo indivíduo que está em Grande Sertão não é, é digamos para um universo lingüístico muito grande colocar na Região Amazônica

- Ele reduzir, ele traz pra a Amazônia

Benedito Nunes – Ele traz pra a Amazônia

- E aí ele...

Benedito Nunes – E aí ele faz o contextual, que eu chamo de contextual, justamente o contexto da Região Amazônica

(Fragmentos de Conversa com Benedito Nunes em Belém a 07.03.2008)

Esta avaliação, que em primeiro momento seria de Ruy Barata, quando passa às mãos de Benedito Nunes, estimula Benedito Monteiro a “entrar de cabeça” no que seria, no momento, a única saída para sua condição de cassado.

A visão do crítico literário Benedito Nunes tem peso devido seu percurso no cenário das letras paraenses. Era oriundo de um grupo literário, já referido aqui, chamado de “grupo do Central”, na década de 50, formado por vários intelectuais em Belém que se reuniram no extinto Central Café, no centro de Belém para conversarem sobre vários assuntos das artes, literatura, política. Vale salientar que apesar de formarem um grupo voltado para uma espécie de intelectualidade, não seguiam uma estrutura de formação semelhante a citada por PONTES(1998) quando de sua análise em “Destinos Mistos”; em que um grupo de amigos vindos de segmentos sociais semelhantes se reuniram em torno de Lourival Gomes Machado e construíram discussões em torno de aspectos culturais que redudaram na Semana de 22 ou mesmo do chamado Grupo Clima em que um grupo de alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, capitaneados por Décio de Almeida Prado, trava uma espécie de batalha, sob bases acadêmicas, com o grupo anterior em busca de um perfil mais consistente, através da ciência, para discutir questões, também em torno de aspectos culturais brasileiros. Assim, o próprio crítico paraense diz

Benedito Nunes – Não, não tem nada a ver com o colégio

- Mas, mas, mesmo assim vocês se uniam, por exemplo as pessoas que estudavam no Moderno⁰⁵ que tinham interesses semelhantes na área de literatura se formavam, por exemplo esse, esse primeiro grupo que de literatura ele tá muito ligado é, a essas pessoas que estudavam com o senhor no Moderno

Benedito Nunes – É, não, não estavam

- Não?

05. Colégio não-confessional , volta-se a atender a solicitação das famílias paraenses, com maior poder aquisitivo, na formação educacional de seus filhos.

Benedito Nunes - Não estavam. Havia pessoas... [inaudível]⁰⁶ O principal membro desse grupo uma espécie assim mentor digamos assim era o Professor Francisco Paulo Mendes, você já ouviu falar dele

-Já, já

Benedito Nunes – Então era o mentor em torno dele se agregavam Ruy Barata, eu, Mário Faustino, Raimundo Souza Moura que foi juiz do trabalho, até do Superior Tribunal do Trabalho então, havia várias pessoas que freqüentavam, era o chamado grupo do Central, Central Café que hoje é uma droga numa sapataria qualquer⁰⁷.

(Fragmentos de Conversa com Benedito Nunes em Belém a 07.03.2008)

A estrutura do “grupo do Central” era formada por pessoas vindas de segmentos sociais diferenciados orbitando ao redor de um professor de colégios de ensino médio, a época secundário. “Provavelmente esta estrutura venha do reflexo que os primeiros grupos de escritores paraenses sejam originários, chamados por Dalcídio Jurandir de ‘geração peixe-frito” COELHO (2005) e já a época do grupo do Central, seguida de uma “geração mais remediada” de escritores paraenses, surgida no final da década de 1930”. (COELHO, 2005, p. 50)

Esta breve colocação do percurso das letras/crítica paraenses indica uma trajetória das letras no Pará de uma maneira bem diferente do chamado eixo Rio-São Paulo na construção das Artes no Brasil, a exemplo do que diz PONTES

Toda a história intelectual e cultural paulista é caudatária de suas interpretações e da posição privilegiada que seus atualizadores ocuparam no sistema local de produção cultural, ao longo dos decênios de 30, 40 e 50. Sistema este englobado por uma rede ampla e diversificada de instituições, à

06 . Muitas vezes, durante as “conversas com Benedito Nunes” este parava para raciocinar e quando voltava sua fala vinha com uma rapidez que impossibilitava sua captação audível, motivo pelo qual optei por colocar [inaudível] nestes momentos durante a transcrição.

07. Este espaço, situado na Avenida Presidente Vargas, próximo a Rua Ó de Almeida, já foi uma sapataria, citada por Benedito Nunes, e hoje, 2008, foi reformado para abrigar uma loja de departamentos.

testa do qual se encontravam a faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo; a imprensa, particularmente os jornais *Folha da Manhã* e *O Estado de S. Paulo*; as revistas culturais, como *Anhembi* e *Clima*; as editoras, como a Nacional e a Martins; os grupos e instituições ligados às artes plásticas; os cineclubes e, posteriormente, a Cinemateca; os grupos experimentais de política cultural, como o Departamento de Cultura e o Museu de Arte Moderna – para citar apenas os exemplos mais significativos. ((PONTES, 1998, p. 36)

Apesar de, por vezes, termos em Belém algumas características da estrutura que havia em São Paulo, esta era insipiente e sem muita sustentação para dar prosseguimento a um trabalho de permanência exigido no campo das Artes. Assim, observa-se, em Belém, um trabalho mais altruísta de uns poucos que ao final da década de 50 chega ao quase nada em termos de fomento artístico.

A partir daí podemos encontrar alguma pista para a não colocação mais contundente de Benedicto Monteiro no cenário das Artes em Belém a época do grupo literário do Central Café,

Benedito Nunes –... que tem que ver, eu não me lembro realmente devo ter isto é devo ter isso esse espelho é interessante ver se consta o nome do Bené Monteiro, bom, é, é possível que conste, é possível que conste. É... me lembro que uma vez, no primeiro congresso de escritores que houve no Rio Grande do Sul, nós participamos de uma embaixada como se dizia naquela época né? éramos eu, Ruy Barata, Haroldo Maranhão, ele. Para esse congresso no Rio Grande do Sul, ficávamos hospedados no mesmo lugar.

(Fragmentos de Conversa com Benedito Nunes em Belém a 07.03.2008)

E presença mais visível, a partir da década de 70, com seu texto *Carro dos Milagres*, após sua “invisibilidade” político-partidária, porque como ele dizia, o político/escritor, até aquele momento

- E tu não querias ser visto como escritor?

Benedicto - não

(Fragmentos de Conversa com Benedicto Monteiro em Belém a 13.01.2007)

Apodreceu suas almas no desengano da vida nova que não vale a pena ser vivida. A salvação para muitos, foi a terceira margem.

(DARCY RIBEIRO in MONTEIRO, 1991, p. 06).

“TERCEIRADIAR”⁰⁸

Os grandes projetos, conhecidos como tal, efetivados pelo governo militar construíram uma “cara diferente” para a Região Amazônica. Na década de 70 o governo implanta o PIN (Projeto de Integração Nacional), em um período conhecido como do “milagre econômico” brasileiro, onde a máxima era oportunizar “homens sem terra, para terras sem homens”. Para lugares distantes iniciou-se a construção de uma malha viária que sustentasse os projetos agrícolas que receberiam os homens sem terra. Estes projetos facilitariam a ratificação da idéia de necessidade de ocupação da Amazônia em nome de uma soberania nacional e desarticulariam pessoas em regiões conflituosas, tal como as das Ligas Camponesas⁰⁹ do nordeste, sob o slogan “integrar para não entregar”. Apesar de outras pessoas provenientes das regiões sul, sudeste e centro-oeste, que também foram deslocadas para os projetos agrícolas amazônicos. Assim, um estudo antropológico passa a ser interessante, para estudar-se o *modus vivendi* de antes da ocupação da região com os

08 Neologismo utilizado pelo autor para dar uma visão de saída para uma margem em um determinado espaço social construída por uma necessidade existencial, de sobrevivência.

09 Surgem no estado de Pernambuco em 1956 como desdobramento de pequenas organizações reivindicatórias de plantadores e foreiros dos grandes engenhos de açúcar da Zona da Mata. Sob a liderança de Francisco Julião, deputado do Partido Socialista Brasileiro (PSB), as ligas obtêm o apoio do Partido Comunista (PC) e de setores da Igreja Católica. Durante o Regime Militar de 1964, Julião e seus principais líderes são presos e condenados. O movimento fica enfraquecido e desarticulado.

projetos agrícolas e com se deu a “adaptação” ao novo modelo social dos grupos de assentamento e das populações tradicionais. Com esta percepção Benedicto Monteiro busca a ratificação de um discurso de autoridade de Darcy Ribeiro¹⁰ no prefácio de seu texto “*A Terceira Margem*”, terceiro livro da Tetralogia amazônica,

Nos textos de Benedicto Monteiro é onde melhor se destrança a trama humana desumana da vida social da Amazônia que é a verdadeira selva selvagem: a mata penetrada, assassinada, pela civilização predatória. Lá, metidos por milênios, povos índios morenos de mil falas e mil caras, decifram a mata, aprendendo a viver nela e com ela, cultivando, caçando e procriando. Um dia, sobreveio a hecatombe mercantil e cristã. Era a civilização. Como uma avalanche ela apodreceu os corpos com as pestes da raça branca. Escravizou os sobreviventes, para desgastar milhões no trabalho venal. Reproduziu-se no ventre de mil cunhãs. Entorpeceu o espírito das gentes com a desmoralização missionária das velhas crenças. Apodreceu suas almas no desengano da vida nova que não vale a pena ser vivida. A salvação para muitos, foi a terceira margem. (MONTEIRO, 1991(b), p.06)

Esta visão de Darcy Ribeiro tem implicações diretas no cotidiano dos povos tradicionais. Pois, o governo militar iniciado em 1964 não tinha ações governamentais que se preocupassem significativamente com o meio ambiente. É a necessidade de trabalhar com as margens da costura social, a dos povos tradicionais e a do governo de ocupação, no panorama amazônico, que nos leva em direção à caminhada analítica em busca da ratificação da idéia de uma concepção dialética amazônica. Faz-se necessário entendermos o conceito de margem, uma margem que, em “*A Terceira Margem*”, mostra a necessidade

10 Antropólogo, escritor e político brasileiro , 1922/1997. Um dos criadores da UnB (Universidade de Brasília), autor da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira) em vigor, idealizador dos CIEPs (Centros Integrados de Ensino Público) no Rio de Janeiro.

de trazermos à tona uma discussão preliminar sobre a referencialidade e a contextualidade da palavra. No referido texto da Tetralogia, a “margem” toma o sentido mais *strictu* como “volta de”. Assim, somos conduzidos a entender “margem” como a linha ou faixa *circundante* de alguma coisa, porém, circundante denota o não acabamento, a dinâmica e a construção em volta de. A preocupação do autor em designar as margens circundantes constrói elementos necessários para um processo dialético.

Benedicto Monteiro trabalha, como diria Rusdhe, em “*Mélange*, mistura, um pouco disso e um pouco daquilo, *é dessa forma que o outro entra no mando*” (*apud* Hall, 2000, p.92) (grifos meus). Não como um “mando”, poder de mediação qualquer, mas como construtor das relações dialéticas da contemporaneidade. Em uma obra híbrida em forma e conteúdo, constrói três elementos de relação dialética com os nomes de A Margem, Primeira Margem, Segunda Margem e com um modelo que poderíamos chamar de uma nova tese da dialética amazônica com “*A Terceira Margem*”, sem, no entanto, ter a pretensão de reduzir dinâmica dessa dialética.

O processo inicia tendo como tese A Margem, onde encontramos o modelo pedagógico¹¹ utilizado pelo dominante através da racionalidade acadêmica, processos ideológicos de instituições nacionais e/ou internacionais e a inserção de alguns aspectos da mídia, em um momento político conturbado na nação *brasilis*: “NÃO ESQUECER que a única preocupação manifestada pelos tecnocratas foi a modificação global que sofreria o Planeta Terra” (MONTEIRO, 1991 (b), p.10).

A antítese é construída a partir da Primeira Margem, com um professor de Geografia, na função de geógrafo – e aqui é importante notar que se o professor fosse só geógrafo poderia não ter os *insights* críticos a que a formação de um professor de Geografia tendem a levá-lo – observa que o modelo pedagógico utilizado pelo governo, com as bases acadêmicas e institucionais, não reflete a *performance*¹² amazônica: “– Mais do que isto, a cidade precisa ser reintegrada à natureza, coexistindo com ela, através do aproveitamento de todos os fatores geográficos” (Monteiro, 1991 (b), p.45).

11 Modelo de ensino com visão instrucional e ideológica.

12 Atuação, agir.

A importância desse narrador é muito interessante, pois, apesar do foco narrativo incidir na 1ª pessoa, ele também é objetivo, o que pode reforçar o processo da dialética dentro de outra dialética. Neste ponto do processo, começa a busca de uma personagem que com o professor constrói um novo processo dialético. Desta forma, teremos um processo construtivo em que a tese é delineada através do performático representado pela busca da figura de Miguel dos Santos Prazeres, pelo buscador e a antítese nos parâmetros da dúvida do pedagógico na figura do buscador, o professor: “Antes mesmo de perguntar pelo hotel ou pela pensão da cidade, perguntei por Miguel dos Santos Prazeres” (Monteiro, 1991 (b), p.51). A síntese, na verdade, os vários momentos de síntese são construídos entre os representantes do pedagógico e do performático, sendo que por vários momentos um pode tomar o lugar do outro, consciente ou não, marcando de forma inteligente as características da contemporaneidade. A característica híbrida, marcada pela construção discursiva entre ciência e mito, sendo este último entendido como a formação pedagógica/performática de identidades culturais amazônicas fora do processo pedagógico/performático do dominante, na obra, a ciência, é notabilizado na Segunda Margem. Construção discursiva dialética dentro das dialéticas do ser-aí de Miguel e do Professor que alicerçam uma nova tese que chamamos de construção dialética do conhecimento amazônico:

Por isso eu me recuso a encontrar Miguel entre as quatro paredes desta cidade. Ele, quando conseguiu, sozinho, fugir da cidade através do clarão dos fogos, é porque aproveitou o caminho de todas as cores, aberto na noite do incêndio. É por isso que ele anda agora na sua viagem-vida, na sua vida-viagem de rio andante de margem a margem. (MONTEIRO, 1991 (b), p.107).

Apesar de nos sustentarmos na construção dialética presente na obra *A Terceira Margem*, por acreditarmos mais fortes os componentes de um pensamento dialético estão presentes em toda Tetralogia, tendo Miguel dos Santos Prazeres ora como tese, ora como antítese, ora como síntese contrapondo aos tempo-espacos, o que na fenomenologia de Martin Heidegger seria: “O ser enquanto presença é determinado pelo tempo” (HEIDEGGER, 1996, p.252), os elementos de outras nações, seres, inseridos na nação amazônica, espaço,

no momento de governo autoritário, tempo, e a ele mesmo, Miguel, o ser presente-representante.

O ápice e o início de uma nova tese aberta a discussões futuras está no que Benedicto Monteiro chamou de “*A Terceira Margem*”. É o momento em que o autor, usando de relações metafóricas das pedagogias do dominante e do dominado, constrói um tipo de processo heurístico de um amazônida. Com o uso de todos os recursos do fantástico e da verossimilhança é focalizado um homem, a personagem Miguel, que sofre com a tarja de humilde, sonhador e irreal, mas que no entanto, mostrada sua profunda capacidade de ver as diversas pedagogias a ele impostas de maneira cruel, entendendo-as e hibridizando-as¹³, forçando o aparecimento de uma nova maneira de viver na Amazônia.

Como é característica de Benedicto Monteiro a não rigidez espaço/temporal, ele utiliza-se da denominação de margem, primeira margem, segunda margem e uma síntese mais pontual com uma terceira margem ao final do texto, para a construção de uma espécie de dialética, porém com a flexibilização dos momentos de tese, antítese e síntese. Assim, começa com a margem como uma visão institucional das recomendações de um determinado grupo de trabalho, ficcional, mas que pode alegorizar a realidade dos grupos instituídos pelo governo na construção de projetos. Esta capacidade de alegorização do escritor/político é observada por Darcy Ribeiro, quando da construção do prefácio do texto em questão,

Este novo romance de Bené Monteiro é a narração ficcional da verdade real dos dois projetos amazônicos em disputa. Um super nacional e super poderoso, subsidiado, pelo governo insensato, é o que está rodando sobre os trilhos da história presente, se prosseguir, entraremos no século XXI com uma Belém de 10 milhões e uma Manaus de 5 milhões, todos famintos, dentro de uma Amazônia deserta de gente e para sempre estéril.

¹³ Produção de várias histórias e culturas interconectadas (Hall, 2000).

“O outro projeto, débil e deserdado, é o de nossa singela utopia da Amazônia tão fácil e acessível que é de espantar que não se implante”.
(MONTEIRO, 1991 (b), pp. 06, 07)

Esta questão de cunho social expressa pelos escritores da década de 70 também marca a presença de autores regionais que serviram de influência para Benedicto Monteiro, oriundos de décadas anteriores, como diz Benedito Nunes,

Benedito Nunes – É corrido, como Guimarães Rosa faz em Grande Sertão. A influência tenho a impressão, grande influência, Grande Sertão publicou em 1956, Benedicto Monteiro é posterior, né?

- Bem posterior

Benedito Nunes – Então tenho a impressão que há uma influência dessa área

(Fragmentos de Conversa com Benedito Nunes em Belém a 07.03.2008)

A possibilidade de mostrar através da literatura os problemas regionais sem prender-se a um regionalismo, favorece o retorno a uma visibilidade perdida por Benedicto Monteiro no campo político partidário, utilizando-se deste norte literário-metodológico,

Benedito Nunes – Regional, exatamente, exatamente. É, então é alguma coisa que acontece na literatura brasileira. Isso foi descrito pelo Antonio Candido, isso ai que tem que mostrava que agora chegava a vez do trans-regionalismo quer dizer alguma coisa que estava a serviço da região entretanto não ficava no limite dela, é o caso de Guimarães Rosa

(Fragmentos de Conversa com Benedito Nunes em Belém a 07.03.2008)

Um regional não-regionalista faz com que o escritor/político tenha a proteção necessária para um momento muito conturbado, em que a liberdade de expressão é muitíssimo reduzida. A metáfora literária passa a ser o recurso mais utilizado pelo escritor, “como disse, só conhecia o latifúndio – mata, ou então a definição literária de Guimarães Rosa.” (MONTEIRO, 1993, p.123).

Benedito Nunes – Eu acho bom, muito bom, Guimarães Rosa [inaudível] mas aqui do ponto de vista regional, eu tenho a impressão que houve um influxo para não dizer influência muito grande do Dalcídio Jurandir, Dalcídio Jurandir quase não se fala nele. Mas eu tenho a impressão que Dalcídio Jurandir foi [inaudível] escamoteado

- Mas,.. ele se escamoteou ou alguém

Benedito Nunes – Não, ele foi escamoteado, quer dizer você usa Dalcídio, mas não cita, passa adiante

- Mas o senhor tem uma noção, do seu ponto de vista porque isso aconteceria, acontece

Benedito Nunes – Ah! É de novo a questão da atividade política

- Hum, hum, porque ele era ativista do PC, né?

Benedito Nunes – Do PC, então durante muito tempo o Dalcídio foi [inaudível] apesar de todas [inaudível] era o Jorge Amado que interferia

- Que também era do PC

Benedito Nunes – Que também era do PC, mas Jorge Amado já tinha subido muito, né? Então era uma espécie de estrela, e ajudou, Jorge Amado era muito generoso, ele auxiliou muita gente.

Benedito Nunes -... escritores como trataram isso que o Benedicto, o Bené Monteiro pegou também, como o Haroldo Maranhão tratou, como ele entrou na literatura, como... ele

fez...aquele “Rio de Raiva”... é toda a questão regional do Barata, do Assunção... as grandes potências...o Haroldo, ele era neto do Paulo Maranhão, mas tinha as suas convicções políticas, ele era do nosso grupo. Então naquele tempo valia muito a questão do [inaudível] engajamento, quer dizer você não pode fazer uma literatura independentemente do homem...

E numa atitude de similitude Benedicto Monteiro busca a igualdade dos iguais,

Nesses meus livros, fiel ao exemplo de Inglês de Souza e de Dalcídio Jurandir, embora, como eles, acompanhando o movimento literário do mundo, não me deixei influenciar pela adoção cômoda das linguagens, fórmulas, modismos e temas impostos pelos nossos colonizadores. E se os críticos como Araripe Júnior, Lúcia Miguel Pereira, Oswald de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda, constataram que a obra de Inglês de Sousa refletia a luta do homem amazônico, ainda do nível individual e das suas condições raciais e sociais, ao meio da própria luta contra a Natureza, ensaístas como Leo Gilson Ribeiro, Abguar Bastos, Benedito Nunes, Darcy Ribeiro, Haroldo Bruno, Afonso Romano de Santana, Lúcio Flávio Pinto e muitos outros, me fizeram a justiça em constatar que na minha obra, essa mesma luta, reflete hoje em nível coletivo de milhares e milhares de pessoas que defendem não só a terra que ocupam e as riquezas que produzem, mas também a cultura que nos une na conservação da própria Natureza. (MONTEIRO, 1993, pp. 149, 150)

A estratégia de Benedicto Monteiro, ao angariar capital social, a partir do espaço literário “dá frutos” e já na década de 80 volta para vida política, mantendo o discurso que,

Benedicto – sempre pensei como esquerda

- E a fidelidade partidária?

Benedicto – n..., [pensa]

- Seria a fidelidade com o quê?

Benedicto – como o povo,... [expressão de orgulho]

(Fragmentos de Conversa com Benedicto Monteiro em Belém a 02.12.2006)

Fui vereador pelo Partido Social Progressista (PSP), deputado Estadual pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), e deputado Federal Constituinte pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Mas não guardo qualquer marca ou lembrança desses partidos como organização política e programática. Os homens sempre avultavam muito mais que as legendas. Tanto que ao cessar a cassação dos meus direitos políticos, já em 1982, optei pelo PDT que parecia trazer a continuidade do antigo PTB de Jango, com sua linha nacionalista e pragmática, e já que estava organizado pelo prestígio e pela liderança legítima de Brizola¹⁴ (IMAGEM 04). (MONTEIRO, 1993, p. 124)

IMAGEM 04



Ao lado de Leonel Brizola

<http://www.verdevagomundo.com.br/26ago2006>

¹⁴ Leonel de Moura Brizola, nascido em 1922 e falecido em 2004. Político brasileiro, lançado na vida pública por Getúlio Vargas, também Presidente de Honra da Internacional Socialista.

A filiação a um partido em que Brizola era o líder leva em direção a uma espécie de fidelidade de pensamento político. Traz a lembrança a ligação que o político/escritor tinha com Jango e este tinha, além de filiação partidária com Brizola, uma relação de parentesco, era seu cunhado.

Sua volta ao espaço político regional - provavelmente a melhor forma de voltar a um campo social é sendo restituído de seus méritos, tem seu ápice em 21 de maio de 1985, quando a Assembléia Legislativa do Estado do Pará concede ao político/escritor o Título de Honra ao Mérito (IMAGEM 05), seguido de um entusiasmado discurso referente àquele ato, do deputado Paulo Fonteles.

IMAGEM 05



Como Deputado Federal, segurando o Diploma de Honra

<http://www.verdevagomundo.com.br/26ago2006>

Este discurso proferido pelo deputado Paulo Fonteles¹⁵ (IMAGEM 06) confirma a volta de Benedicto Monteiro com uma imagem agora restaurada e agregada com tudo o que um dia era visto como componente nocivo, seu discurso e engajamento com as questões sociais, e conseqüente percurso pelas margens do universo social. Que em um determinado momento pôde ser uma ação não-consciente, mas que abriu as portas numa hora conturbada em que lhes foram negadas as possibilidades de trânsito pelos espaços sociais antes transitados.

IMAGEM 06



Deputado Paulo Fonteles
www.vermelho.org.br/17mar2008

Neste momento só lhe restava terceiradiar, criar uma terceira opção, uma terceira margem. Fruto de uma sensação de não-visibilidade ou negação de visibilidade, muito parecida com

15 Deputado Estadual pelo Estado do Pará, líder da luta pela reforma agrária no Pará e dirigente regional do PC do B, assassinado em 11/6/87.

a sensação que Miguel dos Santos Prazeres, sua personagem principal na , teve em meio a uma reflexão sobre a sua existência, “e não tinha princípio nem fim: era uma distância. Era paresque também uma margem... mas uma outra margem...” (MONTEIRO, 1991 (b), p. 189)

Seria uma espécie de presentificação do passado, com tudo que isso possa implicar...

(OLIVEIRA, 2006, p. 34).

“VORTOU”¹⁶

A volta ao passado provavelmente seja o momento mais rico na redação de um texto, a partir da memorização, reflexão utilizada por Roberto Cardoso de Oliveira para o trabalho do antropólogo, que entendo também válido para o escritor, considerando sua obra com um texto possível de ser etnografado. Assim, o trabalho com as “margens” de Benedicto Monteiro pontualmente no texto “*A Terceira Margem*”, leva-nos a compreender possíveis e infinitas possibilidades de trânsitos e sínteses. Pelas margens dos espaços sociais, que também viabilizariam a parada, a qualquer momento, do “transitante” social.

Voltar para uma margem em que se sinta confortável, que seja mais conveniente, provavelmente foi uma espécie de eterno retorno para um porto seguro. Assim o campo político apresentou-se sempre como uma constante busca para Benedicto Monteiro. Sua volta para este campo possibilitou uma retomada de espaço, porém com a possibilidade de trabalhar mais uma forma de linguagem do que um discurso comum, uma simples retórica. A oportunidade que o político/escritor teve, mesmo por vezes de uma maneira um tanto violenta, de parar no universo literário mais intensamente, constrói uma visão híbrida das margens estudada por Bhabha (1998), são os contextos inter-relacionados. Benedito Nunes

16. Expressão que significa voltou. (SILVA, Daniel e MESQUITA, Roberto, 2006, p.256)

fala sobre esta espécie de nova visão no campo literário e a agregação de Benedicto Monteiro a esta linha de estratégia que o auxiliou durante os “anos de chumbo” e que o ajudaria quando de sua re-visibilidade no espaço político.

Benedito Nunes – Quer dizer o narrador ele procura... se iden... identificar com a sua infância, é a infância dele que está narrando né?, isso vai entrar na literatura brasileira e Guimarães Rosa vai sumarizar essa coisa toda

Benedito Nunes – Mas eu tenho a impressão que o Bené tem raízes [inaudível] nesse sentido em que se formou na época o romance contextual, não é? que houve essa grande contribuição de Guimarães Rosa né? É, que ele realmente fez a coisa em âmbito regional aquilo que se fazia é, em âmbito maior nacional, não é? De modo que o Bené teve, deu a sua contribuição, não é? e oscilante, essa coisa toda depois entrou na [inaudível] e creio que voltou a política

Benedito Nunes -... escritores como trataram isso que o Benedicto, o Bené Monteiro pegou também, como o Haroldo Maranhão tratou, como ele entrou na literatura, como... ele fez... aquele “Rio de Raiva”... é toda a questão regional do Barata, do Assunção... as grandes potências...o Haroldo, ele era neto do Paulo Maranhão, mas tinha as suas convicções políticas, ele era do nosso grupo. Então naquele tempo valia muito a questão do [inaudível] engajamento, quer dizer você não pode fazer uma literatura independentemente do homem...

(Fragmentos de Conversa com Benedito Nunes em Belém a 07.03.2008)

Apesar de que no “tempo” em que Benedito Nunes fala ter o engajamento uma validade expressiva, Benedicto Monteiro parecia estar consciente que deveria ultrapassar esta visão mais engajada da literatura e transformar a estrutura semântica do texto em uma possibilidade de narrar o contextual ironicamente,

- Na verdade é uma, a tua literatura é, uma, seria uma literatura de denúncia, e até de informação para quem não tinha informação do que realmente estava acontecendo

Benedicto - exatamente

- É isso?

Benedicto – sempre isso

- Sempre isso, então eu posso dizer ela, você é uma informação pro povo, mas se utilizando da linguagem literária, é isso?

Benedicto – é!

(Fragmentos de Conversa com Benedicto Monteiro em Belém a 13.01.2007)

Benedicto Monteiro “vortou” para o espaço político, mas, desta vez sabendo que seu discurso deveria ser, mais do que nunca, portador de um sentido, muito além de um simples designar e significar de alguma coisa. Um sentido que na verdade nunca deixou de existir, por sua proximidade com campos sociais presentes no espaço geográfico que ele queria representar, mas que deveria ser ratificado pela visão política. Seu “parar” no campo literário, oportunizou-o a entender que o discurso, assim como os textos literários, apresentam uma construção de sentido. Tudo leva a crer que o político/escritor observou que através do texto literário possibilitaria ao seu leitor, tanto político como literário, uma interpretação da Amazônia e do momento político vivido muito mais que uma simples designação, de um simples significado construído para atender aos anseios de um governo autoritário. Poderia, assim, fundamentalmente possibilitar o depreender de um sentido mais próximo do que acontecia na Amazônia, na década de 70.

Suas relações ou (re) entradas, nos campos sociais anteriormente proibidos, propiciou o (re) estabelecimento de muitas e a construção de outras relações, em função de

experiências pessoais, em consonância com os diversos aspectos culturais até agora vividos e (con) vividos. Muitas relações passaram a ser chamadas por seu transitar em espaços diversificados através da facilidade que agora tinha sobre as linguagens vividas, que em determinado momento só possibilitaria esta apropriação por parte do nativo da língua, mas que durante os momentos de repressão mostraram-se úteis a Benedicto Monteiro e este entendeu e agora se apropriava. Além disso, passou a construir nova linguagem a partir de outros textos (intertextualidade). Ratificando para ele o quanto seria promissora a influência do “amontoar” textual daquele que escreve daquele que lê, num processo dialético infundável. Assim, bastava ao político/escritor “correr terra” e “narrar a terra”, o que foi viabilizado a partir de 1983, com sua volta, seu retorno a visibilidade política.

Todo este percurso trilhado por Benedicto Monteiro fundamentou a direção da construção de um sentido para os textos da . Foi importante para contextualizar os discursos, pois seria muito difícil o entendimento de seus textos fora do contexto apresentado. Esta contextualização, auxiliada pela lingüística contribuiu para a abertura de possibilidades do que poderia ser viabilizado pela linguagem literária, construindo uma espécie de complementaridade, contexto/linguagem/texto-literário. Esta complementaridade é ratificada pelo político/escritor.

Desse conhecimento aprendido autodidaticamente, nas fontes mais remotas e mais recentes, foi sem dúvida a linguagem que mais marcou a minha vida. Não a linguagem dos discursos escritos e falados. Essa linguagem sempre é feita com o objetivo de atender mais à platéia ou ouvintes, leitores e telespectadores. E, por isso mesmo, se baseia na realidade, mas contorna, camufla ou distorce essa mesma realidade, como também as soluções apresentadas ou criticadas. (MONTEIRO, 1993, p. 175)

É através dessa complementaridade, que acontece na gestalt do texto, principalmente através da linguagem, que é construído o sentido da produção da Tetralogia amazônica, seja do texto escrito ou do oral, este apropriado do nativo, o que facilitaria uma hermenêutica literária, otimizando a interpretação do texto tetralógico, por grande parte da maioria de

seus leitores, “aprendi, portanto, a preferir a linguagem ao discurso” (MONTEIRO, 1993, p.176). Esta visão está bastante presente no último livro da , “*Aquele um*”, onde Benedicto Monteiro reúne apenas as falas de Miguel dos Santos Prazeres, sua personagem interligadora de toda . Apesar de que para o autor mais parece uma preocupação de cunho comercial do que de informação do contexto e conseqüente reflexão de uma época, pois pelo que o próprio escritor/político escreve no pós-fácio da última sobre uma leitora da então só trilogia, *Verdevagomundo*, *O Minossauro* e *A Terceira margem*, “me confiava que sua mãe tinha lido apenas os textos da fala de Miguel dos Santos Prazeres, o Cabra-da-Peste, pulando todos os outros textos que discutiam os problemas políticos, sociais e econômicos da realidade contextual amazônica” (MONTEIRO, 1995, pp. 222, 223). O que negaria totalmente a intenção do escritor/político,

Minha idéia inicial era escrever um romance que, pela própria linguagem, formasse a personagem e refletisse o contexto da realidade amazônica totalmente isolada do contexto histórico, político e social do resto da humanidade. Mas ao iniciar esta experiência, achei que uma obra dessa natureza, naquela época de censura, repressão e violência, podia representar uma fuga dos problemas políticos e sociais que enfrentávamos e da violência particularmente desfechada contra a cultura e a civilização fluvial do homem da Amazônia. (MONTEIRO, 1995, p. 222)

Porém, ficou ainda muito forte a influência da escrita de Benedicto Monteiro em seu universo social, reforçando a complementaridade contexto/linguagem/texto-literário, nos dias atuais como mostra em uma entrevista em 2005,

JL - Foi uma decisão sem volta?

Benedicto Monteiro - Não sei. Tenho recebido alguns convites, inclusive para a disputa do Senado. Mas eu mesmo ainda não sei. Minha decisão depende de como vai se delinear a

questão política no Estado do Pará. Com toda minha experiência, com o que eu tenho escrito, tenho muita coisa para falar, e esta seria uma oportunidade de falar. Mas vai depender da questão das forças políticas que vão se reunir, agora, aqui no Estado. No momento, eu estou preocupadíssimo é em ensinar a História do Pará para os paraenses que não sabem e falar sobre ecologia, que é um assunto que muito nos interessa.

(Fragmento de entrevista de Benedito Monteiro ao jornal “O Liberal” no dia 04 setembro de 2005)

Benedito Monteiro, o político/escritor, “vortou”, sua linguagem/discurso ainda preocupa-se com o contextual perseguido, com a informação do intimamente necessário, com o homem na terra, com uma reforma agrária como a arte de cultivar os campos, porém, os campos sociais que sua mostrou sob a forma de litera, escrito, mas com todas as facilidades que a escrita literária proporciona para aqueles que só através dela tem a “proteção” para narrar o indizível, em momentos em que o dizível é silenciado. Facilitou a aproximação desta litera com o que produz a litera, o que se utiliza da litera para ajudar na construção do antropo, vivente na Amazônia. Desta forma, possibilitou que o texto literário pudesse ser tomado como um dos instrumentos de análise nas Ciências Sociais, na Antropologia, para os anos 70 do século XX, por alguém, agora, no final da primeira década do XXI.

ARRIBÔ E VORTÔ

Neste trabalho “persegui” a possibilidade de viabilizar a aproximação entre a Literatura e a Antropologia. Acredito que posso ter conseguido, face a leitura e utilização dos textos literários, no caso a Tetralogia amazônica, de Benedicto Monteiro, como mediadores, esses textos, entre o escritor e leitores. Numa grande perspectiva expansiva do que poderia ser uma comunidade de homens, de pessoas na Amazônia, da década de 70, sob o desenvolvimento de ações de incursão de um governo militar, com projetos que, evidentemente não poderiam levar em consideração as particularidades da região. Provavelmente esta mediação seja a possibilidade de leitura de parte de um rito elementar de um processo de sociabilidade pretendida, a partir de elementos estruturantes e fundamentais do dominador em sua visão do que deveria ser a sociedade. Esta espécie de rito, tornado visível em nosso trabalho pelo texto literário poderia ser visto como um catalizador de elementos que possibilitaram a visualização crítica do fazer social, que não é mais do que um modo de ritualização através da linguagem, no nosso caso a linguagem literária.

Esta ritualização possibilitaria aos envolvidos a construção de uma visualização em direção a um dos entendimentos de um modo de vida em determinada sociedade, em determinado momento, de determinado tempo. Momento em que esta sociedade, impossibilitada pela repressão militar, não poderia enxergar tudo o que deveria ou poderia e era direcionada a ver pelos olhos de seu dominador, um governo autoritário e invasivo.

Os textos construídos por Benedicto Monteiro, na Tetralogia amazônica, questionam-se a si mesmos, a partir de uma interação escritor/contexto/leitor, o que propicia o desvelamento de novas questões, num processo dialógico de “arribá” e “vortá”. Neste processo interativo, o leitor, a partir da visão inicial do escritor, passa a redimensionar, atualizar e (re) atualizar suas posições num movimento dialético que possibilita novas sínteses do que é narrado em direção a uma criticidade, um despertar, aquela uma das preocupações do político/escritor durante a escrita da obra. A tessitura da

Tetralogia aproxima os leitores do contexto social vivido pelo escritor e que, recheado de informações comuns a época dos 70, possibilitam aos “já iniciados” e “iniciandos”, a absorção de um conhecimento que em um primeiro momento parece esotérico. Tal ritualística de leitura torna o texto quase “sagrado” possibilitando sua leitura para os componentes do grupo social que se adéquam a esta espécie de “culto”. Esta adequação torna-se mais acessível se o texto contempla elementos como mitos e ritos dos segmentos sociais leitores do instrumento textual.

Penso que o trabalho que realizei pode ampliar o que na Antropologia é intitulado como material etnográfico. Até porque podemos considerar que na experiência etnográfica faz-se presente uma forma de atitude cultural semelhante ao campo das artes, em que os agentes envolvidos, em ambas construções, etnográfica e artística, buscam uma espécie de experiência “autêntica”. Sendo, no passado, com a análise de discursos que eram interpretados a partir dos projetos/visão de intervenção dos colonizadores sobre os colonizados ou na contemporaneidade, com uma estrutura de interpretação/análise de chamamento do outro, como uma maneira de respeito à alteridade.

Com a preocupação, por parte da academia, pela questão interdisciplinar visualizam-se muito mais as fronteiras constantemente móveis das disciplinas nas humanidades, o que possibilitou que a Antropologia pudesse transitar, por exemplo, pela literatura e vice-versa. A existência de uma espécie de dimensão literária no discurso etnográfico, bem como, em outras fontes científicas, propicia o uso desta dimensão não apenas como estilo, mas como forma de discurso para as Ciências Sociais. Levando-se em consideração que, especificamente no caso da Antropologia, nossa área de atuação, a “criação” de textos etnográficos pode estar “impregnada” de fatos situados em espaços históricos e em situações culturais específicas, o que tornaria imprescindível a consideração, por parte do antropólogo, dos vários tipos de artefatos culturais residentes em determinado grupo social, inclusive o literário. Assim, um texto etnográfico seria um espaço de encontro dos diversos aspectos de uma estrutura social e entre os tipos de textos, o texto literário.

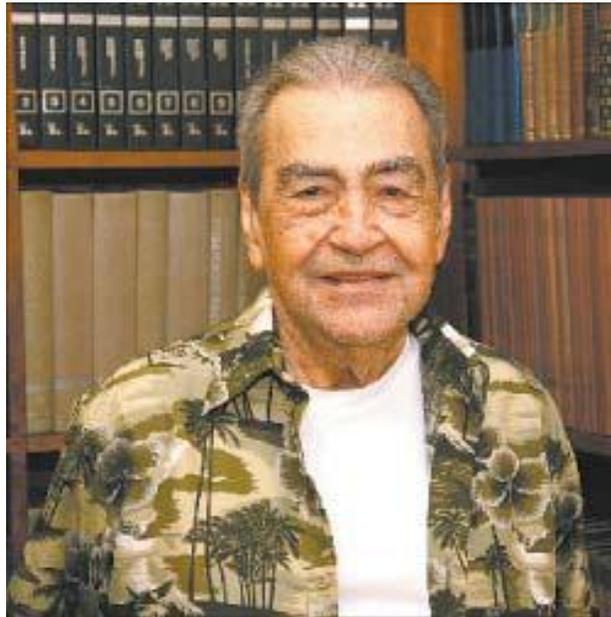
Quanto a chamar o “outro”, os diversos interlocutores, para o trabalho, acredito que, além da grande valia do estudo feito, no sentido pessoal foi muito gratificante, pois todas as

“conversas com os Benés” e a presença muito forte das personagens como *personas*, dadas à vida através do Geppetto-Benedicto, confirmaram a dialogicidade necessária para a proposta do autor. Desta forma, não poderia deixá-los fora do texto, ou com um aparecimento academicamente “muito frio” como se faz comumente em trabalhos desta natureza. Assim, chamei a voz de todos eles, tanto das entrevistas, como dos textos literários, diretamente para este texto acadêmico, dando continuidade a vida dada pelo construtor de vidas, Benedicto Monteiro, a mim cabendo o papel de uma espécie de Pinocchio. A chamada do escritor de maneira mais intensa, neste trabalho, a partir de suas falas, através da vivacidade de seu discurso nas entrevistas e a antropomorfização das personagens nos textos literários, a partir da intertextualização do leitor-autor, deu-se em razão da situação cada vez mais agravada de sua saúde, e a possibilidade, necessidade de tornar mais “quente” o texto em sua totalidade. Adiciono a estas preocupações, as questões de cunho familiar, do escritor, que foram aparecendo a medida que seu estado se agravava e a família assumia a direção de sua vida, inibindo uma dialogicidade mais contundente entre o autor e o político/escritor. Porém, mesmo com todas as adversidades, acredito ter alcançado, não a totalidade das margens, mas um “beiradiar” mais intenso em busca de novas margens.

Esta busca, por novas margens, possibilitou-me conhecer quem já tivesse por elas buscado e desta busca nasceu uma grande amizade entre o buscado e o buscador que, infelizmente, encerrou-se fisicamente no dia 15 de junho de 2008, por volta das 1900h; o “criador de vidas”, deixou o Pinocchio e todos os Pinocchios por ele “criados”, alguns já com forma humana, outros ainda como bonecos de pau. E foi-se, talvez para uma “terceira margem” como na figura de um de seus mais queridos Pinocchios, Miguel dos Santos Prazeres. Que da mesma forma desta personagem, “morreu” em data de santos, não exatamente no dia de Santo Antonio, igual a Miguel, mas, entre santos, na quadra junina de Santo Antonio, São João e São Pedro. Nem tão pouco, desaparecido, nas explosões de fogos, mas foi-se no fogo da cremação. Provavelmente, flutuando em sua canoa, em seus pensamentos, talvez dizendo “D-E-U-S. Eu mesmo, o senhor pensa, não escutei mais nada. Quis me agarrar numa linha qualquer, da água, da noite, do céu, do horizonte e até do pensamento. Tudo era espaço e tempo vago. Verde e vago. Verde vago mundo”. (MONTEIRO/Geppetto/Miguel dos Santos Prazeres. 1995, p.189)

E provavelmente tenha dito:

Foi ai que eu me perdi na pura claridade. Era paresque claridade do verde, da água, da noite, e do silêncio. Pensei que era a morte, que eu estava morto. Pensei que eu estava bem no fundo. Mas nesse mesmo instante, nesse justo e exato momento, foi que a água e o céu se abriram e surgiu uma praia branca. Muito branca. Todos os verdes e todas as cores se resumirem naquela praia. E não tinha princípio nem fim: era uma distância. Era paresque também uma margem... mas uma outra margem...”
(MONTEIRO/Geppetto/Miguel dos Santos Prazeres. 1995, p.189)



Benedicto Monteiro um mês antes de seu falecimento

<http://www.orm.com.br/oliberal/>

Adeus e obrigado, meu amigo!

Este trabalho é dedicado a você, na praia branca que surgiu a sua frente e/ou na margem em que quer que estejas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Jorge Amado: política e literatura*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

ANDERSON, Benedict. *Sociedades imaginadas*. Rio de Janeiro: Edições 70, 2005.

ARANTES, Antonio Augusto [et al.]. *Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. 2.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

AZEVEDO, João Lúcio de. *Os jesuítas no Grão-Pará: suas missões e a colonização*. Belém: SECULT, 1999.

BERGSON, Henri. *Riso, o ensaio sobre a significação da comicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2007

BERND, Zilá, MIGOZZI, Jacques. *Fronteiras do literário*. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

BHABHA, Homi K. *Nation and narration*. 1st ed. - London: Routledge, 1990.

_____. *O Local da Cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. *The logic of practice*. California: Stanford, 1990.

_____. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. (a)

_____. *Razões práticas*. Campinas, SP: Papyrus, 1996. (b)

_____. *Você disse popular?* Revista Brasileira de Educação. jan/fev/mar/abr 1996 n° 1 (c)

_____. *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

- _____. *O poder simbólico*. 7ª. Ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2004. (a)
- _____. *Ofício de sociólogo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. (b)
- _____. *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. (a)
- _____. *Outline of a theory of practice*. London: Cambridge, 2005. (b)
- BURKE, Peter. *A Escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.
- CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- CASTRO, Celso. *O espírito militar, um antropólogo na caserna*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- CASTRO, Edna et all. *Industrialização e Grandes Projetos: Desorganização e Reorganização do Espaço*. Belém: Ed. UFPA, 1995.
- CASTRO, Ferreira de. *A Selva*, [1.ª edição]. Porto: Livraria Civilização, 1930.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- COELHO, Marinilce Oliveira. *O Grupo dos novos*. Belém: EDUFPA, UNAMAZ, 2005.
- COSTA, José Marcelino M. da. *Impactos econômico-territoriais do atual padrão de ocupação da Amazônia: Amazônia desenvolvimento ou retrocesso*. Belém: CEJUP, 1992.
- CUNHA, Euclides da. *À margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DENIS, Benoit. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. São Paulo: EDUSC, 2002.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ÉLERES, Paraguassú. *Intervenção Territorial Federal na Amazônia*. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- EVANS- PRITCHARD E. E. *Os Nuers*. São Paulo: Perspectiva 2002.
- FACINA, Adriana. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.(a)

- _____. *Santos e canalhas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.(b)
- FERNANDES, Daniel dos Santos. *Narrativa e Música: uma leitura interdisciplinar*. Dissertação de mestrado em Estudos Literários. UFPA, 2002.
- _____. *Um certo afilhado-do-diabo: o compadrio de um amazônida*. Artigo apresentado ao PPGCS/UFPA na Disciplina Organização Social e Parentesco – Doutorado em Antropologia, 2005
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2002.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Editora Record, Rio de Janeiro, 1998.
- FURTADO, Celso. *O mito do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- _____. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- GINZBURG, Carlo. "O Nome e o Como". In: _____. *A Micro-história e Outros ensaios*. Lisboa: Difel/Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.
- GOODY, Jack. *La Evolución de la Familia y del Matrimonio en Europa*. Barcelona: Herder, 1986.
- GOMES, Ângela Castro. *Escrita de Si Escrita da História*. RJ. Editora FGV, 2004.
- GOMES, Flávio dos Santos. PRIORE, Mary Del. *Os senhores dos rios*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

- HEIDEGGER, Martin. *Tempo e Ser*. In: Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- JAMESON, Fredric. *O Inconsciente Político – A narrativa como ato socialmente político*. São Paulo: Ática, 1992.
- KOFES, Suely. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.
- LEACH, Edmund Ronald. *Repensando a antropologia*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*, vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002.
- MOCELLIN, Renato. *História do povo brasileiro*. São Paulo: Editora do Brasil, 1985.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- MONTEIRO, Benedicto. *Verdevagomundo*. 3ªed. Belém: Cultural CEJUP, 1991. (a)
- _____. *A terceira margem*. 3ª ed. Belém: CEJUP, 1991.(b)
- _____. *Transtempo*. Belém: CEJUP, 1993.
- _____. *Aquele um*. 3ª ed. Belém: CEJUP, 1995.
- _____. *O minossauro*. Ed. Especial. Belém: CEJUP/SECULT, 1997.
- _____. *História do Pará*. Belém: Delta/O Liberal, 2001.
- MORAES, Raymundo. *Anfiteatro amazônico*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1936.
- NIDELCOFF, Maria Teresa. *Uma escola para o povo*. 34ª.Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- PASSIANI, Enio. *Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol 2. N.3, 1989, p.3-15.
- PONTES, Heloísa. *Destinos Mistos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

- REIS, Carlos, LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa – TOMO III*. Tradução Roberto Leal Ferreira. Revisão Técnica Maria da Penha Vilela. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- _____. *Artistas e intelectuais no Brasil pós-1960*. Tempo Soc., Jun 2005, vol.17, no.1, p.81-110.
- ROCHA, João Cezar de Castro. *Teoria da ficção*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- SAMARA, Eni de Mesquita. *As mulheres, o poder e a família - São Paulo, Século XIX*. São Paulo: Marco Zero e SECESP, 1989.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000
- SCHWARCZ, L. K. M. *As Barbas do Imperador D. Pedro II, Um Monarca Nos Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- SILVA, Daniel e MESQUITA, Roberto. *Glossário do falar popular Alenquerense*. Belém: IPTA, 2006.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Sistema de casamento no Brasil colonial*. São Paulo: T. A. Queiroz e Ed. Da Universidade de São Paulo, 1984.
- SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. (a)
- _____. *Brasil: de Castelo a Tancredo (1964-1985)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.(b)
- SOBRAL, Raymundo Mário. *Dicionário Papachibé, VOL. II, III*. Belém: SECULT, 1998, 2005.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VELHO, Gilberto (Org.). *Sociologia da Arte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1966.

_____. *Projeto e Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.

VERÍSSIMO, José. *A Educação Nacional*. 3. ed. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1985.

_____. *Cenas da vida amazônica*. Ensaio, 1886.

WAGLEY, Charles. *Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos*. Tradução de Clotilde da Silva Costa. 2. Ed. São Paulo: Ed. Nacional, Brasília, INL, 1977.

WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*. Brasília-DF: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004.

WEBER, *COLEÇÃO GRANDES CIENTISTAS SOCIAIS*, vol.13. São Paulo: Ática, 2005.

WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da Floresta: uma história Alto Juruá, Acre (1890-1945)*. São Paulo: Hucitec, 1999.

WOLF, Eric R. Parentesco, *Amizade e Relações Patrono-Cliente em Sociedades Complexas*. In: TEXTOS DE AULA, Antropologia 7. Brasília: Universidade de Brasília.

PONTE, Romero Ximenes. *Amazônia: a hipérbole e o pretexto*. 2000. 206 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2000.

MEIOS ELETRÔNICOS

Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/para/alenuer.pdf>. Acesso em: 24/09/2006

Disponível em: <http://www.verdevagomundo.com.br>. Acesso em: 10/09/2006

Disponível em: <http://www.alenuer.com.br>. Acesso em: 10/09/2006

Disponível em: <http://www.ximangando.rg3.net/>. Acesso em: 03/09/2006

Disponível em: <<http://www.verdevagomundo.com.br>>. Acesso em: 26/08/2006

Disponível em: <<http://www.alenquer.com.br>>. Acesso em: 26/08/2006

Disponível em: <<http://www.orm.com.br>>. Acesso em: 02/07/2006

Disponível em: <<http://www.orm.com.br>>. Acesso em: 10/02/2006

Disponível em: <<http://www.orm.com.br>>. Acesso em: 05/02/2006

Disponível em: <<http://www.orm.com.br>>. Acesso em: 04/09/2005

Disponível em: <<http://www.verdevagomundo.com.br/obrasverde.htm>>. Acesso em: 06/04/2007

Disponível em: <<http://www.mapasbrasil.com.br/>>. Acesso em 20.04.2007.

Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/ext/especial/villasboas/060273.htm>>. Acesso em 25/02/2008

Disponível em: <<http://www.carlos.marighella.nom.br/vida.htm>>. Acesso em 02/03/2008

Disponível em: <http://www.culturapara.art.br/Literatura/ruybarata/index.htm>. Acesso em 02/03/2008.

Disponível em: <<http://portalcultura.com.br/clube/literatura/autores.php?ide=6>>. Acesso em 02/03/2008

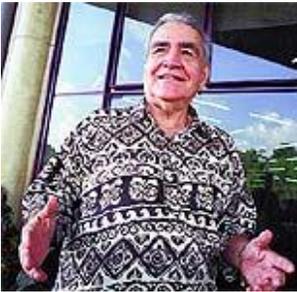
Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/araguaia/fonteles.asp>>. Acesso em 17/03/2008

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Guerra_Mundial>. Acesso em 26/05/2008

ANEXOS

Benedicto Monteiro fala sobre o governo Lula em uma entrevista para o jornal O Liberal do dia 04 setembro de 2005 :

“PT é um partido acabado”



Intelectual, ex-deputado federal e militante histórico da esquerda no Pará acha que a crise afetou não apenas o partido, mas o ideário de um expressivo segmento político

A crise política que hoje sacode o Brasil afetou não somente o governo Lula. O PT se acabou, como partido e como alternativa de poder, inclusive para a sucessão presidencial nas eleições do ano que vem. E não só ele: todo o ideário de esquerda foi profundamente abalado pela crise, já que os partidos de esquerda se aliaram ao governo e, na condição de aliados, foram avalistas de um projeto de nítida inspiração colonialista. Um projeto que nada tem a ver com as bandeiras históricas da esquerda no Brasil, mas imposto de fora para dentro. A opinião, exposta em entrevista concedida ao repórter Frank Siqueira, é de Benedicto Monteiro, escritor, intelectual consagrado, ex-deputado federal e militante histórico da esquerda no Pará, tendo sido inclusive cassado, quando exercia o mandato de deputado estadual, preso e perseguido pelos militares que assumiram o poder em 1964. Lúcido e jovial, aos 81 anos, Bené Monteiro, como é mais conhecido, faz um diagnóstico ferino das causas que deram origem à crise política e à conseqüente derrocada do governo. O PT, segundo ele, foi dominado pelo stalinismo, imposto internamente pelo ex-ministro José Dirceu. Além disso, sem um projeto de governo, conforme frisou, o governo

Lula acabou por absorver um projeto inspirado pelos interesses norte-americanos e pelo receituário do FMI. A seguir, os trechos principais da entrevista.

Na sua opinião, quais fatores podem ser considerados determinantes para a eclosão da crise política que hoje sacode o Brasil?

Existem várias maneiras de encarar essa questão. Agora, no resultado daquilo que nós estamos vendo, eu acho que o PT foi dominado pelo stalinismo. Quer dizer, o PT tinha na sua cúpula um pessoal com histórica militância na esquerda, mas que era stalinista. Ou seja, eram pessoas que adotavam o poder da ditadura do proletariado. O Dirceu (José Dirceu, deputado e ex-ministro chefe da Casa Civil), por exemplo. O Dirceu é stalinista. O pessoal do PCdoB também é stalinista. Então eu acho que essas pessoas foram dominadas por pela questão ideológica. E como eles não tinham nenhum projeto de governo, deu no que deu.

O senhor considera que o PT não tinha um projeto de governo, depois de 25 anos perseguindo o poder?

Não tinha, e eu digo isso com absoluta consciência e também por experiência. Lembro-me de um fórum que eles realizaram na Universidade de Brasília. Eu fui participar desse fórum a convite do Cristovam Buarque (na época governador do Distrito Federal), que é meu amigo pessoal. Havia cinco projetos de administração nacional. Tinha do próprio Cristovam, que era um projeto importantíssimo, tinha um do (Hélio) Jaguaribe, havia outro de uma central sindical e mais dois

projetos de dentro do próprio PT. Nós levamos uma semana inteira para discutir esses assuntos, e não se tocou em nenhum projeto. E assisti àquele grupo de intelectuais, que formava naquele momento a cúpula da esquerda. Eles falaram muito, mas sem nenhuma objetividade ou sentido prático. Eu cheguei até a reclamar quanto à questão da reforma agrária.

Eu falei nessa questão porque, em vez de dizerem “vamos falar sobre a reforma agrária, que é uma reforma importantíssima”, eles deram um nome tão complicado que eu nem me lembro mais. E foram três professores, três mestres, para falar sobre o assunto. Falaram durante uma hora e meia, mas eu não os ouvi falar em reforma agrária. Aí eu me levantei e pedi a palavra. Fui lá, identifiquei-me como ex-deputado federal e disse: eu vim aqui exclusivamente para saber de alguns projetos importantes, como esse da reforma agrária, e os três mestres aqui, pessoas muito abalizadas, muito competentes, falaram, falaram e não tocaram em reforma agrária. Isso, para mim, é um absurdo. Eu não posso nem ficar aqui, por isso vou me retirar. Aí fui vaiado e ao mesmo tempo aplaudido. Por que estou contando isso? Estou citando um fato para mostrar que o PT tinha discurso, tinha retórica, mas não tinha projetos.

E quanto ao presidente Lula? Ele não estava preparado para exercer o poder, depois de disputar quatro sucessões presidenciais?

Aí é que está. Essa experiência que eu lhe relatei veio completar a que eu já tinha, de vivências anteriores. Porque o Lula foi meu companheiro de Constituinte. Nós nos sentávamos bem perto, e conversávamos com muita frequência. Eu tinha do Lula uma boa idéia.

Achava que ele tinha talvez uma grande experiência política. Ao mesmo tempo, achava que não tinha nenhuma possibilidade intelectual de ser o presidente da República. Isso eu reconhecia, mas acreditava que, com a cobertura de intelectuais que o PT tinha, de grandes professores, ele podia fazer um bom governo. Esperava, sinceramente, que o PT no governo fizesse ao menos aquelas transformações que eles falavam, ou que apoiavam. E na realidade não aconteceu nada. E por que não aconteceu? Eu acho que o fato de o Lula ter ido aos Estados Unidos antes da posse foi determinante para sua administração. Porque ele, quando voltou de lá, nomeou o Palocci, nomeou o presidente do Banco Central e nomeou mais uns três altos funcionários ligados à economia dos Estados Unidos, ao FMI. Quer dizer, coisa que ninguém imaginava que pudesse acontecer. A partir daí, eu não acreditei mais. Nós vimos sofrendo anos e anos os efeitos perversos do colonialismo - ora do português, ora do inglês, ora do americano, e não temos um projeto nacional de governo. Então minha opinião é essa. Infelizmente o Lula se adaptou a esse projeto, que não era um projeto nacional de governo. Como o PT não tinha nenhum projeto, ficou aquele inspirado a partir de fora. Tanto que agora estão falando num acordo. O acordo é deixar o Lula, para manter a mesma política econômica. E o resto que se dane.

Depois de tudo, o senhor acha que o PT tem chance de se manter no poder em 2006?

Não, eu acho que o partido está acabado. Ainda outro dia o Cristovam Buarque, que é um grande homem, em quem eu sempre acreditei no PT, deu uma entrevista e disse o seguinte: que ele podia até ficar no PT, mas ia ter que esperar pelo menos uns vinte anos para que o PT fizesse alguma coisa (risos).

Então o PT não tem chance de reeleição na sucessão presidencial?

Não, não tem. Eles não têm nem partido! A gente está vendo que eles não têm nem partido. Tem lá o Berzoini e outros. O Tarso Genro é uma liderança importante, mas não quis ficar na disputa da presidência do PT. Então eles não têm ainda nem partido. Nem se sabe que partido vai ficar até a conclusão das comissões parlamentares de inquérito.

No seu entender, apenas o PT sai chamuscado dessa crise ou é a esquerda como um todo no Brasil que acaba sendo afetada?

Eu acho que esse pessoal que nos governa há tantos e tantos anos não pode ser dissociado do imperialismo. Foi como eles fizeram com o Lech Walesa, na Polônia. Pegaram o Lech Walesa, um líder operário, levaram-no à presidência da Polônia e através dele acabaram com o partido na Polônia. Aí deram instrumentos ao Papa (João Paulo II, já falecido) para fazer uma campanha contra o comunismo, no mundo inteiro, e acabaram derrotando o comunismo no mundo inteiro. Então eu acho que o Brasil, sendo o país mais importante da América Latina, e sendo o Lula um líder carismático, com grande popularidade, ele deve ter sido influenciado para tomar essa posição. E isso aí vai afetar diretamente a esquerda. Porque o único partido de esquerda que não apoiou o Lula foi o PPS. Os outros todos apoiaram o Lula. Então, esse pessoal todo deve estar com grandes problemas ideológicos dentro do seu meio.

O ideário de esquerda no Brasil ficou abalado?

Ficou completamente abalado, porque é como eu te disse. Todos os partidos de esquerda apoiaram o governo Lula. Exceto o PDT, por causa talvez da influência do Brizolla, e o PPS que saiu logo. Então,

todos os demais componentes de esquerda ficaram contaminados por essa posição.

Na sua avaliação, como vão terminar essas CPIs?

O que está se delineando aí é um grande acordo. Deixa o Lula lá, porque o outro (o vice) que vai assumir é impossível (risos) Então, deixa o Lula lá, e vamos pegar esse pessoal que está mais comprometido. Eu acho que é isso que vai acontecer.

A crise política vai ter desdobramentos também nos Estados? No Pará, como vai ser a sucessão, no seu entender?

Aqui vai ter desdobramentos, com certeza, porque o grande candidato das forças de oposição no plano estadual seria do PT. Em outras palavras, como a gente vê aqui a situação dos partidos políticos, o grande candidato de oposição que poderia vencer era do PT. E agora não tem mais candidato. Quer dizer, nesse particular, o (governador Simão) Jatene, se for candidato, ou o candidato dele, ou o candidato do grupo, qualquer um que seja, já está na vantagem, em minha opinião.

O senhor vê alguma liderança com capacidade para resgatar o ideário das esquerdas e levá-las a reocupar o terreno perdido?

Eu acho, por exemplo, que o senador Roberto Freire, que já foi candidato a presidente, é uma liderança a ser considerada. Se as esquerdas se unirem em torno dele, ele pode ser um candidato razoável. É sem dúvida um homem que mantém uma postura digna e coerente.

E no Pará, tem alguém com esse perfil?

Não, eu não vejo.

O senhor encerrou mesmo sua carreira política?

Eu deixei a carreira política por causa disso. Eu era deputado federal e estava assistindo a tudo isso. O que vocês estão vendo agora, eu estava assistindo lá dentro, e evidentemente não estava muito satisfeito. Foi quando infelizmente minha mulher adoeceu gravemente e eu fiz uma reflexão. O que é mais importante para mim, é dar todo apoio a minha mulher ou me preparar politicamente? Aí resolvi dar todo apoio a minha mulher e larguei completamente a política.

Foi uma decisão sem volta?

Não sei. Tenho recebido alguns convites, inclusive para a disputa do Senado. Mas eu mesmo ainda não sei. Minha decisão depende de como vai se delinear a questão política no Estado do Pará. Com toda minha experiência, com o que eu tenho escrito, tenho muita coisa para falar, e esta seria uma oportunidade de falar. Mas vai depender da questão das forças políticas que vão se reunir, agora, aqui no Estado. No momento, eu estou preocupadíssimo é em ensinar a História do Pará para os paraenses que não sabem e falar sobre ecologia, que é um assunto que muito nos interessa.

Jornal O Liberal, dia 05 de fevereiro de 2006, artigo semanal de Benedicto Monteiro

O povo novo, novíssimo

Benedicto Monteiro

Minha última viagem a Alenquer, minha cidade natal, me abriu os olhos para uma modificação que poucas pessoas estão notando. Antes dessa viagem, quando me convidavam para voltar a nossa terra, eu sempre dizia que eu não voltava lá, porque ela era a cidade que mais tinha regredido no Baixo Amazonas. E ficava pensando que a atuação medíocre dos últimos prefeitos era a responsável por esse retrocesso. Achava que não tinha nenhuma possibilidade para o seu desenvolvimento. Voltei. E, puro engano. Encontrei uma cidade com um povo novo. Novíssimo. Pois só quem vai a uma cidade apenas para ver o estado das ruas e dos prédios públicos não encontraria qualquer diferença. Fui para inaugurar a biblioteca pública que eu e alguns conterrâneos instalamos na sede do Internacional. E também para inaugurar o próprio Esporte Clube Internacional, que as elites passadas tinham deixado quase acabar.

Quis tomar banho nas paias do Lago Curumú, nos igarapés, andar a cavalo e visitar os locais onde fui preso como subversivo, em 1964, nas margens do rio Curuá. E tive o prazer de visitar muitos amigos nos novos bairros. Foi aí que eu encontrei o novo povo. Depois, entre as professora e os estudantes nas escolas, o entusiasmo foi muito maior. E nas centenas de casas, que tinham ligação com antenas parabólicas, se comunicando diretamente com o mundo.

Alenquer é um município que tem uma grande diferença entre o seu povo e aquele que aparece no recenseamento do IBGE. Acho que até a estatística não está tomando conhecimento desse novo povo que está aparecendo em muitas cidades. Não estou falando apenas das cidades brasileiras, pois essa nova manifestação existe em todo o mundo.

E, de onde provém essa modificação? Da nova era tecnológica de informática, que não tem obstáculos para circular. É uma informação que atingiu todos os redutos, até mesmo os mais íntimos, como o da organização das famílias. E, o mais importante, é que a internet não precisa de autorização para funcionar. Transforma o computador em instrumento que torna as pessoas, as famílias e as organizações em entidades independentes da burocracia.

O chip hoje torna qualquer cidadão um cidadão do mundo. E fornece elementos e instrumentos para as organizações populares, como as Ongs, as comunidades, aos estudantes e aos habitantes de ruas e de conjuntos habitacionais para transpor todas os entraves burocráticos montados contra as próprias organizações.

Não é possível explicar o que está ocorrendo nas eleições do Brasil, da Venezuela, da Bolívia, do Chile, da Argentina e até nas manifestações populares de Paris. E, com grande surpresa para o mundo, na famosa eleição do Iraque. Como se podia imaginar que, depois do massacre, da guerra, da destruição, da ocupação ds forças armadas americanas que estão tentando organizar a democracia no Iraque fosse vencer por larga maioria exatamente o Hamas, que é a turma líder do terrorismo?

Infelizmente, não existe ainda uma teoria política que ampare essas manifestações. O populismo já demonstrou que não é regime que possa ser sustentável. E as idéias libertárias de Chávez e Evo Morales não podem, sozinhas, se contrapor aos planos de Bush para dominar a América toda. Mas, para aqueles que ainda sonham com a paz no mundo, e que têm amor à liberdade e à fraternidade é um fato, muito importante, importantíssimo, que tenha se formado esse novo povo nas pequenas e nas grandes cidades.

Comentando a fala de Benedicto Monteiro, seu primo escreve na Coluna, Voz do Leitor, do jornal "O Liberal", dia 10 de fevereiro de 2006.

A Alenquer ideal

Não poderia deixar de comentar o artigo escrito pelo Dr. Benedicto Monteiro no domingo passado, dia 05/02/2006, para este conceituado jornal, intitulado "O povo novo, novíssimo". Gostaria muito que minha querida terra estivesse do jeito que foi narrado pelo ilustre escritor, mas isso não condiz com a verdade, infelizmente. Para tanto, acho que se fazem necessários alguns esclarecimentos sobre o que ocorre e como realmente está a cidade de Alenquer. Agradeço ao prestimoso jornal pela divulgação deste "esclarecimento" na coluna "Voz do Leitor".

Tenho acompanhado quase todos os escritos do renomado escritor paraense Benedicto Monteiro, advogado e ex-deputado federal, pessoa ilustre e merecedora de todo respeito, principalmente por difundir a cultura do povo paraense para o mundo, com uma linguagem característica da região. Porém, devo discordar, com muita dor no coração, do que escreveu para este jornal no dia 05/02/2006, descrevendo uma Alenquer moderna e progressista. Infelizmente, um retrato infiel da realidade. Como o nobre escritor, também sou alenquerense, nascido e criado nas ruas da cidade ximanga. Porém, não posso permitir que reproduza uma imagem falsa. O município de Alenquer sofre o sucateamento de todos os seus órgãos, além, é claro, dos desmandos políticos de prefeitos e vereadores que nunca se interessam pelo progresso da cidade. É lógico que, com muita propriedade, existem as exceções. A verdade é que o município está entregue às "baratas", sem urbanização, sem projetos de resgate da cultura (ressaltem-se os grandes festivais de música que as novas

gerações não conhecem e o folclore dos matutos, que já foi esquecido), sem perspectiva para as crianças e jovens, o que reflete na grande evasão escolar. É também inverdade a modernização tecnológica dita na matéria. Salvo os poucos que têm acesso à rede mundial de computadores, a maioria da população nem sabe o que é Internet. Sem contar as condições precárias em que vivem os trabalhadores nos campos da várzea, onde ainda hoje, na era da modernização tecnológica, são iluminados pelas lamparinas movidas a querosene. A verdade é que realmente Alenquer é a cidade que mais regrediu no Baixo Amazonas. O seu comércio quase não existe mais. Diuturnamente, o que se encontra são embarcações superlotadas para a cidade de Santarém, onde "o povo novo" escolheu para fazer as compras mensais. Esse é o mais triste e fiel retrato da nossa querida Alenquer. Como dito antes, eu, mais do que todos, desejo que a Alenquer "sonhada" pelo meu primo Benedicto Monteiro aconteça, mas enquanto isso não ocorre não podemos fechar os olhos para a realidade "nua e crua".

Márcio Arrais

**Travessa Guerra Passos nº 83 - Guamá
Belém**

Coluna Tuttiqui do jornal Liberal

Edição: Ano LX - nº 31.436

Belém, Domingo, 02/07/2006



Vivinho

Inteiramente recuperado do problema de saúde que o levou a uma difícil cirurgia em São Paulo, onde chegou numa UTI do ar, o acadêmico **Benedicto Monteiro**, tão logo teve condições, do hospital mesmo, mandou um recado para seus amigos imortais: "Avisem que

não morri". O aviso foi destinado a quem já se preparava para começar a campanha para substituí-lo na Academia Paraense de Letras. Aliás, de repente, uma das coisas mais disputadas em Belém é vaga na Academia, por quem a merece e, mais ainda, por quem não tem qualidades para chegar lá.

Conversa entre Benedicto Monteiro e Daniel Fernandes (Belém a 02.12.2006, feita sem gravação de áudio devido seu estado de saúde)

“Utilizo fatos...”

- Fale do início em Alenquer?

Benedicto – eu era um tipo de líder entre os jovens de Alenquer

- Como?

Benedicto – a maneira de eu me vestir, ser...

- E o Colégio Nazaré? Influenciou em que?

Benedicto – também fui líder estudantil...fui líder desde Alenquer, na juventude...Tudo era em francês, a literatura...

- As aulas eram em francês?

Benedicto – não, as idéias que eram...

- E sua relação com uma família em que a mulher era a última palavra?

Benedicto – era conflituosa...

- Só nas idéias?

Benedicto – não, na prática também...

- Seu pai, você achava um homem de vanguarda por permitir uma família com bases matriarcais?

Benedicto – sim,...[pensa]

- E sua vereança em Alenquer?

Benedicto – foi só um começo...

- Qual era o seu partido?

Benedicto – P..., ...[pensa], não sei

- E como Deputado Estadual?

Benedicto – não sei,...[descaso], mas começo a política ai

- Você era de esquerda?

Benedicto – sempre pensei como esquerda

- E a fidelidade partidária?

Benedicto – n..., [pensa]

- Seria a fidelidade com o que?

Benedicto – como o povo, ... [expressão de orgulho]

- Sua obra é ficção?

Benedicto – utilizo fatos...

- É uma obra engajada?

Benedicto – engajada em que? no contexto...?

- Suas personagens existem ou existiram?

Benedicto – não, são todos ficção

- Não seriam conjuntos de você?

Benedicto - [ri]

- E o major de verde vagomundo?

Benedicto - [ri]

- Seu tio era coronel do Exército a época de “Bandeira branca”?

Benedicto - [assentiu]

- E o Miguel dos Santos Prazeres, poderia ser você?

Benedicto - [ri]

- O prefácio de “bandeira branca” escrito por um comunista, Dalcídio Jurandir, como foi recebido por seu tio coronel?

Benedicto - [expressão de aborrecimento]

- E Dalcídio?

Benedicto – tem seus limites, falou do regional. Mas eu vivi o regional

- E o modelo de clipping que você usa em Minossauro?

Benedicto – era para passar o maior número de informação em uma época que faltava informação

- E sua relação com o Estado?

Benedicto – me acho não reconhecido. Em uma publicação sobre cultura no Norte do país não existe nenhuma citação minha... temos muitos escritores bons, como aquele...que escreveu...ando me esquecendo dos fatos mais recentes, os antigos não

- E o tempo, como funciona para você?

Benedicto – criei o transtempo, o tempo do contexto...

Conversa entre Benedicto Monteiro e Daniel Fernandes (Belém a 13.01.2007, gravação de áudio com dificuldade, devido afonia do entrevistado)

“eu sempre fui um homem político...”

- Vamos começar a falar da infância

Benedicto – deixa eu te advertir de uma coisa..[cansaço]

- Hum

Benedicto – com essa minha ida [barulho de cadeira] eu fui para São Paulo e passei não sei quanto tempo... imagina como.... pode imaginar? isso estragou a memória...

- Certo

Benedicto - eu vejo as coisas sei o nome mas não me lembro... pra falar.

- No tempo, no tempo não situa...

Benedicto – sim

- Sabe o fato

Benedicto – o fato

- O tempo

Benedicto – o tempo

- Então vou te ajudar, vamos lá

- Eh eu queria saber assim, a tua relação enquanto filho de um segmento privilegiado em Alenquer... Eh a tua visão...eh se durante a tua adolescência... ou infância tu tinhas assim...já consciência do que te circundava enquanto diferença de classes..por exemplo, teu posicionamento junto a teus amigos...adolescente

Benedicto – eu conscientemente não posso dizer que tinha

- Certo

Benedicto -..., mas o meu comportamento já era avançado...entendestes? eu sabia que aquele grupo era de operários, estaqueiros... mas não tinha visão de classe

- Não tinha visão de classes mas tu já tinhas por exemplo assim...uma visão de solidariedade...uma visão com relação ao outro

Benedicto – isso...

- E ai eu te pergunto um negócio... no teu primeiro livro, por exemplo quando tu constróis a imagem do Miguel por exemplo do Miguel dos Santos Prazeres, tu coloca alguma coisa dessa solidariedade, dentro desse Miguel?

Benedicto - não

- Não, ele é apenas uma personagem

Benedicto – uma personagem

- que vai, como é..., transitar nesse espaço que tu

Benedicto – (murmúrio)

- Ta, a tua vinda de Alenquer para Belém, né? Ai vc vai para o Colégio Marista, certo? O que que o Colégio Marista ajuda na base do teu pensamento

Benedicto – olha eu acho que isso...isso mexe comigo...(tosse) ensinar a raciocinar e a falar como era a próprio dentro de uma sociedade

- Já no Colégio Marista

Benedicto – No Colégio Marista...[ininteligível] porque eu me tornei um chefe

- Tu eras um líder, tipo estudantil

Benedicto – estudantil

- Mas ai, deixa eu te perguntar uma coisa... a base do Marista, como a base de toda educação naquela época, era uma base francesa

Benedicto – é

- Né? Então tu tens contato com a literatura francesa, tanto no nível ficcional quanto da literatura política, ai tu tens a questão da igualdade, da fraternidade

Benedicto – fraternidade

- Né? Francesa , isso aplicado lá em sala de aula, tua achas que construiu tu base, ajudou

Benedicto – não

- Não!

Benedicto – não, porque...te disse há uma diferença no meu pensamento de consciência...[ininteligível] forte barulho...

- Então essa eu posso entender o seguinte essa visão, mas é... conficional ela não batia muito com a tua idéia ,...então ah, ah essa visão do católico não batia com a tua. Ai qual seria a tua, tua, como é que se diz é...o que te influenciou a ficar diferente deles?

Benedicto – o colégio... [ininteligível]... sociedade, quer dizer...

- Quer dizer, na verdade, toda esse teu arcabouço político é uma construção social que tu vens a partir da experiência que tu tens com diversos segmentos da sociedade, com que tu entras. Tá! E aquele, aquele irmão que tu falas na tua autobiografia? O Transtempo, que é irmão que alerta algumas coisas para ti, que que te influencia

Benedicto - o irmão marista?

- O irmão marista!

Benedicto – era um irmão marista, mas era mais próximo de mim

- Mas mesmo assim não batia com as tuas idéias

Benedicto – não, não batia. Ele era mais próximo de mim, ele estava mais perto das idéias

- Quer dizer tu tinhas o ideal da revolução francesa

Benedicto – tinha

- Eles, por exemplo, eles tinham isso bem forte, mas como ele tinha mais próximo é por isso que você se chegava mais a ele

Benedicto – é

- Agora me conta aquela história por exemplo da, e que eu achei fantástico no livro quando tu colocas essa que eu fiquei assim a tua família pra mim é interessante, a estrutura como tu falas aquelas coisas, apesar da família no Norte ser patriarcal, por exemplo a tua mãe tinha uma força muito forte dentro dessa estrutura familiar, me conta um pouquinho disso

Benedicto – a minha mãe não era...paternalista, ao contrário, quem mandava em casa e nas coisas, era minha mãe. Embora o papai executasse, mas a sempre o cérebro era a mãe

- E é isso, por exemplo, até que ponto isso, você por exemplo, tu conseguia digerir isso ai, ou havia algum pequeno conflito entre você e a tua mãe, justamente por causa dessa visão já que a gente está acostumado a ter uma família patriarcal, tinha algum embate assim?

Benedicto – tinha, tinha, eu , eu como pensava doutra maneira, eu sempre pensei diferente da minha mãe, mas próximo de meu pai e completamente diferente da minha mãe

- Ai havia o embate

Benedicto – isso, embate

- Interessante! Bem ai tu paras, eu, eu vou fazer o mesmo jogo que tu fazes no Transtempo. Eu vou e volto no tempo.

Benedicto – expressão de riso

- Ai eu quero saber o seguinte, depois que tu fostes, ai tu fostes , viestes pra cá, fizestes a formação clássica, né? Ai imediatamente tu vai ao Rio depois que tu terminas a formação clássica para fazer curso de Direito?

Benedicto – imediatamente

- Tá! Ai me conta um pouco dessa façanha no Rio de Janeiro?

Benedicto – tu queres da minha transposição ou da minha chegada?

- Da transposição e a chegada, pois tu vais tomar contato

Benedicto - é

- Com outro tipo de visão de mundo

Benedicto – eu sai do colégio e fui para a família que era

- Hum...

Benedicto – e do município também era, não dá para diferenciar nada, compreendes?

- Hum...

Benedicto – politicamente, a minha ida, a minha volta... [ininteligível] rebeldia...

- Então o teu embate ~e com esse matra..., matriarcalismo né?, ai quando você tem esse embate, ai ele acaba forçando a tua ida para o Rio de Janeiro. Sim! Ai no Rio tu vais... tu já entras logo na Universidade ou você fica lá

Benedicto – Não, não

- Algum tempo

Benedicto – eu tive no fim do curso clássico

- Certo

Benedicto – último ano, eu tinha que estudar no colégio, depois é que eu fui para a Universidade

- Ai tu fizestes o que no, Largo de São Francisco, no Rio de Janeiro

Benedicto – foi

- Largo de São Francisco

- Nesse período que tu eras universitário também, também, é, essa questão da tua liderança estudantil ela também se faz presente, neste momento.

Benedicto – não, não tanto

- Não tanto, hum...

Benedicto – quanto no colégio... mas ela passou a fazer a clareza e a grande diferença, as reuniões estudantis...a união nacional dos estudantes...

- Tu participavas?

Benedicto – participava, liderava

- Hum, hum

Benedicto - tudo que se fazia...[ininteligível]...transmitia... [ininteligível]...idéias...

- Quer dizer a tua ligação é muito teu pensamento é muito forte com o pensamento da Revolução Francesa

Benedicto - sim

- É por isso que as vezes a gente tem... eu vou fazer uma... eu não posso te denominar partidário por exemplo socialista, comunista, não, a tua, tua fidelidade é com a tríade francesa da Revolução Francesa

Benedicto – sim

- Tá, e esse teu transito na Literatura?começa com Asa Branca

Benedicto – sim

- Lá mesmo?

Benedicto – Lá, lá no Rio

- Tu eras ainda universitário no Asa Branca?

Benedicto – universitário!

- E o que que te leva a escrever ou tu já escrevias...

Benedicto – não...intuição, foi intuição

- Lá mesmo no Rio de Janeiro?

Benedicto – lá mesmo

- E o prefácio com Dalcídio?

Benedicto - [riso]

- [riso]conta essa história...

Benedicto - ... [ininteligível]

- Ele faz o prefácio do Asa Branca

Benedicto – sim

- E o teu tio coronel?

Benedicto – Ah! Quando ele viu esse livro...desapareceu

- Não queria conversa contigo...

Benedicto - [sinal de consentimento]eu tive que sair

- Tu tiveste que sair?

Benedicto - sair

- Da casa dele?

Benedicto - tive que sair...da casa dele

- É mesmo?

- Sim e a partir daí tu contas...hum

Benedicto – era... oficial do Exército, integralista...

- Oficial e integralista, ai pronto..

Benedicto – [sinal de consentimento]

- Não deu certo!

Benedicto - [sinal de consentimento]

- Me diz uma coisa essa tua passagem pela... eu achei interessante,por exemplo você passa pela música, né? que você vai até...os programas lá da rádio nacional,não é isso? na Urca, e tal, me conta um pouco disso ai

Benedicto – eu sempre tive certa... inclinação

- Artística!

Benedicto – ... artística, já em Alenquer...

- Hum!

Benedicto – quando eu não era nada, eu já participava de teatro

- Na adolescência isso?

Benedicto – Na adolescência...

Benedicto – Entendeu?...

Benedicto – foi quando eu vim pra o colégio, foi uma continuação... naquele tempo já faz anos, eu tenho várias fotografias.

- É eu já vi tá, tem no...teu site tem várias fotografias, né?

- Me diz uma coisa, sim, ai eh...tu tás no Rio , tu faz o teu período universitário no Rio, escreves a o...

Benedicto – Escrevo...

- ...Asa Branca, né? ai quando termina esse período tu voltas a Belém

Benedicto - não

- Tu fica lá, depois de, de, de se, formar, ta ...formar bacharel em Direito

Benedicto – não, não me formei

- Não chegou a se formar

Benedicto – não me formei lá

- Aqui em Belém

Benedicto - é

- Ah! Tu fizestes, ai tu continuastes teu curso aqui, tá, depois que tu terminaste esse, essa ai, você volta para Alenquer para vereança ou passa algum tempo militando na advogacia?

Benedicto - não

- Não...

Benedicto - Eu sempre estive ligado por aqui...sempre

- A Belém

Benedicto - Não a Belém...a Alenquer

- Alenquer, mas ai tu voltas para o que? pra, para gerenciar junto com teu pai as terras lá.

Benedicto – é

Benedicto – tanto que eu voltei de lá...por causa de meu pai

- Ah, tá! tipo um chamado, do teu pai

Benedicto – é meu pai era fazendeiro, meu pai era fazendeiro, grande produtor de castanha, tinha todo a.. o arcabouço de uma pessoa ligada a classe.

- E como é que essa tua...por exemplo... isso é interessante, havia, mesmo porque pelo que eu percebo, tu tinhas mais afinidade com teu pai, né?

Benedicto – é

- Mas, mas quando tu começa a despertar para essa questão, eh... mais da igualdade, fraternidade, essa questão mais francesa tu não entra em choque, assim, por exemplo, o teu pai representando determinada classe e você acreditando nessa igualdade das pessoas, não existe isso?

Benedicto – não, não existe...

- Não...tu não, tu não consegue ver...

Benedicto – não existe não, quer dizer, não houve um confronto

- Não houve um confronto e tu também não questionava nada

Benedicto – sim

- E dentro de você

Benedicto - Motivava, especialmente, expressava o discurso, então em relação ao meu pai[pigarro]

Ele sempre foi firme de pensamento, meu pai era maçom e ele tinha essa coisa, opção... mais intensa, entendeu?

- Quer dizer tu, tu...de qualquer eram, são, eram universos diferentes na tua casa era um universo fora era outro

Benedicto - exatamente

- Tá, e ai como é que é a história da política, da vereança?

Benedicto – eu sempre fui um homem político...

- Certo!

Benedicto – por exemplo,eu fui eleito, não fui?candidato a vereador , fui vereador por lá pelo município

- Teu colégio eleitoral era lá

Benedicto – era lá... não houve, não houve choque

- Não houve choque ai tu, a vereança tua, depois da vereança tu imediatamente tu viestes para a questão de ser deputado já,

Benedicto – é,...

- Estadual

Benedicto - não, ...passou um tempo lá e depois eu

- Ai você...

Benedicto - ai

- Concorreu?

Benedicto – que antes não tinha rodízio

- Hum!Não tinha?

Benedicto – não tinha rodízio

- Não tinha rodízio

Benedicto - [forte pigarro]

- Hum!

Benedicto – [forte pigarro] ...(ajuda do enfermeiro com a escarradeira)... [forte pigarro]

- Já podemos?

Benedicto - Podemos

- Tá, então não havia o rodízio, antes não havia o rodízio pra, pra deputado, ai tu terminou a vereança mas, tu continuou fazendo política não partidária, essa política é..visando a questão da igualdad,e das... brigar pelas pessoas

Benedicto – ideário

- Do ideário! Na verdade tu es um idealista até hoje

Benedicto – é

- E... a questão do Verdevagomundo, o primeiro livro

Ela surgiu assim...

Benedicto – é

- E as personagens?

Benedicto – livro não tem personagens, né![risos]

- [risos] é você todas elas?

Benedicto - [pigarro]

- Todas elas se... resumem a você?

Benedicto - Eu acho!

-[risos]

Benedicto - [risos]

- Eu acho fantástico quando a gente começa a ler Transtempo e ele ao mesmo tempo, a gente começa a ver, inclusive assim, é você nos teus vários eus, seria isso?

Benedicto - como?

- O seus vários eus...

Benedicto - é

- Estão, como é assim, assim....é

Benedicto – estremeados

- É, nas personagens

- Agora, é...é...o que, o que te levou por exemplo a criar uma Tetralogia amazônica?

Benedicto Monteiro – isso já é minha influência literária

- Tua influência iterária

Benedicto – No Rio eu comecei a ler, lia muito, principalmente a literatura francesa, lia tudo que me deram e quando fui ler a literatura brasileira não encontrei nada, os únicos romances que se aproximavam do meu pensamento, é um dos livros do José Lins do Rego

- Mas vendo esta questão mais do Nordeste

Benedicto – do Nordeste

- Eu posso, eu, eu, eu, a última vez que nós conversamos, você, você, não, não gosta, da, dessa, desse termo de Literatura engajada, né?

Benedicto – é

- Na verdade é uma, a tua literatura é, uma, seria uma literatura de denúncia, e até de informação para quem não tinha informação do que realmente estava acontecendo

Benedicto - exatamente

- É isso?

Benedicto – sempre isso

- Sempre isso, então eu posso dizer ela, você é uma informação pro povo, mas se utilizando da linguagem literária, é isso?

Benedicto – é!

- Bem, eu acho que por hoje tá bom!

Benedicto – tá bom!

- Eu vou ficar lá no, no, nós vamos ...

Benedicto – o personagem

- por pensamento literário...ham!

Benedicto - eu pensava de um jeito

Conversa entre Benedicto Monteiro e Daniel Fernandes (Belém a 13.01.2007, gravação de áudio com dificuldade, devido afonia do entrevistado)

“...[ininteligível]...existem certos atos e ... que transparecem...[ininteligível]...falam mais alto”

Benedicto - ...acontece...[ininteligível]... muita atividade política

- Ah, tá. Acontece

Benedicto – muita atividade... política

- Até Verdevagomundo

Benedicto – antes de Verdevagomundo

- Tu tá dizendo que já , já saindo da Constituinte ou antes da Constituinte

Benedicto – Na Constituinte

- Então vamos fazer o seguinte o próximo encontro nosso a gente vai falar só sobre essa fase, eu não vou nem tocar em Literatura, porque tem que apresentar esse Benedicto, que é o guerreiro.

Benedicto - ...[ininteligível].....existe...uma ...[ininteligível]...de pensar...[ininteligível]... quando eu fui vereador, promotor... ...[ininteligível].....

- Foi Secretario de Estado, também, né?

Benedicto - ...[ininteligível]...existem certos atos e ... que transparecem...[ininteligível]...falam mais alto

- Ah! tá , entendi [risos], é muito inteligente,[risos]

Benedicto - ...[risos]

- Então na verdade a tua escritura fala dos hiatos

Benedicto – exatamente

- Interessante...

Benedicto – ...[ininteligível]...entendeu?

- Entendi!muito inteligente,[risos]

- Então na verdade a tua escritura fala dos hiatos

Benedicto - ...[ininteligível]...esse pessoal precisa de força para não desistir... ...[ininteligível]...esses partidos...

- PFL

Benedicto - ...[ininteligível]...não é nada disso, agora PDT, ...

- PFL

Benedicto – não existia, as pessoas...[ininteligível]...não tinha PFL

- O Mercadante também, hum!

Benedicto - ...[ininteligível]...o pensamento, esse pensamento meio da esquerda era dominante...[ininteligível]...esse meu pensamento político-literário...[ininteligível]...são todas baseadas na política literária...[ininteligível]...com certo prejuízo...[ininteligível]...

- Por que tu achas que tu te expõe assim?

Benedicto – é, eu me escondi, mas ...[ininteligível]...me achou

- [risos]Ah! tá, tu achas que tu não tens visibilidade? Se tu agires assim...

Benedicto – Tenho agora

- Hum!

Benedicto – em função

- Por que tu achas que tu te expõe assim?

Benedicto – é, me exponho, de certa forma...[ininteligível].mas...

- Ah! tu achas que tu não tens visibilidade e tu não podia dizer isso com os textos

Benedicto - agora...[ininteligível].mas em função

- Então eu acho que estou no caminho certo, [risos] obrigado

Benedicto – de ser escritor

- E tu não querias ser visto como escritor?

Benedicto - não

- Então eu acho que estou no caminho certo, [risos]

Benedicto - [risos]

ROTEIRO BENEDICTO MONTEIRO (Enviado via email devido seus problemas de saúde, fala, e retornado/respondido, via email, no dia 05/02/2008)

1- FAMLÍA

Avós maternos:

Bené declara não ter convivido com seus avós maternos e diz saber muito pouco deles , lembra que sua avó materna chamava-se Noca e seu avô materno chamava-se Rosumiro, diz ainda que tem uma e remota lembrança de um casarão construído por seu avô e que foi visitá-la, mas, que o contato com seu avô teve pra um sentido de distanciamento e foi um contato breve frio. Declara ainda que falava muito pouco com sua mãe sobre o avô Rosumiro, pois sua mãe só falava da avô Noca que já era falecida e que a fala da mãe sobre a avó traduzia uma memória de afeto e de admiração e que, nas conversas que tinha com a mãe, colhia informações muito superficiais sobre a personalidade de seu avô e que o pouco que colhia fazia com que ele logo perdesse o interesse.

Relação com sua mãe:

Benedicto declara que sua mãe teve gde influência em sua vida, pois ela foi determinante na sua formação desde a infância, dando-lhe toda a assistência e contemplando seus desejos de menino e jovem adolescente. Declara que era uma relação apaixonada de ambas as partes, pois ao mesmo tempo em que via na Mãe o sentido de força e coragem face à sua personalidade forte e de condução da família, a mãe tinha por ele uma forte predileção e de forma velada e sutil, protegia-o e dava-lhe espaço e condições para suas aventuras desde menino.

Declara que destacava-se na cidade, por ter tido vê sempre muitos privilégios como a primeira bicicleta, a primeira.. vespa(moto), a primeira voadeira (lança) e isto em vez de afastá-los dos amigos..os aproximava pois ele compartilhava todos os presentes com os amigos de forma intensa.

Diz mais, que tem ainda em sua memória o olhar de paixão da mãe quando ela se deparava com uma de suas transgressões da juventude - era como se ela entendesse a fecundidade de seu sonho e como se ela se encantasse com seus sentimentos, com suas angústias face às injustiças sociais e seus anseios por querer abraçar este mundo e torná-lo melhor..- Sua mãe foi a primeira a identificar sua habilidade política em mobilizar os outros jovens em torno de si e sua capacidade liderança e carisma pessoal.

E que embora, já juventude , ela não compreendesse o ideário e o conhecimento que ele buscava para encontrar fundamentos para seu discurso de convencimento sobre os grupos que ele liderava, ainda assim, ela tinha a compreensão e a dimensão que aquilo que ele buscava era mais que um sonho .. era a sua identidade política.

Relação com outros parentes

Declara que tinha um grande distanciamento de seus familiares, que eram sempre contatos superficiais, declara ainda, que tinha convívio mais próximo apenas com seus primos por parte de mãe que moravam em Alenquer , Ressalta que sequer conheceu seus parentes por parte de pai, com exceção do tio que lhe abrigou por um breve tempo no Rio de Janeiro.

2- ALENQUER E VOCÊ

3- ESCOLA

Lembra-se da professora Leida e das punições e castigos que ela lhe impunha, como ficar de joelhos no chão por horas a fio. Lembra q esses castigos lhes eram aplicados em decorrência de suas ações sempre contrárias às ordens e aos protocolos impostos pela direção da escola e pela professora e mais ainda, que como ele exercia gde liderança sobre os colegas e os conduzia fazendo com que o acompanhassem em suas ações e decisões, isto fez com a Professora usasse esta estratégia.. castigar o líder para que os outros do grupos ficassem sem um comando que, já naquela momento, era considerado : um comando que subvertia a ordem.

Lembra-se de um episódio em que convenceu o sacristão a entregar-lhe uma série de fotografias, com moças da região em estado de nudez e que deduziu que essas fotos haviam sido tiradas pelo Pároco da igreja pois s ele tinha máquina de fotografar na região..e que o Pároco tinha posição dúbia e de falsa moral, resolveu entregar as fotos ao pai que decidiu com suas influências promover o afastamento do Pároco da região.

Diz que tinha grande facilidade de fazer amigos, que estes tornavam-se leais a ele por conta da seu perfil de líder e protetor Declara que sempre enfrentava com coragem e que se colocava à frente das ações, responsabilizando-se por elas e mais que isto, sentia-se no dever de proteger os amigos que julgava mais frágeis e os companheiros de seu grupo, tanto os de atividades dentro da escola como fora dela.

Amigos de escola e sua origem familiar

4- FORA DA ESCOLA

Com outros jovens /vida nesse tempo- fora da escola – nas saídas do internato

Benedicto lembra que sua infância foi cercada de muito afeto de sua mãe e irmãos e gostava de brincar com os meninos da região no descampado na beira do igarapé Surubiú ou rente à restinga onde se embrenhava no matupá procurando por pequenos animais.. que gostava de nadar , de subir em árvores, de navegar o rio em pequenas montarias (barcos) diz que teve um estreito e apaixonado convívio com a natureza desde a infância e desde cedo costumava olhar pras coisas da natureza tentado entender o movimento das coisas vivas e o propósito de tudo : da seca.. da enchente.. da aurora .. do crepúsculo.. e tb prestava muita atenção no comportamento dos empregados da fazenda de seu pai e de como eles lidavam com a terra e isto fazia com que se aproximasse deles , passando a ter convívio pessoal e direto com eles o deixava o pais preocupados, pois era comum encontrá-lo fazendo refeições nas casas dos empregados ou brincando com seus filhos.

Lembra que na juventude seu esporte predileto era passear de voadeira (lancha) no Rio Tapajós e descobrir os furos e braços do Rio e atravessar para Santarém para aproveitar a boemia e a vida noturna da cidade. Mais tarde se aventurou e percorreu quase todos os

Rios da Amazônia, conhecendo os lugares mais afastados e escondidos nos furos e veias de seus Rios para descobrir e conhecer o modo de vida e o falar do povo ribeirinho.

5- LITERATURA

Envolvimento com grupos e revistas literárias em Belém

Envolvimento com grupos e revistas literárias fora de Belém

6- CASAMENTO

Esposa e família da esposa (vida em Belém)

7- POLÍTICA

Partido do Pai – Declara que o pai não tinha partido, que era um homem conservador e que fazia parte da maçonaria local. Que tinha grande afeto por ele , mas que não havia entre eles nenhuma identidade no plano moral e intelectual.

Sua iniciação política

Atuação na Secretaria de Agricultura

Preocupação com a sindicalização rural (Participação no PC?)

EMAIL TROCADOS COM WANDA MONTEIRO(FILHA DE BENEDICTO MONTEIRO)

----- Forwarded message -----

From: Em 07/02/08, **Daniel Fernandes** <dasaferr@ibest.com.br> escreveu:

Wanda

Obrigado pelo empenho. Aguardarei mais dados. Gostei bastante da parte em , como eu, também acredito na relação Bené/Miguel e arrisco-me a ir mais longe, acredito que o Miguel é a preponderância, porém o Bené/personagens é bem forte. Por isto da minha tese em antropologia e não em literatura.

Abraço, Daniel

De: wanda monteiro [monteiro.wanda@gmail.com]
Enviado em: quarta-feira, 6 de fevereiro de 2008 21:34
Para: Daniel dos Santos Fernandes
Assunto: Re: Questionário de pesquisa

evidentemente! vc tem razão e tb penso dessa forma - A força de Miguel vem de Bené o seu criador e nesse caso a criatura só encontra ar e fôlego dentro da obra literária uma vez que os outros personagens que Bené - o criador - traz dentro de si - transitam livre e plenamente em seus respectivos universos e se projetam de forma independente e sem que o público faça qualquer ligação com a criatura.

De: wanda monteiro [mailto:monteiro.wanda@gmail.com]

Enviada em: quarta, 6 de fevereiro de 2008 21:34

Para: Daniel dos Santos Fernandes

Assunto: Re: Questionário de pesquisa

Daniel!

Como eu havia imaginado, algumas informações sobre os avós maternos de Bené não estão corretas, penso que essas falhas de memória o tenham levado a apagar gde parte de suas experiências de infância que, às vezes chegam de forma fragmentada e atemporal. Estive conversando com minha tia Tereza - a irmã mais nova de Bené, e ele me revelou uma série de fatos , alguns até pitorescos que nada tem a confirmar as declarações de nosso Farol.. então, te peço mais algum tempo, pois como estou trabalhando como colaboradora do projeto Transtempo irei colher essas informações e repassarei para ti por e mail. Quanto as outras declarações podes considerá-las pois elas corroboram com todas as histórias pelos filhos conhecidas no decorrer de nosso convívio.

Espero q tenhas gostado do que eu escrevi sobre o personagem Miguel e se quiseres podes usar como resenha em teu trabalho.

um gde abraço!

Wanda

Em 05/02/08, **wanda monteiro** <monteiro.wanda@gmail.com> escreveu:

Sr. Daniel

receba minhas desculpas pelo retorno, já que me comprometi em fazer breve contato por email..

Como o Sr. deve saber, o Benedicto foi homenageado pela Escola de Samba Império de Samba Quem São Eles que desfilou com o enredo " Bem Dito o Benedito O Homem da Amazônia " e ainda , que sua obra vida está sendo objeto de Longa-Documentário aprovado pela Lei Semear- Lei Estadual de incentivos para projetos culturais.

Cheguei em Belém no dia 9 de janeiro para tratar exclusivamente da reedição de suas obras e do lançamento do CD com suas músicas - uma produção musical realizada no Rio no ano passado que foi interrompida face à internação do Bené por mais de oito meses em São Paulo. No entanto, diante dessas novas demandas e tendo que cumprir uma pesada agenda de eventos em que o Bené é homenageado, confesso q tenho tido mto pouco tempo para atender a todas suas necessidades, principalmente aquelas já assumidas antes de minha chegada..

Na realidade, eu comecei a responder as questões do questionário que não fossem de caráter pessoal ou tivessem relação direta com a fala / declaração do Benedicto. Quando tive que me dedicar a essas questões recorri ao Bené tentando dele obter uma declaração, fui surpreendida com sua vontade, em responder pessoalmente o roteiro q enviou... e ainda tentei auxiliá-lo, mas, como já imaginava, ele não conseguiu, face ao seu estado de saúde, concluir. nem a primeira pergunta.

Portanto..o questionário, caso concorde, só poderá ser concluído caso concorde com o fato de que os dados , registros e fatos serão escritos por mim e não poderei imprimir a eles nenhuma impressão de Benedicto, a não ser aquelas das quais eu já tenha certeza de que representem o seu pensamento e opinião.

Espero que o Sr. compreenda as dificuldades q tenho encontrado diante das circunstâncias atuais.

Tão logo eu tenha concluído o seu roteiro, estarei lhe enviando por este meio .

Muitas das informações que o Sr. solicita, podem ser encontradas em sua Biografia transformada no livro de idéias " O Transtempo".. as demais, dependem de declarações pessoais e intransferíveis do próprio Benedicto, que como já lhe disse , encontra-se com a saúde abalada e com a memória um tanto comprometida.. e esta tarefa requer paciência para que possamos colher de Bené tais impressões.

Atenciosamente,

Wanda Monteiro

Em 04/02/08, **Daniel dos Santos Fernandes** <dasafer@ibest.com.br> escreveu:

----- Forwarded message -----

From: Daniel dos Santos Fernandes dasafer@ibest.com.br

Date: 04/02/2008 20:04

Subject:

To: monteiro.wanda@gmail.com

Sra. Wanda

Estou no aguardo do material, questionário, que enviei ao Benedicto como parte de uma pesquisa para minha tese de doutorado e da qual conversamos via celular.

Obrigado, Daniel Fernandes

--

Wanda Bene

--

Wanda Bene

Conversa entre Benedito Nunes e Daniel Fernandes (Belém a 07.03.2008)

Benedito Nunes – é... eu escrevi sobre o Carro dos Milagres, para uma revista literária

- ...tem um trabalho de uma professora da universidade que é de mestrado que ela faz a citação apenas de uma, uma vez aquela revista Norte, se eu não me engano

Benedito Nunes – eu sei, eu sei

- ...da presença de alguma coisa do Benedicto Monteiro nessa revista é... antes disto e depois disto não tem mais nada ai , é justamente essa, essa informação que eu queria saber porque que nos meios literários por exemplo ele não, não se destaca, não aparece será que é porque ele esta na mais ligado a política do que propriamente ao mundo literário, ai eu queria saber isso do senhor

Benedito Nunes – Tem um trabalho dele na revista Norte

- Pois é, um trabalho, esse eu tenho referência agora porque ele não é tão

Benedito Nunes – No capítulo do romance

- É, mas, como era essa participação dele nessa , nesse momento que tá acontecendo essa por exemplo aquela aquele suplemento da Folha do Norte porque que ele não aparece tanto assim essa essa esse é meu questionamento ai o senhor como vivente daquela época

Benedito Nunes – ah, ah, ah...

- Essa informação eu queria do senhor porque ele não aparece é porque ele está mais ligado a política ele tá mais distanciado da literatura é isso que eu queria que o senhor me informasse.

Benedito Nunes – Tenho a impressão que naquela época...desculpe...[inaudível] pensava em conta quais eram os colaboradores do suplemento, primeiro, né, havia um espelho que chamava naquela época formal,

- Hum, hum

Benedito Nunes - ...[inaudível] no Rio de Janeiro tais e tais, ...[inaudível] no Pará tais e tais é preciso ver neste espelho se está o nome do Benedicto Monteiro, primeira coisa

- Hum, hum

Benedito Nunes – ...que tem que ver, eu não me lembro realmente devo ter isto é devo ter isso esse espelho é interessante ver se consta o nome do Bené Monteiro, bom, é, é possível que conste, é possível que conste. É... me lembro que um vez no primeiro congresso de escritores que houve no Rio Grande do Sul nós participamos de uma embaixada como se dizia naquela época né? éramos eu, Ruy Barata , Haroldo Maranhão, ele. Para esse congresso no Rio Grande do Sul, ficávamos hospedado no mesmo lugar

- Certo

Benedito Nunes – Tá ? Este foi o primeiro congresso que nós estivemos, depois houve outro o Ruy já tinha é participado do primeiro congresso foi em Belo Horizonte, esse congresso tinha um caráter muito político na época , semelhantemente ao que houve aqui na fase no final da ditadura né?

- Hum, hum

Benedito Nunes – ...[inaudível] naquela era o final da ditadura de Getúlio Vargas

- Certo

Benedito Nunes - é, então num lugar assim Belo Horizonte no qual participaram o Ruy Barata, quem mais, eu não participei, era muito novinho naquela época, ...[inaudível] é, o Haroldo, o Haroldo acho que participou, porque o Haroldo era o diretor do suplemento,

- Certo

Benedito Nunes – Então, você precisa ver uma edição desse suplemento. ...[inaudível] que deve ter no Centur, ...[inaudível] se não tiver no Centur porque o Centur, desculpe...[conversa paralela] é, o Centur tem uma coleção individualizada Haroldo Maranhão, não sei se já viu isso

- Não ainda não fui lá ver

Benedito Nunes – É, então seria bom procurar ...o número suplemento, não é difícil parece que porque já se fez muitos trabalhos até acadêmicos sobre os suplementos literário do Haroldo, tem dois ou três pelos menos feitos dessa época então muita coisa que é transcrita. A própria a revista Norte também eu acho que pode ser encontrada ainda

- E ele tem um artigo nessa revista

Benedito Nunes – Ele tem nessa revista eu tenho a impressão que o Bené publica o capítulo de um romance não sei se você viu isso

- É nessa só na parte de romance que ele trabalha

Benedito Nunes – É na parte de romance, é, exatamente

- Me diga uma coisa é, mas o senhor é contemporâneo dele de, de, por exemplo de, da educação formal, do ginásio, científico o senhor é contemporâneo do Benedicto Monteiro

Benedito Nunes – É , eu acho que o Benedicto estudava em outro colégio, estudava no Rio, se eu não me engano

- Ele estuda no Nazaré!!!

Benedito Nunes – Ah! É verdade!

- É

Benedito Nunes – No Nazaré e eu lá no Moderno

- O senhor, quer dizer na época em que ele tra, que ele estudava no Nazaré o senhor estudava no Moderno

Benedito Nunes - No Moderno

- No Moderno, ah...

Benedito Nunes – Isso, isso

- Então só pra eu ter uma noção de como funcionava a lógica. Existia um grupo, por exemplo do Moderno que é o grupo que o senhor participava

Benedito Nunes - É mas não tem nada haver com o colégio

- Não, não tinha nada haver

- Não, não

Benedito Nunes – Não, não tem nada haver com o colégio

- Mas, mas, mesmo assim vocês se uniam, por exemplo as pessoas que estudavam no Moderno que tinham interesses semelhantes na área de literatura se formavam, por exemplo esse esse primeiro grupo que de literatura ele tá muito ligado é, a essas pessoas que estudavam com o senhor no Moderno

Benedito Nunes – É, não, não estavam

- Não?

Benedito Nunes - Não estavam. Havia pessoas... [inaudível] O principal membro desse grupo uma espécie assim mentor digamos assim era o Professor Francisco Paulo Mendes, você já ouviu falar dele

-Já, já

Benedito Nunes – Então era o mentor entorno dele se agregavam Ruy Barata, eu, Mario Faustino, Raimundo Souza Moura que foi juiz do trabalho até do Superior Tribunal do Trabalho então, havia várias pessoas que freqüentavam era o chamado grupo do Central, Central café que hoje é uma droga numa sapataria qualquer

- É,

- Benedito Nunes – Não tem mais nada

- Não tem mais nada

Benedito Nunes – Era um bar até bonito, é um bar, era lá que se reunia esse grupo tenho a impressão que Benedicto Monteiro não participava dessa reunião de grupo não me lembro

tê-lo visto, mas quando se organizou essa embaixada para o tal congresso [inaudível] segundo congresso brasileiro de escritores em Porto Alegre, ele participou, ele foi. Ah! Bom, ele estudava no Nazaré tenho a impressão Nazaré

- É ele estudou no Nazaré aí, depois foi ao, para o Rio de Janeiro

Benedito Nunes – Rio de Janeiro lá publicou um livro chamado Bandeira Branca

- Justamente

Benedito Nunes - Que é um livro de poesias

- Poesias, que foi prefaciado pelo Dalcídio Jurandir

Benedito Nunes – Pelo Dalcídio, isso, bom. Naquela época havia uma ligação muito grande dele com o Partido Comunista

- Justamente

Benedito Nunes – O Ruy Barata ainda não era do Partido Comunista,

- Não, não era

Benedito Nunes - Ruy Barata foi do partido Comunista muito depois

- Já foi, já próximo ao governo militar

Benedito Nunes – Já próximo do governo militar, foi azar deles né? Que se se ligaram ao Partido Comunista e depois deram um golpe logo

- Ah!

Benedito Nunes - Dias depois mesmo

- É

Benedito Nunes - Se não me engano ou meses depois sei lá

- E nessa época o Ruy Barata já era professor da universidade

Benedito Nunes – É essa época ele era professor da universidade, nós éramos professores da universidade, eu era professor da universidade

Benedito Nunes – Bom, então nessa época...tenho a impressão que o Benedicto estava em grande atividade política, porque eu não me lembro tê-lo visto, nessa, nessa época aqui em Belém, não me lembro

- É, é, é porque é justamente isso, que eu queria saber eu quero me situar porque ele é tem, tem, na minha pesquisa tem, ele dá algumas dicas por exemplo quando ele diz que a, a, a questão literária dele vai ter maior é, start, quando ele sai da, do cárcere, né? das, das prisões militares na, na em setenta na década de setenta e ele se decepciona por exemplo com Carlos Marighella que

Benedito Nunes – Sei, ele esteve preso na Aeronáutica

- É, na Aeronáutica é

- Ai ele se decepciona com Carlos Marighella, porque eles foram da Assembléia Constituinte em 46, se eu não me engano 46, por ai e o Marighella, não, não o reconhece e ai ele chega a conclusão que a vida pública dele está acabada e ai ele vai pra o lado da literatura que é quando ele escreve Carros dos Milagres, né?

Benedito Nunes – Carro dos Milagres foi a primeira coisa que ele escreveu

- Foi a primeira coisa e...

Benedito Nunes – Ai depois é que entra naquele ciclo

- Justamente

Benedito Nunes – {inaudível}Cabra da peste

- Começa com a Tetralogia e depois ele fala a como é na, na trilogia depois a Tetralogia que ele fecha com, com , Aquele Um que é só a questão lingüística

Benedito Nunes – Isso, isso

- Do Cabra da peste

Benedito Nunes – Cabra da peste

- Mais ai tem uma citação...

Benedito Nunes – Alfonsus Guimarons

- Justamente, e ai o senhor o situa ele em que na literatura, na sua análise como crítico, ele ta o que, regionalista, o que o senhor acha que...

Benedito Nunes – Eu acho que é o seguinte, o regionalismo era muito limitado, o regionalismo que vingou em 22 depois de 22 na Nordeste etecetera, etecetera e tal, então na mente começou a se fazer uma literatura que era regional sem ser regionalista,

- Regionalista

Benedito Nunes - Entendeu? isso era então o mérito que eu via justamente no livro até disse para ele que era um romance contextual eu cito numa crítica minha, não sei se viu isso?

- Vi

Benedito Nunes – Pois é!

- E ele, ele, ele aceita essa sua, essa sua visão que ele, ele coloca realmente que toda a escrita dele roman, romanceada é contextual

Benedito Nunes – É, é , contextual

Benedito Nunes – Hem, é uma tentativa de criar digamos assim de criar uma espécie de linguagem é, própria do caboclo que não se..., fosse ao mesmo tempo regional no sentido estrito da palavra. Porque é uma linguagem literária!!! não deixa de ser uma linguagem literária

- É porque por exemplo uma das coisas que eu achei diferente é que antigamente se escrevia e toda a vez que tinha um discurso era aspeado quando e ele, ele usa no texto como corrido, né?

Benedito Nunes – É, é

- Essa é uma das características

Benedito Nunes – É corrido, como Guimarães Rosa faz em Grande Sertão. A influência tenho a impressão, grande influência, Grande Sertão publicou em 1956, Benedicto Monteiro é posterior, né?

- Bem posterior

Benedito Nunes – Então tenho a impressão que há uma influência dessa área

- Mas aí não sendo regionalista, e sim um romance regional

Benedito Nunes – Regional, exatamente, exatamente. É , então é alguma coisa que acontece na literatura brasileira. Isso foi descrito pelo Antônio Cândido, isso aí que tem que mostrava que agora chegava a vez do trans-regionalismo quer dizer alguma coisa que estava a serviço da região entretanto não ficava no limite dela, é o caso de Guimarães Rosa

- É

Benedito Nunes – Que linguagem tem Guimarães Rosa? É uma linguagem que é realmente formada por palavras que não são apenas palavras daquela região dos Gerais ele conseguiu formar um idioma literário dentro da Língua Portuguesa

- Até porque por exemplo eu acho o que me chama a atenção por exemplo na obra do Benedicto é primeiro a preocupação dele em informar então o senhor já teve contato, né? com a obra, então ele começa botando os clips informativos do que está se... acontecendo no mundo

Benedito Nunes – É isso aí tem no primeiro

- Tem no primeiro, ele, ele continua com isso até o final, com exceção do,do, do último do *Aquele Um* e me chamou atenção isso aí, porque é o tipo de uma, de uma estrutura que é muito parecida com o que a gente vê hoje na internet que eles chamam de clipping que é você dá várias notícias assim, né? é, nos Estados Unidos aconteceu isso, na Rússia aconteceu aquele negócio

Benedito Nunes – Ah! Mas isso é muito comum no romance... contemporâneo

- É? Mas...mas, a partir de que época?

Benedito Monteiro – É, o romance fragmentário, a partir da década de 30, Estados Unidos fez muito, Johnny Stanleyback fez isso, Jonhnny do espaço fez isso. Isso é muito comum no romance americano que é uma grande contribuição do Estados Unidos é o romance

- Então, então...

Benedito Nunes – Então os grandes romancistas realmente fizeram isto como por exemplo o Faulkner né? que foi o supra-sumo dentro do romance americano

Benedito Nunes - É preciso contar com essas coisas todas, né?

- Pois é mais ai, professor. Eu fico pensando assim eu fico preocupado com a estrutura, por exemplo essa estrutura que o senhor esta falando que tem o pé lá nos Estados Unidos o Guimarães Rosa não trabalha com este tipo de estrutura, né?

Benedito Nunes – Trabalha e não trabalha, porque o Guimarães Rosa pega por exemplo, qual a estrutura do Guimarães Rosa? Isto é subjetivo tem o narrador que é o sujeito que conta tudo que acontece né? Teobaldo em que ele vai narrar diante do sujeito erudito [ininteligível]

Benedito Nunes -Então o Guima Rosa tinha conhecimento disso tudo é e por meio dele essas coisas chegaram até nós quer dizer o insipiente veículo para nós[inaudível]

- Até porque ele era extremamente erudito, né?

Benedito Nunes – Ele era extremamente erudito, exatamente

- Tem uma ligação forte, quer dizer na verdade, essa, essa, essa...

Benedito Nunes – Agora você vê também que na época o que mudou a influência do meio Guimarães Rosa sobre outros romancistas nossos, o Haroldo Maranhão por exemplo que é uma outra linguagem uma outra linguagem, mas você vê que ele tende a fazer um romance que não é o romance regionalista. Quer dizer a coisa que é digamos desconjurada é o regionalismo pontal, né?

- Já a gente aqui, né? recente que a gente que as pessoas não gostam do regionalismo, né? mas na época que surge

Benedito Nunes – É eles não querem a influência deles do romance do nordeste que era José Lins do Rêgo, em torno do Graciliano Ramos que já supera isso tudo

- Pois é professor, então a, então eu posso, e, quer dizer com relação a linguagem então do e a estrutura que o Bené usa do seu ponto de vista existe forte influência do, do Guimarães Rosa, né? e qual seria então a novidade do Bené em termos de, de linguagem literária

Benedito Nunes – É de que pra fazer isto em termos da região Amazônica. Quer dizer colocar este mesmo indivíduo que está em Grande Sertão não é, é digamos para um universo lingüístico muito grande colocar na Região Amazônica

- Ele reduzir, ele traz pra a Amazônia

Benedito Nunes – Ele traz pra a Amazônia

- E ai ele...

Benedito Nunes – E ai ele faz o contextual, que eu chamo de contextual, justamente o contexto da Região Amazônica

- E no, no...

Benedito Nunes – E ai ele se relaciona com alguns romancistas da, sul-americanos, né?

- E qual seria por exemplo...

Benedito Nunes – Ele pega a tradição do Inglês de Sousa, porque Inglês de Sousa tem isso

- Pois é, é isso ai. E qual seria então essa...tem um, tem um...

Benedito Nunes – Inglês de Sousa, José Veríssimo etecetera e tal

- Teria uma ligação

Benedito Nunes – É porque eles ainda estavam num chamado um realismo, mas Inglês de Sousa se afasta um pouco disso é um realismo chamado naturalismo,

- Tá certo

Benedito Nunes - Que deu, que deu no Brasil [inaudível]...Nina Ribeiro essa coisa toda, naturalismo, quer dizer baseado na idéia que o homem age pelos seus instintos eeh... uma coisa que tá meio que um pouco limitada

- É verdade

Benedito Nunes - Então é isso que é quebrado justamente do ponto de vista. José Lins do Rêgo por exemplo O menino do engenho é uma coisa muito subjetiva, né?

- Hum,hum

Benedito Nunes – Quer dizer o narrador ele procura... se iden...identificar com a sua infância, é a infância dele que está narrando né?, isso vai entrar na literatura brasileira e Guimarães Rosa vai sumarizar essa coisa toda

Benedito Nunes – Mas eu tenho a impressão que o Bené tem raízes [inaudível] nesse sentido em que se formou na época o romance contextual, não é? que houve essa grande contribuição de Guimarães Rosa né ? É, que ele realmente fez a coisa em âmbito regional aquilo que se fazia é, em âmbito maior nacional, não é? De modo que o Bené teve, deu a sua contribuição, não é? e oscilante, essa coisa toda depois entrou na [inaudível] e creio que voltou a política

- Interessante, o senhor, o senhor escreveu, o senhor só fez o comentário do Verdevagomundo da, no início, né? o senhor fez, né?

Benedito Nunes – Eu acho que Carros dos Milagres, também

- Carros dos Milagres, né?

Benedito Nunes - Primeiro foi O Carros dos Milagres, depois que veio Verdevagomundo

- Verdevagomundo

Benedito Nunes – Isso foi publicado, o negócio não se divulgou isso muito, porque naquele época eu publicava muita resen., resente, como chamam os portugueses pra uma revista portuguesa chamada Colóquio então eu tenho a impressão que essas coisas do Bené eu publiquei nesta revista Colóquio

- E ai ficou só pra, em Portugal isso ai

Benedito Nunes – Tenho a impressão que isso não foi transcrito aqui, talvez tenha sido transcrito, não sei se foi transcrito eu não me lembro

- A revista é Colóquio

Benedito Nunes – A revista portuguesa chama-se Colóquio

- Colóquio, naquela época

Benedito Nunes – Naquela época, eu colaborava muito com eles

- Era década de 70

Benedito Nunes – Era década de 60...67

- 70, né?

Benedito Nunes – 70, é

- Ai quer dizer no Brasil e principalmente aqui não circulou, isso ai

Benedito Nunes – Acho que no Sul circulava, em universidade circulava, também, bastante até...

Benedito Nunes – Eu acho, bom muito bem Guimarães Rosa [inaudível] mas aqui do ponto de vista regional, eu tenho a impressão que houve um influxo para não dizer influência muito grande do Dalcídio Jurandir, Dalcídio Jurandir quase não se fala nele. Mas eu tenho a impressão que Dalcídio Jurandir foi [inaudível] escamoteado

- Mas,.. ele se escamoteou ou alguém

Benedito Nunes – Não ele foi escamoteado, quer dizer você usa Dalcídio, mas não cita, passa adiante

- Mas o senhor tem uma noção, do seu ponto de vista porque isso aconteceria, acontece

Benedito Nunes – Ah! É de novo a questão da atividade política

- Hum, hum, porque ele era ativista do PC, né?

Benedito Nunes – Do PC, então durante muito tempo o Dalcídio foi [inaudível] apesar de todas [inaudível] era o Jorge Amado que interferia

- Que também era do PC

Benedito Nunes – Que também era do PC, mas Jorge Amado já tinha subido muito, né? Então era uma espécie de estrela, e ajudou, Jorge Amado era muito generoso, ele auxiliou muita gente.

Benedito Nunes -... escritores como trataram isso que o Benedicto, o Bené Monteiro pegou também, como o Haroldo Maranhão tratou, como ele entrou na literatura, como... ele fez...aquele “Rio de Raiva”... é toda a questão regional do Barata, do Assunção...as grandes potências...o Haroldo, ele era neto do Paulo Maranhão, mas tinha as suas convicções políticas, ele era do nosso grupo. Então naquele tempo valia muito a questão do [inaudível] engajamento, quer dizer você não pode fazer uma literatura independentemente do homem...

De: wanda monteiro [monteiro.wanda@gmail.com]
Enviado em: quinta-feira, 19 de junho de 2008 12:11
Para: Daniel Fernandes
Assunto: Re: Pêsames

Caro Daniel

Emocionada com suas palavras e com sua homenagem , agradeço muitíssimo sua mensagem em nome da família de Benedicto Monteiro.

Um abraço fraterno.

Wanda Benedicta Monteiro

Ps.. coloco-me à sua disposição para colaborar com a finalização de seu trabalho.

Em 18/06/08, **Daniel Fernandes** <dasfer@ibest.com.br> escreveu:

Wanda

Meus pêsames, extensivo a toda Família Monteiro. Estive no velório, por volta das 1400h, só falei com seu irmão e uma de suas irmãs, bem como, o Carlinho.

Já finalizada minha tese, tendo Bené como um Geppeto construtor de vários Pinnocchios, alguns já transformados em humanos outros ainda em forma de bonecos de pau, antes da ida de Benedicto/Miguel. Então, voltei a tomar contato com a mesma para fazer uma referência a sua partida, a qual, tirei da última página da *Terceira margem*.

D-E-U-S. Eu mesmo, o senhor pensa, não escutei mais nada. Quis me agarrar numa linha qualquer, da água, da noite, do céu, do horizonte e até do pensamento. Tudo era espaço e tempo vago. Verde e vago. Verde vago mundo. E provavelmente tudo que pôde encontrar foi "todos os verdes e todas as cores se resumirem naquela praia. E não tinha princípio nem fim: era uma distância. Era paresque também uma margem... mas uma outra margem..." (Monteiro/Geppetto/Miguel dos Santos Prazeres. 1995, p.189)



Benedicto Monteiro um mês antes de seu falecimento

<http://www.orm.com.br/oliberal/>

Adeus e obrigado, meu amigo!

Este trabalho dedicado a você, na margem em que quer que estejas.

Daniel Fernandes

--

Wanda Bene